



**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, NÍVEL DE MESTRADO E
DOUTORADO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ**

SILVIA MARIA SOARES DO PRADO

REMINISCÊNCIAS: VOZES E IMAGENS DE CASCAVEL-PR

CASCAVEL - PR

2020

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Prado, Silvia Maria Soares do
Reminiscências: Vozes e Imagens de Cascavel-Pr /
Silvia Maria Soares do Prado; orientador(a), Acir Dias da
Silva , 2018-2020.
134 f.

Dissertação (mestrado profissional), Universidade
Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, Centro de
Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em
Letras, 2018-2020.

1. Narrativas. 2. Pioneiros . 3. Fotografias. 4. Memória
. I. Silva , Acir Dias da . II. Título.

SILVIA MARIA SOARES DO PRADO

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, nível de Mestrado e Doutorado, na área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados.

Orientador: Prof. Dr. Acir Dias da Silva

CASCADEL – PR

2020

SUMÁRIO

1. LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA.	11
1.1 MEMÓRIA, HISTÓRIA E TESTEMUNHO	16
1.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE	23
1.3 MEMÓRIA E CULTURA	31
1.4 MEMÓRIA, HISTÓRIA E ORALIDADE	34
2. FOTOGRAFIA E DOCUMENTÁRIO: OLHARES PARA O DOCUMENTÁRIO SANTIAGO	42
2.1 O DOCUMENTÁRIO ENQUANTO TESTEMUNHO DA MEMÓRIA	53
2.2 O DOCUMENTÁRIO ENQUANTO FICÇÃO DA MEMÓRIA	57
2.3 O DOCUMENTÁRIO ENQUANTO NARRATIVA DA HISTÓRIA	58
2.4 CRUZAMENTOS IMAGÉTICOS DA MEMÓRIA	62
3. REMINISCÊNCIAS, VOZES E IMAGENS DE CASCAVEL	70
3.1. REMINISCÊNCIAS VISÍVEIS DO EU	71
4. ESCRITURAS E PROCESSOS: LINHAS, ANOTAÇÕES E MAPAS	82
4.1 DIÁRIO DE BORDO	83
4.2. BREVES BIOGRAFIAS	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS: CARTOGRAFIAS DO TEMPO EM FRAGMENTOS	114
REFERÊNCIAS	128
REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS	

RESUMO: Esta dissertação visa estudar referenciais teóricos, bem como a realização de coleta de dados com entrevistas em vídeos e a produção de um documentário, utilizando depoimentos de pioneiros na preservação de valores imensuráveis expressados na memória histórica, social e cultural da cidade de Cascavel/PR, Brasil. Desta forma, valorizando as histórias narradas vivenciadas por mim, conectando-as com as histórias dos pioneiros. Em síntese, o objetivo é ampliar a compreensão, a metodologia utilizada nos estudos comparados, conceituando a oralidade, a memória e o testemunho como fonte de pesquisa. Com a premissa e o embasamento dos seguintes teóricos: Ecléa Bosi (1995; 2003), Maurice Halbwachs (2018) e João Carlos Tedesco (2001), priorizamos a memória individual e coletiva expressadas por narrativas que são instrumentos de compreensão de valor histórico, os sujeitos de certa forma anônimos à história oficial. Diante disso, observam-se as expressões e impressões, nas quais se traduzem em informações, curiosidades, valores e saberes culturais. Assim, os depoimentos dos pioneiros trazem memórias vividas, de maneira que expressam a identidade e as histórias cotidianas da cidade. Corroborando com suas histórias carregadas de sentimentos, experiências e ensinamentos sociais e culturais, muitas vezes distantes dos livros. Por fim, mencionamos o depoimento de Santiago de João Moreira Salles (2007), que desperta a importância de registro da oralidade para preservar as histórias junto a família Salles. Corroborando com a produção do filme documentário “Reminiscências: Vozes e Imagens de Cascavel-PR” (2020), que traz raízes e heranças do passado dos pioneiros, fotografias históricas do acervo do Museu da Imagem e do Som de Cascavel-PR e histórias da adolescência desta pesquisadora.

Palavras-chave: **Narrativas; Pioneiros; Fotografias; Memória; Documentário.**

ABSTRACT: ABSTRACT: This dissertation aims to study theoretical references, as well as conducting data collection with video interviews, and the production of a documentary, using testimonies from pioneers in the preservation of immeasurable values expressed in the historical, social and cultural memory of Cascavel city, from Paraná State, Brazil. Therefore, valuing the narrated stories experienced by me, connecting them with the stories of the pioneers. In short, the goal is expanding the understanding, the methodology used in the compared studies, conceptualizing the orality, the memory and the testimony as a research source. With the premise and the basis of the following theoretical, Ecléa Bosi (1995; 2003), Maurice Halbwachs (2018) and João Carlos Tedesco (2001), we prioritized the individual and collective memory, expressed by narratives that are instruments for understanding of historical value, the somewhat anonymous individuals of official history. Therefore, it is observed the expressions and impressions in which translate into information, curiosities, values and cultural knowledge. Thus, the testimonies of the pioneers bring vivid memories, in a way that express the identity and everyday stories of the city. Corroborating with their stories full of feelings, experiences and social and cultural teachings, often far from books. Finally, we mentioned the testimony of Santiago de João Moreira Salles (2007), which awakens the importance of the orality recording to preserve the stories with Salles Family. Corroborating to the production of the documentary film “Reminiscences: Voices and Images of Cascavel-PR” (2020), which brings roots and legacies from the past of the pioneers, historical photographs from the collection of the Museum of Image and Sound of Cascavel-PR and stories from the adolescence of this researcher.

Keywords: Narratives; Pioneers; Photographs; Memory; Documentary.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela a vida, por ser abençoada por ter uma família unida e incentivadora, e aos profissionais que foram acrescentados na jornada dos estudos. Ao Programa de Pós-Graduação em Letras-Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), representado pela Coordenadora Dra. Dantielli Assunção Garcia. Aos professores e amigos do Mestrado sou imensamente grata por terem compartilhado comigo seus amplos conhecimentos e experiências na produção destes novos saberes. Aos professores que integraram a banca de qualificação, na qual apontaram referências e sugestões para a finalização da defesa, professora Dra. Lourdes Kaminski Alves e professor Dr. Antônio Donizeti da Cruz. Ao orientador professor Dr. Acir Dias da Silva, extremamente atencioso, motivador de uma sensibilidade ímpar no que se refere às artes e às linguagens híbridas, cujas aulas, me trouxeram reflexões, discussões, aprofundamento dos conteúdos e mediação do processo árduo da pesquisa, que possibilitou que eu fosse protagonista junto com os pioneiros. Senti-me honrada por terem participado deste momento tão importante para meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional. Nunca imaginei que minhas histórias pudessem ser contadas em um trabalho de mestrado com direito a realização de um documentário denominado “Reminiscências: Vozes e Imagens de Cascavel-Pr (2020). Ao esposo Geraldo Magela de Souza, responsável pelo incentivo na minha formação continuada, em nível de mestrado. Aos amados filhos Geovane Marcelo do Prado Souza e Giuliano Magela do Prado Souza, às minhas noras, Simone Pottemaier e Luiza Vaz Magela. Ao filho Giuliano e a nora Luiza por terem a paciência e dedicação na produção do documentário produzido por eles, profissionais da Agência Azusa. Agradecimento especial aos pioneiros a seus familiares, que ao longo do tempo me receberam em suas casas e compartilharam suas histórias e experiências de vida. Ao carinho da minha mãe, Catarina Prado e as irmãs Jucelene, Eliane e Silvane, ao irmão Luciano Prado e Cunhada Carla, aos cunhados Cleberon e Sanderson Lenser. Aos Secretários de Cultura e Esportes, Ricardo Bulgarelli e Walter Parcianello pelo apoio aos estudos. A minha grande amiga Museóloga Karina Muniz Viana, que ajudou nos primeiros passos do mestrado.

INTRODUÇÃO: INCOMPLETUDES DA LEMBRANÇA

“A memória é a consciência inserida no tempo”

Fernando Pessoa

Partindo das narrativas espontâneas, a importância da memória ressaltada na pesquisa de Ecléa Bosi (2003) na qual traz os narradores como agentes sociais, demonstrando as expectativas de suas histórias de vidas como intermédio cultural.

Sendo assim acredito que uma lembrança rememorada pode trazer elementos fundamentais para serem analisados. Assim como a fotografia histórica, nos permite refletir sobre o passado naquele momento da imagem, as memórias narradas dos pioneiros de Cascavel-PR, essa memória oral é marcada por transmissão de valores, esses depoimentos trazem ressignificação do passado, as narrativas dos pioneiros possuem um caráter poético, histórico e cultural.

Diante disso, a pesquisa buscará os depoimentos dos pioneiros como fontes de pesquisa e angariando valores étnicos, sociais e culturais dessas famílias da área rural e urbano, mas que não foram protagonistas da história oficial. Para corroborar com a temática das narrativas orais com depoimentos espontâneos a autora:

"Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual" (ECLÉA BOSI, p.55,1994).

Sendo assim, nos propusemos a registrar por meio de depoimentos filmados as narrativas e histórias contadas pelas vozes da experiência, conversando com pioneiros da cidade. Nessa perspectiva, as entrevistas orais das histórias vivenciadas, com seus depoimentos acerca da história desses personagens escolhidos, são pessoas simples que trouxeram histórias de superações ao longo do desenvolvimento e formação da cidade.

A pesquisa de campo, com coleta de dados, ou seja, os depoimentos espontâneos gravados, dos pioneiros entrevistados revelam oralmente suas trajetórias de vidas, trazendo

para a pesquisa histórias cotidianas através do testemunho, permite que o conhecimento possa ser interpretado.

Assim, todo o conhecimento abordado, expressa a cultura e as tradições orais sendo essencial para construção da pesquisa, visto que as costumes e cultura antes de estar escritas passam pela oralidade em suas comunidades.

Com esta frase, acredito que os moradores de uma cidade são fundamentais para trocar e compartilhar suas memórias contextualizando com a biografia da cidade, trazem à luz conhecimento e reflexões que atravessaram o tempo e a história, por isso a importância de registrar os depoimentos de pessoas anônimas pois, são cidadãos da própria história. Assim sendo, contribuindo com a ideia, o autor diz:

“ A Memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura”.(Eclea Bosi, p.15,2003).

Sendo assim, encontramos o caminho para a pesquisa com os depoimentos com os idosos, denominados pioneiros de uma comunidade, como a oralidade tem o potencial para contextualizar fatos cotidianos, políticos, culturais e pertinentes à curiosidade do pesquisador, sobre os pioneiros no desenvolvimento histórico da cidade.

Para tanto iremos abordar aspectos da história de Cascavel, o surgimento da vila, da cidade, e para dar o suporte visual desse processo e subsidiar as informações do contexto da história buscaremos o acervo do Museu da Imagem e do Som de Cascavel-PR, ilustrando o texto, trazendo fotografias históricas por categorias sendo os aspectos rurais: colonização, desmatamento, casebres, caça, estradas etc. E a categoria com sinais de urbanização, escolas, ônibus, poço de água.

A pesquisa fundamental o acesso e a pesquisa no Museu da Imagem e do Som de Cascavel-Pr, local onde trabalho há onze anos, localizado no Centro Cultural Gilberto Mayer, foi Criado pela Lei Nº 1991/88, de 21 de abril de 1988, vinculado à Secretaria de Cultura. Têm a finalidade de resgatar, inventariar e preservar os bens pertencentes à memória artístico-cultural e histórica da cidade de Cascavel.

Tornou-se um instrumento importantíssimo de apropriação e difusão dos elementos iconográficos referentes à cultura, política e economia da cidade de Cascavel e região Oeste do Paraná. Atualmente conta com arrojado acervo de 50 mil documentos entre fotos, negativos, fitas de vídeo, slides, filmes em super 8, 16 e 35 mm que remontam o período da colonização e desenvolvimento da cidade de Cascavel que trazem consigo um valor histórico inestimável, tornando-os imprescindíveis para o fomento das futuras pesquisas.

Para contextualizar também trazemos o livro “Cascavel a História” do pioneiro e autor Alceu Sperança (1992), originalmente a cidade começou a atrair os moradores pioneiros da região devido ao ciclo da madeira, o município de Cascavel foi emancipado no dia 14 de novembro de 1951, por meio da Lei Estadual nº 790, desmembrando-se de Foz do Iguaçu, no final da década de 1970, a industrialização teve um impulso, concomitantemente com o aumento da atividade agropecuária, do comércio e da prestação de serviços.

E ainda fazendo a mediação e conectividade com as histórias da minha infância e juventude, trazendo aspectos da vida cotidiana na Comunidade de São Salvador, interior do Município de Cascavel-PR. As histórias de vidas se cruzam, pois, o trabalho de preservação da história oral, realizada durante onze anos, fez com que pudesse conhecer pioneiros que tinham histórias parecidas com a minha. Principalmente o quesito migração do Rio Grande do Sul, país para o Paraná.

Considerando a dissertação e o desenvolvimento do tema proposto, a pesquisa realizada no Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e outros sites e bancos de dissertações e teses de Universidades, levando em consideração a ideia principal da pesquisa, ou seja, a literatura oral e testemunhal, os documentários, as narrativas orais, a memória individual e coletiva, constata-se que o tema tem um campo vasto de informações, teses, dissertações, artigos, etc.

Diante disso, os trabalhos acadêmicos que trouxeram algumas contribuições de cunho estético, cultural e social, têm como objeto principal depoimentos de pessoas, principalmente personagens deixados à margem da história.

Assim, em pesquisa realizada no Portal de Periódicos da CAPES, Universidades Brasileiras, entre as quais: Universidade Estadual de Santa Catarina, Universidade do Oeste do Paraná-UNIOESTE, Universidade de São Paulo-USP e Universidade Estadual de Campinas -UNICAMP, nas quais evidenciam propostas pesquisadas no âmbito da memória,

é pouco encontrada, então, pode-se dizer que o campo da pesquisa é extenso para debates, estudos e publicações, com a premissa de estudos comparados por meio de literaturas e biografias indicadas para o decorrer deste estudo.

Desse modo, a pesquisa é pautada no testemunho oral e nas memórias dos pioneiros da cidade de Cascavel/PR, com a finalidade de agregar conhecimento, bem como suas histórias familiares, com releituras da nossa história, cada personagem aqui retratado tem perspectivas diferentes do que era a cidade em meados da década de 1940 a 1960.

Será mediante a oralidade que percorremos o campo do conhecimento empírico, ou seja, as tradições, a identidade, o cotidiano e as curiosidades sobre o contexto familiar.

As histórias contadas e registradas em vídeos, bem como escritos sobre o contexto da colonização do município observadas, mesmo que não esgotadas as possibilidades de captação de informações memorialistas.

A carência de material didático sobre a História de Cascavel é perceptível, neste aspecto, realmente existe uma preocupação em preservação da história por meio de pesquisas de historiadores e pioneiros que contam suas histórias em livros, mas ainda precisa-se investir mais nesta seara do conhecimento. Os valores da vida cotidiana representada por estes protagonistas nos ajudam a compreender as dificuldades e superações destes cidadãos que enfrentaram as aberturas de estradas, as primeiras estruturas, a falta muitas vezes de condições básicas de saúde.

Nesse sentido, este trabalho de Mestrado tem por objetivo instigar escritores, mestrandos, doutorandos a realizar novas publicações acerca da história da cidade, trazendo novos personagens que estiveram nos esconderijos da história.

Nessa perspectiva, mencionamos algumas pesquisas sobre o tema entre as quais abordam a literatura oral, a fotografia e a memória, sendo assim observadas como apresentando: a autora Karla Simone Willemann Schütz, em “Lembranças revisitadas: o laboratório de história oral da UFSC e as entrevista de Simão Willemann - memória e história oral em Santa Catarina (1975-2013)”, tais discussões teóricas são relevantes no contexto histórico, como a proposta da linha de pesquisa desta instituição com a preocupação de preservação histórico-cultural da cidade.

Outro trabalho de relevância, que investigou as narrativas de memória contadas por pessoas idosas e, em paralelo a isso, o valor das fotografias pessoais e lembranças por elas despertadas na Dissertação apresentada para o Centro de Ciências Humanas e da Educação

(FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), o projeto cultural desenvolvido em 2007 e 2008, na cidade de Londrina-PR, da autora Tati Lourenço da Costa (2008), intitulada: “Palimpsestos fotográficos: Imagens, lembranças e identificações em narrativas de memória por pessoas idosas”. A pesquisa traz aspectos interessantes e relevantes para os estudos também desenvolvo em Cascavel-PR, por meio do registro histórico dos pioneiros e suas narrativas, ocorrido desde 2009 a 2020, na Secretaria de Cultura e Esportes, por meio do Museu da Imagem e do Som.

Assim como a dissertação denominada “A roça da estância: memória e experiência de trabalhadores rurais nos aparados da Serra 1940-1986”, na qual o pesquisador Frank Cardoso Lemmertz, Mestrado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina – 2014, busca historicistas do cotidiano de um grupo de famílias que se instalaram na encosta da Serra Geral no início do século XX para iniciar na agricultura que alimentava as estâncias serranas. Conforme cita o autor do trabalho: “Foi da memória de um homem de 78 anos de idade que surgiram os primeiros relatos desta história”. Por essa razão, encontramos semelhanças e acreditamos ser uma pesquisa importante no que tange o registro histórico de memórias de idosos.

Por fim, encontramos nos sites um manancial de trabalhos na área da literatura oral, o “empréstimo do método” da História Oral ou da abordagem cartográfica, que se percebe que existem poucas publicações acerca de documentários e registros de depoimentos orais na qual prioriza-se moradores anciãos das cidades, estados ou nação, geralmente encontramos com uma proporção maior de heróis da história, deixados de lado atores anônimos.

Nessa perspectiva, encontramos o trabalho interessante da pesquisadora Danieli dos Santos Pimentel (2017) em sua dissertação: Cartografias poéticas em narrativas da Amazônia: Educação, Oralidades, Escrituras e Saberes em diálogo do Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação (PPGE) da Universidade do Estado do Pará (UEPA), nos ajuda a compreender a importância do registro das narrativas orais.

Ao propor uma pesquisa sobre o tema e fontes históricas, por meio de inúmeros contextos em que a literatura oral evidencia as narrativas de pioneiros pelas suas experiências, do cotidiano, da família e das histórias relacionadas ao desenvolvimento da cidade de Cascavel/PR, com a intenção de preservar a oralidade dos pioneiros com as gravações em vídeo e na sequência a produção de um documentário.

A pesquisa com pioneiros da cidade na forma de entrevistas, com a coleta das histórias de vida e lembranças, no sentido de conhecimento da cultura, identidade e das tradições desses personagens que fizeram parte do processo de desenvolvimento econômico da cidade.

Os personagens entrevistados podem dizer ou negar seus pontos de vista e histórias e cabe ao registro oral a permanência das histórias socializadas, pois a oralidade também favorece o enriquecimento do saber.

Tais narrativas colaboram para a construção da memória e as lembranças que podem ser contextualizadas como uma parte do conhecimento imaterial transmitido por meio de depoimentos orais dos pioneiros que serão como “alguns tijolos” para a releitura da história de Cascavel, os assuntos são coloquiais, sociais, políticos e culturais pouco registrados nos anais da história tradicional. Assim, o conhecimento e a cultura popular acabam se escoando pelo tempo.

A pesquisa é relevante para a história da cidade, assim como angariamos depoimentos espontâneos da vida dos entrevistados, almejamos com as narrativas orais gravadas em formato de vídeo ter como suporte para outras pesquisas:

“Os Velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A História, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios...”(BOSI, 2003, p.15).

Os personagens e protagonistas dessa história oral, logicamente, permite um diálogo com as disciplinas e com os teóricos de outras áreas do conhecimento, que cooperaram com a contextualização deste trabalho e ainda dialoga com a antropologia, a psicologia, a história, a geografia, a fotografia contribuindo culturalmente para o conhecimento.

1. LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA

As narrativas orais, enquanto contribuição da história corroboram com aspectos passados que são trazidos por meio da memória lembrada dos pioneiros, pois, proporcionam perspectivas vivenciadas e conhecimento empírico da cidade de Cascavel/PR.

Ao fundamentar a pesquisa com a literatura oral, os depoimentos marcados por culturas, identidade de famílias representadas com os moradores mais antigos, esses personagens que remetem a valores imensuráveis no quesito saberes sobre Cascavel,

podendo assim contribuir de forma dinâmica e espontânea no que se refere à memória, evocando as vivências do passado e suas experiências, afinal, tanto a memória quanto o esquecimento pode ser revelado por meio do testemunho.

A oralidade e a literatura testemunhal trazem à tona a lembrança do entrevistado, as impressões e a sabedoria transmitida com a narrativa oral, revelando assim a cultura, a história e as tradições, pois fizeram parte do engajamento e do desenvolvimento da cidade, vivenciando, participando ou se apropriando dessas informações no sentido de estar acompanhando o crescimento da cidade e da história, mesmo que ainda em sua fase embrionária.

Neste viés, a literatura oral ajuda a construir de forma que podemos encontrar e revelar as histórias cotidianas e o simbolismo nos diversos assuntos sobre o real vivido por pioneiros, revisitando suas lembranças, reelaborado assuntos pertinentes à história local, como corrobora o autor:

Na literatura de testemunho não se trata mais a imitação da realidade, mas sim de uma espécie de manifestação do “real”. É evidente que não existe uma transposição imediata do real para a literatura: mas a passagem para o literário, o trabalho do estilo e com a delicada trama de som e sentido das palavras que constitui a literatura é marcada pelo “real” que resiste à simbolização (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.382-383).

Ainda corroborando com as reflexões sobre o testemunho, Le Goff (2003), contrapondo a Pierre Nora (1983), conceituou a memória coletiva como ferramenta de manipulação dos poderes e das forças sociais. Nessa ideia, o esquecimento e a preocupação das classes sociais dos grupos dominadores nas sociedades históricas eram recorrentes.

Também abordaremos fotografias históricas que estarão inseridas durante o desenvolvimento da pesquisa para contar, narrar e despertar a curiosidade da história da cidade de Cascavel, e também aguçar a curiosidade do leitor quanto à história, testemunho e as particularidades de cada imagem representada na esfera documental do município de Cascavel.

Figura 01: Categoria urbanização: Moderno de Peados Hartemman



Foto Moderno do fotógrafo Peados Hartemman, à esquerda, ao fundo o fotógrafo. Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Década de 1960. Cascavel/PR.

O acervo do Museu da Imagem e do Som, preservam o passado, a imagem 1 (um) mostra-se um local em meados de 1960 em Cascavel, registros fotográficos sobre a cidade no Oeste do Paraná. As informações repassadas por meio de oralidade de alguns pioneiros contam que seria o segundo fotógrafo da cidade Peados Hartemmann, que contribuiu para o registro fotográfico da cidade.

A fotografia nos permite dizer que as impressões das histórias factuais são distintamente elucidadas por meio de depoimentos, que muitas vezes o pioneiro retoma o fato e a história do seu tempo de maneira e ocasiões diversas do tempo linear, mas traz o que marcou a sua experiência e história de época, nessa perspectiva o autor corrobora com essas afirmações entre o presente o passado:

Tal como as relações entre memória e história, também as relações entre passado e o presente não devem levar a confusão e ao ceticismo. Sabemos agora que o passado depende parcialmente do presente. Toda História é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, a seus interesses, o que não só é inevitável como legítimo (LE GOFF, 2003, p.51).

Diante disso, as fontes fotográficas e orais são reconstruções da história, as narrativas, o testemunho oral evidencia as legítimas particularidades do passado e valida a voz dos pioneiros naquele tempo vivido, são subsídios permitidos pela oralidade e do testemunho.

Para dar o suporte necessário do testemunho e do registro fílmico documental mencionando DA-RIN (2008), que por meio do documentário traz como identidade cultural as congadas, ou seja, as linguagens que se apropriaram da pesquisa folclórica, música e da

fotografia, dão indícios que pode ser preservada em filme para ilustrar as histórias em narrativas e memórias da cultura manifestada enquanto tradição:

Ao invés de constituir-se em mais um destes produtos da indústria cultural, que tenta assimilar a lógica de seu objeto e oferecer-se ao consumo no lugar dele, a estratégia do filme consiste em recortá-lo e oferecer ao espectador a diversidade de seus cacos, uma malha feita de signos diversos, sobre enfatizando assim o seu caráter puramente textual (DA-RIN, 2008, p. 190).

A imensa contribuição da literatura documental, seja oral ou escrita, a memória individual e coletiva, seus respectivos depoimentos, são maneiras encontradas de esclarecer e trazer novas informações sobre determinado assunto da cidade.

A pesquisa com os depoimentos orais é canal de ligação e complemento da história tradicional, pois, encontramos subsídios nas memórias sociais ligadas ao cotidiano valorizando os agentes históricos que trazem valores consolidados, seja na esfera econômica, social ou cultural.

Diante disso, também mencionamos as impressões sobre fotografias com os depoimentos ou áudios transcritos sobre o valor simbólico e afetivo da imagem para aquela família, nesse contexto é possível conceituar e acrescentar informações que não estão explícitas e sim implícitas ao depoente sobre determinada fotografia.

Nessa premissa, gostaríamos de evidenciar a voz dos pioneiros por meio de testemunhos espontâneos e livres para falar de seus anseios e conquistas que tiveram ao longo dos anos, ou seja, no desenvolvimento de Cascavel.

Bem como as fotografias históricas preservadas no acervo, estas imagens retratam o cotidiano e a colonização, tanto os sinais de urbanização, das aberturas de estradas, das casebres e casas, evidenciando o trabalho rural, dos meios de transportes primitivos, dos sinais de urbanização e desenvolvimento. A exemplo da fotografia a seguir que traz o pioneirismo na década de 1950, destaque para o colono e seu instrumento de trabalho.

Essas imagens podem ter inúmeras maneiras de interpretação, pois têm uma intencionalidade, porque estão preservadas para contar um determinado tempo e espaço da história de Cascavel.

Figura 02: Período Colonização: Pioneiro Américo Soares



Pioneiro Américo Soares, fazenda Centenário (Historiador Sperança, Alceu¹). Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Década de 1950. Cascavel/PR.

A fotografia é muito bem produzida, parece que o pioneiro até se preparou para o momento do retrato fotográfico, na ocasião segura o cavalo pelo cabresto e a espingarda na outra mão. Com o cachorro de estimação conhecido por ajudar na caça.

A fotografia traz a referência à imagem coloquial de cena cotidiana em Cascavel, até parece ser encenada, mas acredito que não, pois na década de 1950 a cidade ainda estava no seu início de desenvolvimento e progresso e acredito que os poucos fotógrafos tinham poucos recursos para o registro profissional. Contam os pioneiros que Peados Hartmann era um deles, solicitado para o retrato de famílias, amigos e fatos importantes. Os aspectos bucólicos e a simplicidade desta fotografia remetem ao momento de descanso ou de início de um dia de trabalho no campo.

Deste modo, a contribuição das famílias pioneiras fazendo parte da pesquisa, sendo homens e mulheres, aos quais serão entrevistados, trazendo histórias locais. Com o registro oral, encontramos uma maneira de agregar novas informações para a composição do filme documentário produzido de forma poética, histórica e cultural. Por outro lado, a pesquisadora não pioneira, mas sim mediadora desse trabalho, traz histórias da área rural para compor o documentário produzido para este estudo.

Com os depoimentos orais abarcamos as histórias e memórias para produção deste documentário sobre a história de Cascavel e seu cotidiano, nesse diapasão pela abordagem

¹ Identificada por Sperança, Alceu. (Pesquisa com o escritor, historiador e jornalista, sobre a legenda, 13 de agosto de 2019).

dos filmes da realidade seja ele ficção ou não ficção, a ideia de trazer personagens moradores denominados pioneiros de Cascavel.

“Pela memória, o passado não só vem a tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória parece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”. (BOSI, p.36,2003).

Diante disso, as percepções da memória dos pioneiros que chegaram à cidade entre 1930 a 1960, não são atores contratados, mas sim personagens da nossa história, diante do argumento de que precisamos utilizar de entrevistas para produção do documentário para esta dissertação, os personagens pioneiros escolhidos por fazerem parte do convívio do tempo da juventude está pesquisadora, assim como outros pioneiros que marcaram histórias juntamente a pesquisa com o Projeto Memória Viva de Cascavel, que preconiza o registro dos depoimentos espontâneos sobre os aspectos da colonização.

Para os estudos também traremos o filme documentário do cineasta Salles (2007), no qual traz o seu personagem o idoso e aposentado “Santiago”, mordomo da família. Ao utilizarmos a memória enquanto depoimento para a composição documentária da arte e do cinema com a narrativa oral permitirá o desenvolvimento da pesquisa sobre a literatura oral.

1.1 MEMÓRIA, HISTÓRIA E TESTEMUNHO

Ao estudar o testemunho oral, centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido, a memória traz ressignificação do passado como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos da época em que Cascavel estava em fase embrionária enquanto cidade, ou seja, era um vilarejo, Distrito de Foz do Iguaçu até a sua emancipação, em 14 de novembro de 1952, as lembranças dos indivíduos inseridos em um contexto familiar ou social, de tal forma que suas histórias ainda estão em suas memórias, podendo ser contatadas na oralidade.

Diante disso, o ponto de vista do pioneiro em relação ao imaginário nas formas narrativas orais, é primordial para registro fílmico da história, na literatura de testemunho vem corroborar para os resultados e preenchimento de contextos, causos e histórias de

Cascavel, com apenas 68 anos de emancipação política. Os temas abordados de forma inédita ou corriqueira contribuem para o fomento do registro oral, como afirma o autor:

A memória está nos próprios alicerces da História, confundindo-se com o documento, com o monumento e com a oralidade. O próprio esquecimento é também um aspecto relevante para a compreensão da memória de grupos e comunidades, pois muitas vezes é voluntário, indicando a vontade do grupo de ocultar determinados fatos. Assim, a memória coletiva reelabora constantemente os fatos (SILVA, 2009, p. 276).

Portanto, a memória da comunidade é social e faz parte do grupo ao qual pertence, podendo ser momentos e vivências dos indivíduos que despertam a curiosidade, a pesquisa e a oralidade de pioneiros que outrora ficaram silenciados, sendo assim,

No trilho da memória, as comunidades e na história se faz com oralidade, o processo de comunicação que torna possível recordar e recontar as lembranças, sendo patrimônio vivo deixado pelos nossos antepassados, o gesto de preservar essas fontes é evidenciado pelo autor:

Ao constatar que o ato de relembrar em conjunto, isto é, o ato de compartilhar a memória, e rememorar a história por meio de narrativas orais são fontes para o saber, pois almejamos com isso que o pesquisador seja alicerçado numa bagagem cultural encontrado nessas memórias coletivas e individuais desses pioneiros (THOMPSON, 1992, p. 170).

Essas evidências, das memórias individuais e coletivas, enquanto desejo latente do ser humano em construir redes de relacionamentos nas quais é possível focalizar memórias do tempo, ou seja, é o conjunto de aspectos do passado, envolvendo participantes de diferentes gerações de um mesmo grupo social, mesmo que as memórias sejam individuais são simbólicas, híbridas confirmando assim:

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções (NORA, 1993, p. 9).

Ao abrigar-se nas memórias, sob a forma de testemunhos orais e as narrativas devem ser registradas, pois vão complementar a literatura tradicional. Ao beneficiar-se das memórias individuais e coletivas tendo como ponto de partida depoimentos espontâneos.

Esta multiplicidade de memórias, origens e procedências que imprimem força às narrativas e enriquecem nossa história:

Literatura de testemunho é um conceito que, nos últimos anos, tem feito com que muitos teóricos revejam a relação entre a literatura e a “realidade”. O conceito de testemunho desloca o “real” para uma área de sombra: testemunham-se, via de regra, algo de excepcional e que exige um relato (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.47).

Com a premissa de preservar histórias cotidianas que foram participadas e detentoras do conhecimento podendo ser materiais de estudos para pesquisadores, que desenvolvam competências e habilidades como a construção da identidade pessoal e social na dimensão histórica, capacidade argumentativa, socialização de informações e sobre seu papel enquanto agente transformador, uma vez que poderá compreender que cada indivíduo tem sua história, ou seja, que são agentes históricos.

Figura 03: Período com sinais de urbanização: Estradas, meios de transportes



Cotidiano em Cascavel, não identificado o local. Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Cascavel/PR.

É evidente que as histórias possam ser perpetuadas por meio da cultura e das tradições de comunidades. Para Bosi (2009), o pensamento de preservar fontes orais tanto individuais como as coletivas é fundamental para a preservação e alicerce histórico e cultural para pesquisadores:

[...] na sua perspectiva, de as histórias velhos decaiu a arte de contar histórias por que pode ter caído no esquecimento às experiências dos avós, no decorrer dos anos ficamos mais velhos e teremos um país com milhões de velhos, ao recorrer a memórias dos vividos, é possível abarcar informações experiências, tradições que

são perdidas ao longo de tempo. Ao registrar e gravar por meio de depoimentos, podemos valorizar e identificar lacunas que não foram preenchidas com a escrita, a contação de histórias pode ser transformada em um grande alicerce histórico e cultural da nossa humanidade (BOSI, 1995, p.209).

Ao valorizarmos a oralidade, é possível perceber que as histórias contadas por nossos avós eram elementos de aprendizagem para os netos e filhos. No decorrer do tempo essa prática ficou um pouco de lado, ao identificarmos uma sociedade que tem tentado reconhecer, valorizar e registrar as fontes orais de pessoas que trazem uma bagagem de conhecimento foi deixado de lado, segundo Ecléa Bosi (1995), o velho tem as lembranças e histórias que compõem inúmeros acontecimentos históricos.

A memória como instrumento de lembranças do passado, o que esperamos de relatos e informações que cotidianamente são silenciadas com o tempo e observar atentamente as leituras de Ecléa Bosi (1995).

Diante da memória e socialização ao destacar as experiências dos avós por meio do relato oral são percebidas as experiências e a tradição dos saberes e fazeres das culturas das comunidades, a exemplo dos indígenas, a transmissão do mais velho para os demais:

A tradição oral indígena guardava não somente o registro dos feitos ilustres da tribo, para emulação dos jovens, espécie de material cívico para excitação, como também as estórias, facetas, fábulas, contos, o ritmo das danças inconfundíveis. O pajé sacerdote reservava, como direito sagrado, a ciência medicamentosa, os ritos, a breve e confusa teogonia. Os guerreiros que envelheciam possuíam o arquivo das versões orais (CASCUDO, 1984, p. 81).

Considerando a literatura oral versada pela sabedoria e conhecimento dos mais velhos, é possível compreender que as histórias e os fatos de uma memória coletiva no caso dos moradores mais velhos que enfrentaram dificuldades, desafios e o aprendizado da subsistência em meio ao desenvolvimento econômico de uma cidade.

Assim percebermos características da colonização e da relevância desta pesquisa para encontrarmos a literatura oral e a fotografia como testemunha de um tempo histórico.

Na próxima fotografia percebemos um casebre, ainda de forma primitiva o corte da madeira lascada para a construção da casa, a família moradora com muitos filhos, também fazia parte da estratégia de mão de obra, pois precisavam ajudar no plantio, na roça para o sustento familiar:

Figura 04: Período rural: Casa de tábuas lascadas e família numerosa



Casa de tábuas lascadas, família com muitos filhos para o trabalho. Década de 1956. Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Cascavel/PR.

A imagem ainda permite a releitura de vários aspectos é um registro por meio da qual podemos ressaltar o pioneirismo em Cascavel, esses moradores, colonos, contribuíram no desenvolvimento, desde as atividades da roça, desmatamento, lugares e as dificuldades da época da colonização, são sobreviventes do tempo e do espaço, da terra, das lutas. O pioneiro é carregado de sentido, pois com a convivência entre famílias e a busca por terra e oportunidade de terra isolada, porém promissora, no aspecto de produtividade da madeira aqui encontrada.

Ao nos depararmos com as reminiscências por meio de imagens fotográficas e os depoimentos, causos e histórias, realizamos o exercício de lembrar e esquecer, o silêncio sobressai em alguns fatos da vida, em que são calados pela sociedade, ao percebermos que o falar do testemunho de vida e da perpetuação da história.

Para reviver, encantar e registrar as memórias orais, é preciso estimular as lembranças desses idosos que gostam de contar, com isso permite que a oralidade e o conhecimento dos cidadãos tenham o papel fundamental em nosso aprendizado, é com as fotografias que registramos o presente e que podemos relembrar do passado, nessa amálgama está à memória do sujeito que tem sentimentos, vivências para contribuir para com a história da cidade:

A memória só existe ao lado do esquecimento: um complementa e alimenta o outro, um é o fundo sobre o qual se inscreve. Esses conceitos não são simplesmente antípodas, existe uma modalidade do esquecimento (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.53).

As fontes orais permitem trabalhar, integradamente, de forma multidisciplinar, com isso, proporciona a alunos que aprendem sobre o assunto a oportunidade de estabelecer relações entre fatos, conceitos e procedimentos das diferentes áreas para o entendimento de um fenômeno social, político e cultural por meio de relatos registrados no documentário, vindo a construir compreensões sobre um mesmo tema, percebendo-o a partir de diferentes pontos de vista de como se formou a cidade de Cascavel.

Para entender as instabilidades da história da cultura memorial, ou seja, a transmissão histórica difere da perspectiva memorial. Apesar das duas serem representação do passado o que se objetiva neste trabalho é a memória enquanto significado da identidade. Diante disso, o que se pretende é a probabilidade da representação do acontecido por meio da memória e não a exatidão das representações preconizada pelos historiadores assim podemos contribuir com a literatura e a história:

Se a História objetiva esclarecer da melhor forma possível aspectos do passado, a memória busca mais instaurá-lo, uma instauração imanente ao ato de memorização. A História busca revelar as formas do passado, enquanto a memória as modela, um pouco como faz a tradição (CANDAU, 2018, p.131).

Da mesma forma, ao evidenciar a memória e o relato oral dos fatos e contextos vividos pelos pioneiros, aliançados com a identidade dos povos contribui para a memória social, sendo ela individual ou coletiva, ajuda na compreensão e nas perspectivas da história e formação da cidade.

Para contextualizar, mencionamos Maurice Halbwachs (2013), que escreveu sobre a legítima memória coletiva, a memória é fundadora nos estudos de quando defende que a “memória histórica” que seria mais uma memória emprestada, aprendida, escrita, unificada a “memória coletiva” que seria então uma memória produzida, vivida, oral normativa, curta e plural.

A memória é um pensamento contínuo, retém o passado com o que está vivo na consciência dos grupos que as mantém, só existe a memória se houver o sentimento de continuidade presente entre a memória e a tradição.

O conceito de memória surge nas ciências Humanas-História e na antropologia, esse ocupe mais da memória coletiva que das memórias individuais, a memória como propriedade de conservar certas informações, remete-a a um conjunto de funções psíquicas graças às quais o homem pode atualizar impressões ou

informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2003, p 400).

Nas palavras do autor, a pesquisa no campo da memória, fundamentalmente as histórias que podem trazer informações e impressões ao longo do tempo. Nesse sentido, as ciências humanas por meio da história oral contribuem para que os depoimentos e as memórias individuais e coletivas agregam o conhecimento conforme salienta os estudos de Le Goff (2003).

É por meio dos vestígios da memória que será possível a releitura da história e com o estudo da memória do ser humano que encontramos valores e aspectos históricos, culturais e sociais da civilização:

A utilização de uma linguagem falada, depois a escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades armazenamento da nossa memória, que graças a isso pode salientar dos limites físicos do nosso corpo para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas (LE GOFF, 2003, p.421).

As narrativas orais são fundamentais para que o indivíduo possa expressar suas memórias e expressões da memória individual demonstrando afetividade, já a memória coletiva luta para expressar as forças sociais pelo poder. A memória e o esquecimento são uma das grandes preocupações das classes, dos grupos dos indivíduos que exercem poder político sobre a sociedade histórica.

Os esquecimentos podem ser reveladores, por isso é silenciado durante a história, a memória coletiva, no caso da nossa sociedade atual são forjadas no que tange a memória que não pode ser dita. Vejamos: “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e a história, relativamente ao qual a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 2003, p. 422).

Isso porque a sociedade passa por constante transformação e mudança do tempo e do espaço, o homem vive constante mudança da história, tanto no aspecto político e social como cultural.

Figura 05: Área Rural: Comunidade de São Salvador



Festa no interior do Distrito de São Salvador, próximo a cidade de Cascavel, famílias pioneiras. Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Década de 1950. Cascavel/PR.

Essa fotografia demonstra festa no interior do município de Cascavel, área rural local onde morei, a comunidade de São Salvador, os colonos e seus meios de transportes com animais, carroças, os trajes típicos da época, mostram nas indumentárias a presença dos migrantes da do sul do país, os gaúchos.

1.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE

A construção da identidade cultural da cidade pode ter a contribuição de debates específicos sobre a história e as famílias representadas com seus depoimentos, essa parcela de voz e memória da colonização, são premissas para a construção ou reelaboração imaginária da memória do entrevistado dos fatos e contextos dos moradores da comunidade, isso nos deixa convictos que o coletivo pode ser valioso do ponto de vista cultural:

A construção de identidades nacionais envolve a construção de um senso de comunidade. A comunidade evoca sentimentos de interesse comum e respeito mútuo, de relações recíprocas mais próximas de laços familiares do que de obrigações contratuais (NICHOLS, 2010, p.181).

Segundo Halbwachs (2018), é válido afirmar que a memória é o laço vivo das gerações e quer dizer que a memória genealógica e familiar é fundamental para o jogo da memória e da identidade, é perceptível e facilmente o conjunto de lembranças que compartilham os membros de uma mesma família, a identidade e as conjunturas desses

cidadãos pioneiros, assim, completo essa ideia de contribuir para a preservação dessas histórias.

É legítimo que o relato seja utilizado para preservação e reelaboração das memórias individuais e coletivas, sendo assim, corrobora para que se mantenha a evidência e as histórias de famílias, como preconizado em sua identidade fundamentalmente:

A identidade social da família se fundamenta nas ideias de desempenho e esforço pessoal para o estabelecimento de sua história. Em ambas as situações, o importante é a ideia de transmissão de bens simbólicos às gerações seguintes, procurando-se, em ambos os casos situar na família o lugar dessa passagem, fazendo de cada descendente o alvo e ao mesmo tempo o veículo da preservação dos valores familiares (TEDESCO, 2001, p.103).

A imagem reflete a realidade, conforme os simbolismos e as impressões citadas pelo autor, assim percebe-se que os bens artefatos históricos contados por meio da oralidade de famílias pioneiras, como demonstrados na pesquisa do professor João Carlos Tedesco (2001). É perceptivo que as narrativas de cidadãos possam contribuir para novas significações acerca da história oral e da própria literatura de testemunho.

Sendo assim, podemos encontrar algumas arestas na oralidade, muitas vezes intencionais, outras vezes encontramos nas gerações de idosos as narrativas que transmitem informações e histórias cotidianas, assim permitindo que aproveitassem suas vivências sobre assuntos pertinentes a pesquisa.

Na fotografia na sequência é perceptível que os negros foram poucos retratados nas imagens, compreende trabalhadores, pés descalços, casa simples de tábuas lascadas, a delimitação da área e da plantação vem próximo da porta de casa, os equipamentos como a foice, plantadeira e as ferramentas de trabalho estão encostados na parede próximo a família.

Figura 06: Período rural: Etnia e identidade



A fotografia em questão mostra a etnia e a identidade de um povo. Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Cascavel/PR.

A fotografia retrata a presença dos povos e etnias, as raças e a migração das famílias em busca de moradia, no período rural, em busca de oportunidade e trabalho na roça, geralmente número grande de filhos. Percebe-se na imagem as ferramentas para roçadas e o plantio de milho a porta da casa.

Ao definir a memória como ciência humana, trazida da memória coletiva e das memórias individuais é sumariamente importante que possamos conservar certas informações passadas pelo homem, pode atualizar impressões ou considerações sobre o tempo ocorrido ou ainda representar o que foi no passado com a memória que é o ato de lembrar fatos por meio do ser humano.

Entre várias razões que se conhecem para o sucesso da prática da fotografia em todos os meios sociais está certamente a maneira cômoda com a qual essa “arte moderna”, que é uma “arte da memória”, permite representar materialmente o tempo passado, registrá-lo e dispô-lo em ordem. Mantendo com seu passado tantos elos quanto as fotos em seu álbum, o sujeito faz da fotografia o suporte de uma narrativa” dele próprio ou de uma família (CANDAUI, 2018, p.90).

A diferença dos migrantes que foram entrevistados tem o testemunho pautado em suas histórias ligadas ao desenvolvimento da cidade, por isso são preponderantes para a pesquisa e salvaguarda da memória por meio das narrativas históricas e fundamentalmente a valorização do cidadão que tenha no mínimo 80 anos. No momento da recordação das histórias compartilham álbuns e fotografias que ajudam a ilustrar suas narrativas.

Le Goff (2003), ao trazer conceitos e ponto de vista da História oral na percepção de estudiosos, tratando a História como a cultura histórica, nesse sentido a história é uma ciência do passado, porém Mac Bloch não gostava dessa definição e preferia afirmar que “a história é a ciência dos homens no tempo”. Mas em contraponto:

O objeto da história é a história é bem esse sentido difuso do passado, que reconhece nas produções do imaginário uma das principais expressões da realidade histórica, nomeadamente de sua maneira de reagir perante seu passado. Mas esta história indireta não é a história dos historiadores, a única que tem vocação científica. O mesmo acontece com a memória não é a história, mas um de seus objetos e, simultaneamente, um nível elementar de elaboração histórica (LE GOFF, 2003, p.49).

Certamente, existe a relação entre a memória e a história, comparar o passado e o presente, sabendo que o passado depende do presente, assim a história é medida pelo tempo. Nessa dicotomia, é possível valorizar a memória social como parte integrante de grupos étnicos com a diversidade de histórias e lembranças na qual pertencem, podem ser momentos agradáveis ou não, podendo ser lembrados por pioneiros em seu testemunho:

Ao recorrer à memória e ao esquecimento e os silêncios da história ciente da manipulação da memória coletiva, tanto dos grupos, classes e dos indivíduos em serem dominados pela sociedade histórica. No estudo histórico da memória histórica é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencial (LE GOFF, 2013, p. 422- 423).

Segundo Goff (2013), a memória não ultrapassa três gerações, por isso percebemos que o esquecimento pode assolar a memória da sociedade, diante da urgência de registrar esses indivíduos, seus conhecimentos e informações acerca da memória coletiva da nossa sociedade. Nessa perspectiva, trazemos as impressões e o pensamento na percepção e compreensão do individual e coletivo.

Ao trazer os aspectos e ponto de vista dos autores que buscam alicerçar esta pesquisa, as narrativas orais são preponderantes para que o registro da memória seja registrado por meio da linguagem e da história. Nesse pensamento a literatura de testemunho pode corroborar para os resultados e preencher as lacunas que faltam para alguns assuntos na literatura escrita.

Os temas abordados de forma que preencham os espaços vazios contribuem para integrar com a própria história escrita, com as entrevistas com o pioneirismo podemos trazer uma gama de impressões de fatos coletivos:

[...] podem dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 170).

Nesse diagnóstico, valorização da memória das comunidades a história se faz com oralidade o processo de comunicação que torna possível recordar e recontar os feitos e reavivar as lembranças, sendo patrimônio vivo deixado pelos nossos antepassados.

Podemos acrescentar, que o ato de lembrar em conjunto, isto é, o ato de compartilhar a memória, e rememorar a história através de narrativas orais são pontes para o saber de indivíduos alicerçado numa bagagem cultural, histórica e social.

Figura 07: Período rural: Família em casa



Família em frente à casa destaque para os pilares da casa que eram altos, geralmente faziam os porões, casebre com tábuas lascadas. Década de 1950. Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Cascavel/PR.

A fotografia em questão, traz uma casa de madeira, já tem porão, os animais domésticos se misturam na porta principal da casa pequena, a mulher sempre com as crianças no colo e o homem em primeiro plano com a mão na cintura. Essa imagem remete a colonos e posseiros que vieram para Cascavel em busca de terra e trabalho, encontraram na agricultura a subsistência para a família:

(...) a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (HALBWACHS, 2004,p.75).

Portanto, a memória partilhada é tanta forma de domar o tempo, vivendo-o plenamente, como impulso que nos leva a ação, constituindo uma estratégia muito estimada nestes tempos em que tudo é transformado em mercadoria, tudo possui valor de troca.

Essa memória pode ser compactuada, enquanto desejo latente do homem pós-moderno, que se realiza numa relação não inserida na lógica de mercado, leva a construir

redes de relacionamentos nas quais é possível focalizar em conjunto aspectos do passado, envolvendo participantes de diferentes gerações de um mesmo grupo social.

Esta multiplicidade de memórias, origens e procedências que imprimem força às narrativas e enriquecem relatos, tornando o projeto intenso, frutificando de maneiras diversas em quem acessa esses recortes da história no tempo espaço.

É uma sequência de ações repartidas que promovem oportunidades para que se desenvolvam competências e habilidades como a construção da identidade pessoal e social na dimensão histórica; capacidade argumentativa; socialização de informações e sobre seu papel social como agente transformador, uma vez que poderá compreender que cada indivíduo tem sua história, ou seja, que são agentes históricos.

Para Ecléa Bosí (2003), o pensamento de preservar fontes orais tanto individuais como as coletivas são fundamentais para preservação e alicerce histórico e cultural para pesquisadores, assim como para as gerações futuras, podem encontrar em “nonos” muitos causos e tradições que constroem significativas recordações para compreendermos o processo e o desenvolvimento da história local, regional e nacional, sendo assim:

[...] na sua perspectiva as histórias de velhos decaiu a arte de contar histórias por que pode ter caído no esquecimento as experiências dos avós, no decorrer dos anos ficamos mais velhos e teremos um país com milhões de velhos, ao recorrer à memórias dos vividos é possível abarcar informações experiências, tradições que são perdidas ao longo de tempo (BOSI, 1995, p.209).

Ao valorizarmos a oralidade, é possível perceber que as histórias contadas por nossos avós eram subsídios de aprendizagem para os netos e filhos. No decorrer do tempo, essa prática ficou um pouco de lado. Mas podemos resgatar as experiências trazidas em relatos dos idosos, é possível constatar por meio da oralidade as tradições e a identidade de um povo.

Figura 08: Período Colonização no Distrito de São Salvador



Domingos, Alfredo, Pedro, Juventino Candido dos Santos, Sebastião, Juvelina (Mãe), Otacílio, Doceliria, Lourdes, Odilia, pioneiros no Distrito de São Salvador, área rural de Cascavel-Pr. Acervo familiar de Antônio Candido dos Santos. Década de 1950. Cascavel/PR.

Nessa fotografia, a família dos pais de Dominginhos dos Santos no Distrito de São Salvador, área rural do Município de Cascavel.

Com as reminiscências, causos e histórias, realizamos o exercício de lembrar e esquecer, o silêncio sobressai em alguns fatos da vida, em que são calados pela sociedade, ao percebemos que o falar do testemunho de vida e da perpetuação da história é falar do seu reverso, do esquecimento e da memória social.

“Ao registrar e gravar por meio de depoimentos, pode valorizar e identificar lacunas que não foram preenchidas com a escrita, a contação de histórias pode ser transformada em um grande alicerce histórico e cultural da nossa humanidade” (BOSI, 1995, p.209).

Para reviver, encantar e registrar as memórias orais, é preciso estimular as lembranças de idosos que gostam de contar histórias, com a oralidade que iremos construir o papel fundamental em nosso aprendizado, e com as fotografias que registramos o presente e que podemos investigar o passado, nessa amálgama está à memória do sujeito que tem sentimentos, vivências para contribuir com a história escrita evidência os costumes.

As fontes orais permitem trabalhar, integradamente, de forma multidisciplinar. Com isso, proporciona aos alunos a oportunidade de estabelecer relações entre fatos, conceitos e procedimentos das diferentes áreas para o entendimento de um fenômeno social, político e

cultural por meio de relatos registrados no documentário, vindo a construir compreensões sobre um mesmo tema, percebendo-o a partir de diferentes pontos de vista de como se formou a cidade de Cascavel.

Ao investigar e compreender as memórias individuais e coletivas, podemos refletir com as memórias dos pioneiros de Cascavel como a produção de um documentário almejou abordar as temáticas no primeiro capítulo sobre a memória individual e coletiva.

Para Maurice Halbwachs (2006), abrilhantando a responsabilidade de estudar o caráter coletivo da Memória, busca assim, a área das ciências sociais na década de 1920 sendo ampliada para outros campos do conhecimento, como a sociologia, por influência de sociólogos como Emile Durkheim, Weber e Marx.

Os fatores sociais teriam uma existência objetiva para a consciência individual, na abordagem da Durkheim, o indivíduo é determinado por fatores que se impõem ao cidadão e o meio externo, seguindo essa tendência de Halbwachs (2006), que em sua abordagem sobre a memória consiste num fenômeno eminentemente coletivo, podendo ser um fato individual, porém, acaba por pertencer a um ambiente social coletivo.

“Nossas Lembranças permanecem coletivas e lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetivos que somente nós vimos isto acontece porque jamais somos sós” (HALBWACHS, 2006. p.30).

Segundo o autor, é possível utilizarmos as lembranças vividas para interpretar por meio de testemunhos, dessa maneira podemos registrar as narrativas para estudo e arquivos. Essa reflexão nos ajuda a compreender que nossas memórias são individuais, porém pertencem ao coletivo, emanam da mesma história e traduzem interesses de lembrar enquanto aluno o momento e as lembranças de sala de aula, enquanto o professor tem outro ponto de vista do coletivo para o individual.

São as formas em que vemos e como pretendemos evocar essas memórias. Que podemos contar e recordar um momento, um fato, uma vivência que contribui para uma experiência de uma história importante. Segundo Halbwachs:

Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente é como se estivéssemos diante de muitos testemunhos podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-lo porque eles concordam no essencial, apesar de certas divergências (HALBWACHS, 2003, p.29).

Na pluralidade de fundamentar e reconhecer as lembranças dos pioneiros, por meio de narrativas orais, contribuindo para a pesquisa e valorizando de certa forma essa história, e a família, sob a ótica de encontrarmos informações que contribuem para a história regional.

1.3 MEMÓRIA E CULTURA

Ao analisar os estudos do autor do livro “Memórias de Nonos”, do Professor Luiz Carlos Tedesco (2001), as tradições são passadas de geração em geração. Nesse sentido pretendemos assimilar as suas pesquisas ligadas à preocupação e ao registro de memórias dos pioneiros de Cascavel, assim nosso objeto de estudo traz reflexões acerca das dimensões da memória individual, coletiva e social e da linguagem. Com abordagens histórico-sociais que acreditamos nos recursos dos relatos orais são fundamentais para o entendimento da nossa história:

[...] contar histórias e lembrar o passado, como os nossos nonos gostam de fazer, não significa apenas recordação verbalizada e, muito menos só porque há resíduos dos tempos passados interessantes para o presente e que cada membro de uma geração posterior herda algo da história, nem que seja fragmentada (TEDESCO, 2001, p.15).

As histórias de nossos avós são consideradas o maior patrimônio cultural passado a nós como tradições da história cotidiana. O fato de contar e rememorar esse tempo traz subsídios para compreender melhor a nossa história, nossas origens, como preservar o que não conhecemos se não tiver acesso a esses materiais.

Para o pesquisador e professor Tedesco (2001) preconizou em sua pesquisa os símbolos de memória viva, os bens simbólicos serviam como base do conhecimento e de linguagem comunicativa, pois dão forma e limites ao agrupamento familiar. A identidade social da família alicerçada na transmissão de bens simbólicos da preservação dos valores no seio familiar.

Assim como para o autor Le Goff (2003) defende que existe a diferença entre monumento e documento, o primeiro é herança do passado, está ligado à memória; o segundo é obra do historiador.

Ao preservar o patrimônio, documentar a sociedade por meio de seus símbolos materiais, narrativas, iconografia, escritas e oralidade, ou seja, esses bens e valores podem ser transmitidos de geração em geração como herança de um passado cultural por comunidades ameaçadas pelo esquecimento.

“[...] há pelo menos duas histórias, e voltarei a este ponto: a memória coletiva e a dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado” (LE GOFF, 2003, p. 29).

Como afirma o autor, o exercício de relembrar e registrar fontes orais para ser preservada a cultura, as informações dos idosos ajudam a contribuir para o universo da pesquisa, a oralidade podendo complementar os fatos documentais, é possível estabelecer conexão com as dimensões de tempo e espaço acerca dos fatos históricos, culturais e sociais.

Figura 09: Categoria colonização: Ciclo da madeira



Ciclo da Madeira: pioneiro Adão de Oliveira, em 1960. Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Cascavel/PR (Doação de Miguel de Oliveira, em 2015).

Ao trazer essa fotografia, percebemos que o ciclo da madeira realmente fez parte da época em que Cascavel estava no período de colonização e efervescência na migração de outras cidades e locais do país. O Ciclo da Madeira durou cerca de três décadas, porém a riqueza da madeira acabou e o próximo ciclo chega forte devido ao desmatamento, em face da mecanização, a agricultura e as plantações.

Conforme já mencionado o professor Tedesco (2001), pretendemos distinguir a literatura sobre memória oral e biográfica, o produto das entrevistas vai contribuir para com os pesquisadores, as memórias de famílias serão registradas por meio de relatos orais coletivos e individuais, têm valor imensurável para a cultura dos antigos, de forma que são

ensinamentos, conceitos, saberes, tradições, experiências de vidas que podem ser divididas com a nossa e com as próximas gerações.

A memória é um campo com infinitas possibilidades de estudo, mas nós vamos pela seara do afeto com esses personagens, suas histórias vividas são primordiais para compor informações na área do saber, os conceitos e informações são bagagens dos indivíduos mais velhos. Neste sentido, trazemos a contribuição do autor:

A memória coletiva se distingue da história pelo menos sob dois aspectos. A memória coletiva é uma corrente do pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém (TEDESCO, 2001, p. 22).

Com a História é possível focar o passado e não ser perene nas informações inerentes às vivências e memórias, às lembranças, é compreendido como um aspecto histórico fornecendo indícios para contribuições e interpretações de fatos construindo mitos, reelaborando referenciais sociais, culturais do conhecimento popular das narrativas orais:

[...] a História, portanto, pode ser parcial e responder aos objetivos identitários. Na prática, em suas motivações, seus objetivos e, por vezes, seus métodos, ela toma por empréstimo alguns traços da memória mesmo que trabalhe constantemente para dela se proteger. A história é, por essa razão, a filha da memória (CANDAU, 2018, p. 133).

Com a transmissão cultural entre gerações, a família é pilar para a memória ser afetiva e social. Um exemplo são os sobrenomes que têm um significado imensurável dentro dessa linha de preservar as histórias e condutas de uma família, nossos avós reconstroem em suas vidas e compartilham memórias, tradições e recordações do tempo em que viveram e sobreviveram às constantes transformações econômicas, sociais e culturais.

O papel fundamental da família é passar de geração em geração, as tradições, lendas e vivências do individual fazem parte de um grupo.

O resgate de memória hoje em primeiro lugar porque a sociedade da informação, da técnica e da racionalidade econômico consumida faz o tempo andar mais rápida fala-se do tempo real; segundo a esfera, a memória e os depoimentos orais, genealógico e biográfico está contribuindo em muito para o campo de análise histórica (TEDESCO, 2001 p.14).

Em concordância com o autor, é perceptível em sua pesquisa esse encontro com as histórias de vida, no sentido individual de cada personagem entrevistado, bem como se percebe o registro de memórias trazidas nas lembranças desses moradores.

1.4 MEMÓRIA, HISTÓRIA E ORALIDADE

A oralidade pode ser evidenciada por meio do contador de histórias reais, digo vivenciadas resgatando assim o tempo em que as famílias ouviam as histórias e as tradições que eram perpetuadas, nesse parâmetro da valorização das memórias de agentes que trazem consigo informações importantes nas áreas políticas, econômicas, sociais e culturais. Essas memórias compartilhadas podem ser ponto de partida para pesquisas acadêmicas, projetos diversos e para o resgate e investigação da história de grupos e locais. Podendo contribuir para essa reflexão:

[...] a questão da memória está associada a uma nova percepção frente à possibilidade de compreensão do mundo cotidiano, que faz com que indivíduos e grupos sintam a necessidade de entender significados tanto em objetos materiais (concretos e palpáveis) quanto em objetos imateriais perceptíveis, sensíveis e identificáveis (FÉLIX, 2002, p.17).

Nos lugares de memórias, conceito defendido por Pierre Nora, a história também será construída a partir de fragmentos que podem ser fugazes e dúbios à medida que não se fazem as perguntas corretas para o entrevistado e o material que se tem em mãos. A importância de primar pela responsabilidade na construção de uma narrativa histórica quando se visa expor essa história microrregional, do cotidiano, dos invisíveis, daqueles que estão à margem da história.

É preciso ter cuidados com a metodologia de entrevistas, pois podemos influenciar o personagem a ser entrevistado, pois a história oral apresenta métodos de realizar esse contato entre emissor e receptor para obter os melhores resultados possíveis, além de problematizar também para que fins esses registros sejam realmente válidos quando utilizados em prol do conhecimento.

Figura 10: Categoria desmatamento e roçadas



Destaque para trabalhadores em derrubada de mata no Oeste. Década de 1950. Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Cascavel/PR.

A imagem mostra os aspectos de desmatamento, trabalhadores colonos, fazem a roçada e limpeza das áreas para o plantio, as queimadas eram práticas cotidianas.

As ações e transformações que afetam aquele indivíduo ou grupo considerados históricos ocorrem em um local que muitas vezes é um espaço político ou geográfico, que acaba por constituir-se em espaço social.

Com essa multiplicidade e com uma demanda, a discussão acerca da oralidade e da memória social utilizando depoimentos de moradores antigos, utilizando a metodologia de registro oral conceituada pelo autor:

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (ALBERTI, 2005, p. 155).

A fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o pesquisador, precisa de documentos variados, não apenas dos documentos escritos. Os resultados obtidos junto às fontes orais podem preencher as lacunas que faltam para alguns assuntos variados. A memória humana e sua capacidade de rememorar as vivências enquanto testemunha viva de um passado recente. Podemos entender a memória como ao evocar o passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção.

Assim como as lembranças e os esquecimentos são fatos determinantes dos indivíduos, inseridos em um contexto familiar, social, político e cultural são permeadas por manifestações e tradições coletivas vivenciadas.

Também é por meio da memória do homem que a história se faz, a oralidade é sem dúvida o processo de comunicação que torna possível recordar e contar os feitos e reavivar as lembranças, sendo um de nossos patrimônios vivos deixados por nossos antepassados.

“Fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto. Numa das versões da sua utilidade, o registro da câmera incrimina” (SONTAG, 1997 p.9).

Na imagem a seguir percebe-se rapazes em busca de conhecimento, o registro fotográfico de um contexto histórico marcado pelas estradas de chão batido, porém os estudantes são homens bem trajados e sapatos lustrados.

Figura 11: Categoria urbanização: Rapazes e o ensino



Rapazes na década de 1960, caminhando para a Escola de Comércio Rio Branco do Professor Antônio Cid.
Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Cascavel/PR.

A fotografia em questão mostra os rapazes não identificados caminhando provavelmente para estudos em um Colégio Técnico Rio Branco que ficava na Rua Paraná, atualmente existe no mesmo local o Colégio Marista.

Podemos acrescentar que o ato de relembrar em conjunto, isto é, o ato de compartilhar a memória, é um trabalho que constrói sólidas pontes de relacionamento entre os indivíduos porque alicerçadas numa bagagem cultural comum e, talvez por isso, conduza a ação.

Essa memória, enquanto desejo latente do homem pós-moderno, que se realiza numa relação não inserida na lógica de mercado, leva a construir redes de relacionamentos nas

quais é possível focalizar em conjunto aspectos do passado, envolvendo participantes de diferentes gerações de um mesmo grupo social.

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções (NORA, 1993, p. 9).

A memória deve ser valorizada como imprescindível, como aponta os estudos de Maurice Halbwachs (2018), que abordou em seus estudos as memórias sociais coletivas de grande influência para pesquisadores e historiadores, nesse sentido o que as histórias devem ser alcançadas no campo da pesquisa com entrevistas e o ato de instigar as memórias de pioneiros, contribuindo com essa ideia de lembrança:

No ato de lembrar, nos servimos de campos de significados os quadros sociais que nos servem de pontos de referências. As noções de tempo e de espaço estruturantes dos quadros sociais da memória são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espaciais e temporal das lembranças são a essência da memória (LOIVA FELIX, 2002, p.40).

Assim como as contribuições teóricas de Pierre Nora (1985), visto que existem diferenças entre a história e memória, história objeto e história conhecimento, pois são considerados lugares de memória. São questionamentos sobre acontecimentos e histórias não ditas, essas questões dão conta que a memória social que precisa do registro oral dessas vivências, experiências, costumes, tradições e da identidade do indivíduo para perpetuar os conhecimentos do coletivo de uma comunidade.

Ao registrar e relembra as memórias, sob a forma de testemunhos orais e registrá-las em formato digital pode ser preservada e ser fonte de pesquisa complementar a informação de que os museus podem preservar e discriminar a história por meio da literatura de testemunho.

Para preservar e divulgar, os testemunhos constarão na exposição no museu, na forma de registro oficial em mídias que possam ser acessadas por pesquisadores. É neste sentido que a instituição museológica deve ser entendida, ou seja, como locais onde se promove e se divulga saberes e conhecimentos de “memórias de velhos”, termo utilizado por Ecléa Bosi (1995).

Considerados os espaços de memória, os museus narram acontecimentos, histórias, lendas e memórias locais, o que tende a criar um sentimento de pertencimento aos habitantes. Fortalece identidades e cria vínculos de diferentes faces com o meio social. É possível chegar a muitas definições acerca de uma cidade ou região com base nos acervos de seus museus. Nesses locais de salvaguarda, a população usufrui de maneira plena, tanto do espaço quanto do que este produz no contato com tantas histórias e vivências.

Fomentar o desenvolvimento cultural e a manutenção dos acervos históricos sociais da cidade se apresenta como uma necessidade pungente, haja vista que preservar a memória é também conservar a identidade da população. Não obstante a isso, as instituições de patrimônio e memória deverão salvaguardar a memória coletiva, necessidades e anseios de seus respectivos públicos, com o intuito de propiciar aos mesmos: instrução, lazer e cultura.

A valorização e preservação da memória coletiva enquanto um patrimônio cultural pode ser registrado por meio de gravações, entrevistas e documentários. Em muitos casos, opta-se pelo registro dos relatos de idosos, nesse caso tido como pioneiros do município, explorando o processo de desenvolvimento, bem como guardar uma parte importante da memória coletiva da região, visto que com os relatos e depoimentos, os pioneiros contam mais que uma história política e econômica, mas, sobretudo cultural, que ressalta identidades, hábitos, costumes, subjetividades e o cotidiano do povo.

A memória dos idosos são relíquias que têm um tempo curto. Beneficia-se das memórias individuais e coletivas tendo como ponto de partida dos depoimentos espontâneos. Para tanto a necessidade de entrevistar essas pessoas seria de extrema urgência, porque a sua vida está se findando e podemos perder as memórias valiosas (BOSI, 1995, p.36).

Para realizar as entrevistas, é preciso também cuidados mais que necessários para não comprometer e não intencionar a entrevista conforme interesses alheios, que não da função social do próprio projeto. Alguns deles são apontados pelo autor:

Os depoentes narraram livremente sobre suas vidas e suas experiências pessoais. Foram formuladas questões amplas e o próprio entrevistado organizou cronologicamente a narrativa. Também perceberam, através dos depoimentos, que é uma construção social e simbólica, a partir de um contexto e através da percepção da existência de outro (PORTELLI, 1997, p.17).

As memórias fragmentadas compõem as experiências de diversos grupos de origens e características culturais distintas, que produzem trocas e aprendizados, por vezes conflitos,

embates de forças, confrontos e disparidades, compartilhando e adaptando-se aos sistemas nos quais todos estavam inseridos, evidenciando os enclaves étnicos tão bem representados pelo desenrolar da história e seus desdobramentos, vejamos o exemplo:

A cidade de Jerusalém é um local exemplar da memória, particularmente profícuo por dois motivos. Por um lado, revela que maneira um local da memória oscila entre ser um local de temor sacro e um local histórico da memória; por outro lado, revela como um local da memória se torna palco de luta entre comunidades de recordação adversárias (ASSMANN, 2013, p.325).

Há uma dicotomia nesses valores havendo necessidade de abordagem, pesquisa, exposição, experimentados no meio social. Esta multiplicidade de memórias, origens e procedências que imprimem força às narrativas e enriquecem relatos, tornando o projeto intenso, frutificando de maneiras diversas em quem acessa esses recortes de tempo e espaço.

A pesquisa sobre os depoimentos dos pioneiros deve colaborar para ações que promovam oportunidades para alunos, desenvolvam competências e habilidades como a construção da identidade pessoal e social na dimensão histórica.

É importante ressaltar que por meio desse processo de salvaguarda de todas essas memórias registradas, deve-se ter como norte o princípio da igualdade em que todos devem ter acesso a esses materiais.

“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1994, p.477).

A memória social defendida por Halbwachs (2018), enquanto registro documental, poderá ser material de pesquisa desde que lapidada e transcrita, tornando assim referência para indagações da história de testemunho que possam ser perceptíveis no decorrer do tempo.

O exercício de lembrar ou esquecer todos os indivíduos têm essa prerrogativa, pode ocorrer o esquecimento ou não o pode expressar, mas em se tratando de uma memória coletiva tem uma intencionalidade e uma pertinência para a História, pois essa visão de mundo trazida de forma organizada pode contribuir para as lacunas encontradas na história do cotidiano.

Ao analisar as fotografias, vemos a possibilidade de ressignificar e imaginar flashes de recordações, que podem ser carregadas de simbolismos religiosos, cenas cotidianas, oficiais ou familiares. A iconografia fotográfica precisa ter três elementos essenciais para a

realização de uma fotografia: o fotógrafo, a forma que vamos arquivar essas lembranças e as memórias no decorrer do tempo, contribuindo para esse pensamento:

As fontes iconográficas originais em especial às fotográficas que nos interessam diretamente referem-se às fotografias de época as quais se encontram em coleções públicas e privadas, muitas vezes em antiquários e sebos e em mãos de descendentes dos fotógrafos, a pesquisa desses artefatos originais do passado é obrigatória pelo amplo espectro de informações que os mesmos podem oferecer (KOSSOY, 2014, p.76).

As imagens como objeto de investigação trazem a primazia e o respeito que devemos ter ao analisar o meio, as expressões e seus valores entre a ciência e a arte. Como reflexões da iconografia fotográfica e demais gêneros da história e as áreas da ciência, os pesquisadores vêm a utilizar desta fonte como fonte plástica, como instrumento de apoio a pesquisa:

Ao contribuir para a história, memória e testemunho o artefato fotográfico e as mensagens das imagens podem compartilhar a pesquisa do escritor: analisar uma imagem fotográfica, portanto, não é descortinar os sentidos, descobrir os significados, encontrar a causa profunda que, decisivamente a produziu (RAUILLÉ, 2009, p.104).

A pesquisa com a História Oral pode ser um canal de ligação entre o depoimento e a transcrição, com as memórias sociais podemos compor a história de municípios, evidenciando que a história é feita por todos e está intrinsecamente ligada ao cotidiano, valorizando histórias e pensamentos de agentes que trazem consigo informações primordiais abordando os aspectos econômico, social e cultural.

Nessa linha, a história oral centra-se na memória humana e na sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção.

“A memória está nos próprios alicerces da História, confundindo-se com o documento, com o monumento e com a oralidade. Mas só muito recentemente se tornou objeto de reflexão da historiografia” (SILVA, 2009, p. 276).

A memória do homem e a oralidade é sem dúvidas o processo de comunicação que torna possível recordar e recontar os feitos e reavivar as lembranças, sendo um de nossos patrimônios mais vivos deixados pelos nossos antepassados.

Segundo Ecléa Bosi (1995), observa-se que “incorporam como fonte de dados para a pesquisa o ato de lembrar, que a memória não é sonho, mas trabalho”. Dentro dessa diversidade de fontes e conceitos que a História proporciona, questiona-se acerca da memória enquanto representação de um passado que não é fixo, é móvel como a própria memória se faz.

Figura 12: Categoria urbanização: Marco histórico: a presença da Mulher na inauguração do Colégio.



Destaque para a pioneira Lídia Luchesa, no marco inicial do Colégio Auxiliadora, ao lado esquerdo Itacir Luchesa, padre e demais lideranças. Década de 1950. Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Cascavel/PR.

Essa imagem é rica no contexto histórico e relevante para o registro da mulher na posição de lançamento de um grupo escolar, destacada por sua relevância para a história e para a educação, a pedra fundamental do colégio particular Colégio Auxiliadora, atualmente Colégio ESI em Cascavel, mais uma vez mostramos a importância da pioneira Lídia Luchesa, esse ato é simbólico, mas representa a mulher que se destaca em meio aos homens da época, pois isso se passou na década de 1950.

A importância de primar pela recordação e responsabilidade na construção de uma narrativa histórica, por exemplo, é parte fundamental quando se visa expor essa História microrregional, do cotidiano, dos invisíveis e marginalizadas, e fazer surgir no público visitante a certeza de que são agentes históricos

Problematiza-se a metodologia própria de se fazer uma entrevista com esses fins, sendo que a história oral apresenta métodos de realizar esse contato entre emissor e receptor para obter os melhores resultados possíveis, além de problematizar também para que fins esses registros fossem feitos, sendo realmente válidos quando utilizados em prol do conhecimento comum.

“A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, às evoluções, e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história o relativo” (NORA, 1993, p. 8).

Com a perspectiva da memória, ser sensível e findável às informações que deve se registrar as fontes orais dos pioneiros que contribuem para informações que colaboram para o desenvolvimento intelectual, social e moral, as memórias e histórias nos ajudam aprimorar os conhecimentos.

Tornou-se uma ótima ferramenta que pode ser trabalhada de forma sistemática com a ajuda do professor regente e os alunos que vão refletir e discutir sobre a importância de conhecer a história da construção de sua região, do cotidiano, características culturais, abordando-se temas como migração e imigração, memória, política, gênero, relações de trabalho e de poder, desenvolvimento econômico e relações sociais.

Com as fontes orais permitem trabalhar, integradamente, de forma multidisciplinar, hibridismo do trabalho relacionado à memória, depoimentos orais e o contexto social de cada indivíduo.

Diante disso, proporciona aos alunos a oportunidade de estabelecer relações entre fatos, conceitos e procedimentos das diferentes áreas para o entendimento de um fenômeno social, político e cultural por meios relatos registrados no documentário, vindo a construir compreensões sobre um mesmo tema, percebendo-o a partir de diferentes pontos de vistas culturais e históricos.

Finalmente, é importante ressaltar que por meio desse processo de salvaguarda de todas essas memórias registradas, deve-se ter como norte o princípio da igualdade em que todos devem ter acesso a esses materiais.

“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1994, p.477).

Portanto, a História oral não é uma mera recuperação de memórias, é a preservação de micros histórias, sendo que essas entrevistas são apenas uma parcela do grande desafio de registro por meio de memórias fragmentadas desses cidadãos cascavelenses.

Problematiza-se a metodologia própria de se fazer uma entrevista com esses fins, sendo que a literatura oral apresenta métodos de realizar esse contato entre emissor e receptor para obter os melhores resultados possíveis, além de problematizar também para que fins

esses registros sejam feitos, sendo realmente válidos quando utilizados em prol do conhecimento comum.

2. FOTOGRAFIA E DOCUMENTÁRIO: OLHARES PARA O DOCUMENTÁRIO SANTIAGO

“A fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de um certo momento ou situação”

Boris Kossoy, 2002

Com as narrativas orais, o documentário pode ser planejado esteticamente por fontes elencadas por João Moreira Salles (2007), Silvio Da-Rin (2018) e Bill Nichols (2010), em que será possível entender que o conhecimento e as abordagens estéticas fundamentaram a discussão da proposta a ser produzida para propiciar histórias cotidianas.

Ao elencarmos a produção do documentário, enquanto artefato histórico, ligações e interpretações que podemos fazer por meio de iconografia do passado terá contribuição da memória e preservação da oralidade por meio de entrevistas.

Assim como as fotografias são comprovações da história, que propiciam as histórias e as lembranças, indícios do tempo com as narrativas orais são possível estabelecer conexões com as histórias escrita, desempenhando o valor cultural que estão intimamente ligados à herança de nossos antepassados.

A exemplo do jornalismo, o autor Souza (2000), aborda as intenções documentais e testemunhais no nascimento do fotodocumentarismo e o compromisso social compactuando com os ensinamentos técnicos do fotógrafo Thomson (1837-1921), pioneiro na fotografia humanista:

A intenção dos fotógrafos referenciados é visível: dar ao leitor um testemunho, mostrar a quem não está lá como é ou que sucedeu e como sucedeu. Por vezes, exploram um determinado frame, isto é, um enquadramento contextualizado no processo de produção de sentidos, como é notório nos fotógrafos do “compromisso social”, que tinham uma intenção (SOUZA, 2000, p.52 e 55).

As fotografias em álbuns ajudam a reviver lembranças e memórias e a propiciar momentos nostálgicos de nossas vidas. Nesse sentido, Hanking (2018) aborda a importância

da imagem e seu significado para contribuir com a história. Os estudos revelam a intencionalidade do fotógrafo bem como a cronologia desde o nascimento da fotografia até os acontecimentos mundiais significativos para a história da foto, seu testemunho, suas tendências e aperfeiçoamentos das técnicas e da imagem:

A proliferação de estúdios de retratos comerciais nos anos de 1840 contribuiu para que a fotografia fosse entendida, de forma geral, como um registro inestimável da aparência e da identidade pessoal. A princípio cada fotografia de uma pessoa é um retrato informativo, pois a câmera registra um indivíduo específico de forma automática, e não um símbolo de toda uma classe (HANKING, 2018, p. 54).

Os personagens são reconhecidos em fotografias que retratam momentos, lembranças e histórias de famílias, cidades, fases e desenvolvimento perceptíveis ao longo do tempo. A intenção é utilizar as fotografias enquanto representações do passado, dessa forma analisaram fotografias locais que demonstram o tempo e a história, assim percebemos um cenário em desenvolvimento da história.

A iconografia histórica é fundamental para compor e confirmar a literatura oral, sobre aspectos relevantes da cidade, os personagens serão escolhidos para este estudo propiciando depoimentos orais que tragam conhecimento dos fatos históricos, partindo das experiências e ocorridos em suas famílias e suas interpretações como testemunha.

Ao perpassarmos pela lembrança e memória enquanto contribuições para o testemunho no processo de reelaboração e simbolismo do ato de recordar as memórias ligadas ao passado e a representação por meio de histórias, causos e vivências, contamos com o conhecimento imaterial das vozes dos idosos.

Para tanto, iremos balizar e fundamentar nas impressões e análise do filme documentário “Santiago”, de João Moreira Salles (2007), representação do cinema enquanto narrativa não ficcional.

“A narrativa propicia uma maneira formal de contar histórias, que pode ser aplicada ao mundo histórico e também ao imaginário. A história e a biografia, por exemplo, geralmente assumem a forma narrativa, mas de um modo não ficcional” (NICHOLS, 2005, p.126).

Nosso objeto de estudo fundamentalmente no documentário de Salles (2007), o personagem e suas memórias, a fotografia e o documentário “Santiago”, que é relevante quanto ao valor híbrido cultural da produção do depoimento, assim, explorando o

conhecimento e os valores que são demonstrados com o entrevistado que trabalhou por trinta anos com a família, assim o documentário transmite ensinamentos, memórias e histórias cotidianas.

Observamos alguns encaminhamentos desde a entrevista com os pioneiros e aspectos utilizados pelo cineasta, a necessidade de valorização da memória da família, do próprio diretor e do entrevistado com sua bagagem cultural. Diante disso, percebemos que o registro oral e a produção não tiveram um intervalo grande para a produção, ficando assim com as gravações e suas inquietações.

O personagem “Santiago”, de Salles (2007), num documentário sobre a vida do mordomo de nacionalidade argentina trabalhou durante 30 anos na mansão da família dos pais do cineasta, levou 13 anos para ser concluído. O filme é didático, revela a sensibilidade do funcionário, mostrando um homem culto com a companhia de inúmeros personagens realizados em suas leituras e escritos datilografados.

As entrevistas ocorreram em 1992, durante nove horas de gravação de depoimentos de Santiago na sua casa, mais traz imagens da mansão da família para representação da memória de Salles, na Gávea, no Rio de Janeiro, e o apartamento, quarto e sala do entrevistado em Copacabana, onde viveu até a morte, aos 80 anos.

As cenas revelam suas recepções, reuniões e bailes da casa dos Moreira Salles e de outras gentes (uma família argentina excêntrica, por exemplo) a quem serviu, o elegante mordomo mostra um arquivo construído ao longo de trinta anos, com histórias de dinastias nobres em seis mil anos de humanidade. São insólitas, dessas que não se acha em qualquer lugar.

O documentário perpassa pelos escritos deixados como memoriais datilografados e catalogados pelo próprio Santiago, as cenas iniciais trazem a infância e a música da pianista de clássicos, como Bach e Beethoven, se transforma em silêncio e uma esquisita dança das mãos e o depoimento.

“A oralidade testemunhal propõe sua própria síntese emancipatória e sua própria formalização, sua própria visão de mundo, que o gestor registra, edita, de forma transparente, dizendo que o está fazendo” (SELIGMANN-SILVA 2003, p.341).

Assim, ao abstrair das informações com a oralidade gravada em formato de relatos podemos recuperar dados mesmo que de forma fragmentada do ponto de vista do idoso, que traz fatores culturais, sociais, políticos e familiares.

Observamos que o diretor era próximo do seu entrevistado no sentido de ser da casa do diretor, com a proximidade e com as histórias e experiências da infância ficaram aparente na obra fílmica e suas memórias tanto no quesito do próprio autor como da representatividade do personagem para sua família:

A memória coletiva que é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla. Ela geralmente se expressa naquilo que chamamos de lugares da memória que são os monumentos, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade (VON SIMSON, 2006).

A proposta é dialogar e registrar por vídeos os depoimentos, trazendo vivências, conceitos e paradigmas que contribuem para o conhecimento científico. Ao trazer à luz essas narrativas com as memórias de agentes que trazem saberes, informações, esclarecimentos, enobrecem a história da cidade:

Tanto para Benjamin como para Halbwachs, o preceito historicista da restituição e representação total do passado deve ser posto de lado. Graças ao conceito de memória, eles trabalham não no campo da representação, mas sim da apresentação enquanto construção a partir do presente (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.70).

Avante a história, a memória individual, que é aquela guardada por um indivíduo e se refere as suas vivências e experiências, mas que contém aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado.

Ao compreender que a memória coletiva é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes para a história oficial da sociedade, geralmente se expressa naquilo que chamamos de “lugares da memória”, expressão utilizada por Pierre Nora (1981), no caso dos monumentos, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada comunidade.

Como contrapartida, existem as memórias secretas que correspondem a versões sobre o passado dos grupos dominados de uma coletividade. Estas memórias geralmente não estão monumentalizadas e nem gravadas em suportes concretos como textos, publicações, os indivíduos narradores as expressam remetendo aos conflitos sociais as evocam ou quando os pesquisadores que se utilizam do método biográfico ou da história oral criam as condições para que elas emerjam e possam então ser registradas, analisadas e passem então a fazer parte da memória coletiva.

Esses breves apontamentos, geralmente se encontram muito bem guardadas no âmago de famílias ou grupos sociais dominados nos quais são cuidadosamente passados de geração a geração.

Para Pierre Nora (1981), a memória está ameaçada pelo esquecimento e para sua preservação é necessário que se crie arquivos e lugares para preservá-la. Na sociedade em que vivemos, onde tudo é efêmero e feito para não durar, onde há uma intensa valorização do presente, esses locais de memória cumprem a função de assegurar nossa história, “lugar de memória” compreende a três funções: material, funcional e simbólica.

Nesse sentido, é necessário criar elementos para registrar essas memórias individuais, já que esse local depende da corroboração de pessoas vivenciadas com a finalidade de preservar essas histórias seja alcançada é preciso se apressar para o registro das entrevistas com idosos.

Pois suas idades já estão avançadas, e a maneira de perpetuar esses moradores é a declaração oral de suas memórias. Também podemos utilizar a fotografia como estimulador do passado, pois as memórias estão em imagens do cotidiano das pessoas:

A fotografia revela um tempo parado na imagem, mas que se eterniza ao ser olhado. E, ao olhar para o instante da foto - que já não é o tempo real vivido -, podemos viver o instante num outro momento pela imaginação. As fotografias captam um momento vivido, acumulam e fixam os instantes pela memória fotográfica. É um passado que se torna presente através das nossas lembranças mentais, fator que envolve nossa percepção diante das imagens e das coisas (ROUILLÉ, 2009, p. 222).

Fica evidente que ao mencionar a fotografia, recordamos, relembramos as reminiscências do passado. Contribuindo para os depoimentos dos pioneiros. Com a diversidade de informações dos depoimentos e as fotografias são espaços de memórias, elas evocam o passado, trazendo à memória inúmeras recordações e lembranças que podem ser registradas.

Para iniciar as discussões sobre o documentário e seus precursores precisamos mencionar todo o reconhecimento aos Irmãos Lumière, pioneiros da imagem dita como “real”, digo do ponto de vista dessa exibição, o cinema ganharia a mágica sensação de estarem assistindo algo tão próximo da realidade, as imagens cinematográficas da época encantaram e assustaram seus espectadores:

Documentar com uma câmera é o primeiro ao cinematográfico, presente nos

registros iniciais dessa arte, feitos pelos irmãos Lumière. A linguagem cinematográfica nasceu com aspecto documental, com a aplicação dos princípios da câmera fotográfica a imagens em movimento. As primeiras vistas animadas, projetadas em 1895 pelos irmãos Lumière no Café Paris, eram cenas do cotidiano, cenas que os pioneiros gravaram [...] (LUCENA, 2018, p.9).

Com os depoimentos, são trabalhados com a oralidade dos depoentes, literatura de testemunho oral e a história oral serão possíveis enxergar a conexão entre o testemunho e a história real, contribuindo assim para a literatura escrita, os pioneiros vão compartilhar nos seus depoimentos, a memória individual e coletiva que compreende os estudos deste trabalho, as lembranças e recordações desses indivíduos serão parâmetros para o registro das narrativas, os fatos, tradições serão registradas por meio de vídeos e a produção de um documentário utilizando a oralidade dos entrevistados.

Todo filme é um documentário. Mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela. Na verdade, poderíamos dizer que existem dois tipos de filmes: Documentário de satisfação de desejos e Documentários de representações sociais (NICHOLS, 2010, p. 26).

A fotografia etnográfica denota que a etnia dos povos em Cascavel era composta de índios, negros e brancos, nesse contexto observamos que a imagem revela que o indígena socializado com atividade do homem branco. Interessante, demonstração da família com o transporte, feito com carroça.

Figura 13: Categoria área rural: família



Presença da família de Indígenas em carroça. Fonte: acervo do Museu da imagem e do Som. Cascavel/PR.

Apesar dos estudos sobre fotografia serem recentes nas pesquisas da década de 1970, Pierre Nora (1997) a fotografia é como uma oficina da história, ou seja, as fontes visuais são carregadas de informações e inferências que podem ser compreendidas pelos estudos históricos.

A fotografia é a base para o cinema de Salles (2007), que utiliza em seus trabalhos o filme a fotografia, que é um dos elementos híbridos que são fundamentais para o documentário, assim como a fotografia pode ser lembrança, memória do passado é por meio dela que podemos imaginar lembrar e esquecer-se de fatos, histórias e narrativas do tempo que vivemos. A alicerçar as lembranças por meio da memória estimulada é possível concordar com o autor

[...] todos nós guardamos fotos de nossas experiências de vida: imagens-relicário que preservam cristalizadas nossas memórias. A fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de certo momento e situação, de certa luz, de um determinado tema, absolutamente congelado contra a marcha do tempo (KOSSOY, 1999, p.137-138).

Nessa série, a fotografia e a memória centram-se nas percepções humanas e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção.

“A identidade social da família se fundamenta nas ideias de desempenho e esforço pessoal para o estabelecimento de sua história. Em ambas as situações, o importante é a ideia de transmissão de bens simbólicos às gerações seguinte” (TEDESCO, p.103; 2001.).

Não é somente a lembrança de certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas.

A importância de primar pela responsabilidade na construção de uma narrativa histórica é parte fundamental quando se visa expor a memória individual e coletiva do cotidiano, dos invisíveis e marginalizados e fazer surgir no público visitante a certeza de que são agentes históricos também, e de que naquela narrativa está parte de si próprio, ou seja, a identificação com as memórias e a materialidade.

Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação evocada pelas lembranças e memórias vividas.

A partir dos depoimentos, iremos produzir um documentário, tendo como ilustração fotografias, objetos e as memórias que foram somadas à luz fatos, histórias, curiosidades, tradições familiares encontrados durante a pesquisa.

Os cineastas são frequentemente atraídos pelos modos de representação do documentário quando querem nos envolver em questões diretamente relacionadas com o mundo histórico que todos compartilham. Alguns enfatizam a originalidade ou a característica distintiva de sua própria maneira de ver o mundo: Vemos o mundo que compartilhamos como se filtrado por uma percepção individual dele. Alguns enfatizam a autenticidade de sua representação do mundo (NICHOLS, 2010 p.2).

Sem a pretensão de ser um cineasta, mas sim uma admiradora do cinema documentário como fonte de estudo e produção do material fílmico a partir dos depoimentos, memórias, narrativas dos pioneiros encontraremos o subsídio da fonte de pesquisa para preservação e produção do material a partir das vivências e o registro histórico da memória enquanto subsídio histórico.

Figura 14: Categoria área rural: Família



Família e vestimentas produzidas pela mulher, o tecido era comprado em metros, as roupas iguais. Década de 1950. Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Cascavel/PR.

Essa fotografia, expressa a pureza e a simplicidade da família, posso fazer uma digressão dessa imagem, pois remete que as roupas todas provavelmente tenham sido feitas pela mulher.

Tanto a fotografia quanto o depoimento serão revelados informações e histórias ligadas à história de Cascavel, essas memórias, lembranças dos pioneiros são de cunho valorativo e investigativo, não pretendo aqui trazer verdades absolutas, mas sim lembranças e narrativas na voz de pessoas vividas durante o percurso da história da criação de nossa cidade.

Contribuindo com essa premissa, o documentário tem caráter investigativo, histórico e mostra aspectos ou representa ponto de vistas desses cidadãos.

“No caso da não ficção, a resposta não é assim tão simples. As pessoas são tratadas como atores sociais: continuam a levar a vida mais ou menos como fariam sem a presença da câmera” (NICHOLS, 2010, p.31).

Nesse sentido, elaboramos um documentário com a estética da realidade cotidiana das famílias pioneiras, para que possamos perceber a sensibilidade do encontro com a simplicidade dos cidadãos por meio de suas narrativas, demonstrando sentimentos expressos pelas suas alegrias e o principal, objetivam oportunizar ao pioneiro lembrar de seu passado e trazer à luz informações do cotidiano e suas impressões para o que evidenciamos neste estudo com as gravações e a produção do documentário.

“A lógica que organiza um documentário sustenta um argumento, uma afirmação ou uma alegação fundamental sobre o mundo histórico, o que dá ao gênero sua particularidade” (NICHOLS, 2010, p.55).

Diante disso, a busca pelos personagens reais não atores, mas cascavelenses que morem a pelo menos sessenta anos na cidade, que tenham suas lembranças e memórias para compartilhar com esta pesquisa.

Com a expectativa de angariar informações sobre a nossa história, pretendemos dialogar com outras áreas do conhecimento, literatura de testemunho, antropologia, história e memória é fundamental para que estes depoimentos sirvam efetivamente para a pesquisa histórica, ou seja, o filme em questão serve de fonte de saber e estimula o público a conhecer um pouco das reminiscências do passado e as impressões dos depoimentos.

“Como o trabalho de investigação é puramente ligado à literatura, obviamente ‘a elocução, ou, estilo, envolve todos os usos de figura de linguagem e códigos gramaticais para chegar a um determinado tom’” (NICHOLS, 2010, p.90).

Ao recorrer para a história, literatura e a micro história, podemos alcançar por meio de memórias, fotografias e a oralidade, depoimentos que são verdadeiras enciclopédias de

acontecimentos, fatos que estão vivos na memória de indivíduos e como são findáveis acabam sendo desperdiçados ao longo da vida humana, no que refere ao tempo biológico.

Nos documentários, portanto, as primícias das narrativas dos pioneiros são evidenciadas por meio dos depoimentos que são contados as histórias que evidenciam o imaginário, a história e a lembrança do tempo ocorrido.

“A narrativa propicia uma maneira formal de contar histórias, que pode ser aplicada ao mundo histórico e também ao imaginário. A história e a biografia, por exemplo, geralmente assumem a forma narrativa, mas de um modo não ficcional [...]” (NICHOLS, 2010, p.126).

Com o modo participativo espelhado nas ciências sociais, o documentário tem o cultivo dos grupos, povos, cultura. De posse disso, as entrevistas com esses pioneiros escolhidos para esta pesquisa, claro que são uma mostra do que realizei enquanto pesquisadora da memória dos pioneiros por meio de suas narrativas, a participação com este documentário explorando o cotidiano, costumes, tradições da vida nos primórdios de uma cidade.

O que queremos deixar são boas impressões e lembranças desses moradores. Sendo assim, quando formos assistir esse material vamos sentir nostalgia de um tempo não distante como parte de tudo que afirmamos:

Quando assistimos a documentários participativos, esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente, e não por alguém que observa discretamente, reconfigura poeticamente ou monta argumentativamente esse mundo (NICHOLS, 2010, p.155).

O testemunho oral representa o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória; isso obriga o historiador a levar em conta perspectivas nem sempre presentes em outros trabalhos históricos, como por exemplo, as relações entre escrita e oralidade, memória e história ou tradição oral e história.

A próxima fotografia é sem dúvidas uma cena que remete a paz e amizade de dois pioneiros, em uma futura cidade denominada Cascavel, alguns anos mais tarde. A cena é bucólica, a casa simples de madeira, já se percebe uma estrutura melhor dos trabalhadores que tinham a habilidades com a madeira.

Figura 15: Categoria Colonização: Pioneiros poloneses



Pioneiros de Cascavel: os poloneses Paulo Wichoski e André Wolochen. Década de 1950. Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Cascavel/PR.

Como já mencionado anteriormente os pioneiros, são de origem polonesa e passam uma alegria expressa na pose dos colonos. A cena típica dos amigos em uma cidade que não era tão pacata assim, e sim um lugarejo que teve lutas e violência por ganancia por terras.

2.1 O DOCUMENTÁRIO ENQUANTO TESTEMUNHO DA MEMÓRIA

Nesta discussão sobre o testemunho enquanto revelação da memória, ou a memória enquanto significado da lembrança, percebe-se que a imagem dos pioneiros, passa uma mensagem do testemunho da fotografia, com essa premissa de utilizar os depoimentos orais encontramos a estética e a maneira de fazer cinema documentário.

Na premissa de utilizar como pano de fundo e maneira de elaboração do documentário feito com os oito pioneiros de Cascavel, buscando assim a identidade e a arte do cinema encontrado no documentarista brasileiro João Moreira Salles, o diretor apresenta a literatura filmica com o seu personagem “Santiago”.

Assim como a pesquisa realizada com famílias pioneiras de Cascavel, os depoimentos demonstram vivencias e fases da história, tanto no contexto rural quanto urbano da cidade como percebemos no fragmento da autora:

Nas histórias de vida podemos acompanhar as transformações do espaço urbano; da relva que cresce livre, a ponte lançada, o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar. As casas crescem do chão e vão mudando: canteiros, cercas, muros, escadas, cores novas, a terra vermelha e depois O verde umbroso”. (Ecléa Bosi, p.73, 2003).

Assim como as transformações da história, também é possível buscar os depoimentos dos pioneiros que são agentes e protagonistas desses aspectos relevantes da nossa história.

Figura 16: Capa da obra filme “Santiago” de João Moreira Salles (2007)



O documentário, teve início as filmagens em 1992, porém sem êxito de finalizar, retomando 13 anos depois, efetivamente em 2007. As gravações se passam em um ambiente doméstico, na casa do então mordomo, seu fiel escudeiro, pois trabalhou para a família por trinta anos, as lembranças do Mordomo Santiago Badariotti Merlo (1912-1994), nesse período já aposentado relata suas encantadoras histórias, mesmo sendo conhecedor do mundo e poliglota, preferiu dedicar a sua vida a servir à família Salles.

O personagem “Santiago” é um personagem fascinante, escrevia muito na sua aliada a máquina de escrever, assim reproduziu 30 mil páginas, as memórias eram riquíssimas em detalhes, história, lembranças, copiava biografias de nobres de todas as épocas e nacionalidades e as guardava com laços e fitas importadas da França.

Na fotografia do filme retrata o cenário das filmagens realizadas pelo diretor, percebe-se a simplicidade cotidiana do entrevistado. A cena de certa forma acaba encarcerando o seu entrevistado de maneira que fica rodeado de seus objetos e utensílios da cozinha.

O documentário “Santiago” (2007), do Diretor João Moreira Salles, bem como das imagens da lembrança contidas nas cenas e nas fotografias, evidenciamos a importância do testemunho e da linguagem.

Figura 17: Gravação do documentário Salles



Gravação de Santiago na cozinha de seu apartamento. Documentário Salles (2007).

Em primeiro plano a maçaneta com chave, máquina de escrever envolvem o personagem, percebe-se que existe um distanciamento do personagem em relação ao seu diretor:

“O fato de ter uma vasta Biblioteca na sua casa lembrava que a Memória que tem do mordomo ‘Santiago’ na biblioteca e ao ler compilava os livros sobre aristocracia. Ele dançava. A primeira parte do documentário Santiago fala e conversa com os livros” (SALLES, 2007).

Outro exemplo para seguirmos é o documentarista Eduardo Coutinho, que também destaca com o trabalho de campo com pessoas simples e histórias reais de vida, com a perspectiva de conhecer e ter como base esses dois cineastas são possíveis idealizar um documentário que possa ter características de filme enquanto registro da história de Cascavel.

É uma pequena mostra, um ensaio do que estamos estudando, com a premissa da estética e dos encaminhamentos para o registro dos nossos personagens, digo pioneiros aqui retratados.

No ponto de vista analítico deste estudo, com o intuito de colaborar com a ideia de filme, depoimento, memória e documentário não ficcional como o entrevistado neste filme traz suas lembranças e histórias de lutas, conquistas, dificuldade e afetividade com a família de Moreira Salles (2007).

Assim corrobora com a ideia de abordar e registrar as narrativas em vídeos, traz a identidade dos grupos e personagens menos conhecidos, é primordial assim como o ator

menciona a abordagem do passado ser preservada na história por meio de fontes orais em filmes e depoimentos gravados por meio do registro histórico dessa oralidade:

A memória de cada um dos envolvidos, assim como a do próprio diretor – essencial para o filme – surgem misturadas a acontecimentos da história brasileira daquele período. O filme articula duas formas de abordar o passado, privilegiando a memória de um grupo e levando em conta que ela conserva em relação ao passado uma abertura diferente da história. No filme, a história recolhe dados, acontecimentos, informações que contextualizam a memória, e surge em uma narração em off mais objetiva (LINS, 2007, p.32,33).

O filme documentário traz elementos históricos e histórias de vidas, com seres humanos encontrados pelo cineasta, sua abordagem tem cunho jornalístico que mostra a realidade como de fato é, sem mascaramentos e sem censura. A memória é abordada no individual, porém defende classes sociais, retratando a memória coletiva.

Figura 18: Pioneira pedalando



A pioneira Lídia Luchesa (*in memoriam*) pedalando pela “Estrada Estratégica”, atual Avenida Brasil, na década de 1950, aparece ao fundo o primeiro Grupo Escolar do Município. Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som de Cascavel/PR.

Essa fotografia é marcada pela relevância histórica e singular, no que se refere à memória de uma pioneira que era totalmente livre em suas ações e costumes, essa imagem nos remete a uma época em que as mulheres eram responsáveis pelas suas casas, na educação dos filhos, dos trabalhos domésticos.

Mas nessa fotografia histórica mostramos exatamente o contrário, cabelos curtos, de calça comprida, andando em plena Avenida Brasil, isso demonstra que Lídia era feliz, gostava de andar de bicicleta, andar a cavalo e estar presente nos momentos importantes da história de Cascavel. Ajudava na venda de “secos e molhados”, ou seja, vendia-se de tudo um pouco, antigo e extinto Comercial Oeste do Paraná (COPAL). Com essa interpretação

ainda realizei uma pesquisa com a neta para falar dessa imagem e o que representava:

Minha vó, sempre à frente de seu tempo... Primeiro, se observarmos ela, está de calça, era uma poeta, sempre foi uma pessoa proativa, brilhante, o vestuário, cabelo, e aparência dela, linda é claro! Essa foto é visão dela de modernidade, simplicidade, sou fã da minha avó, ela sempre gostou, essa foto representa a minha vó, era livre, pensamento livre de quem viveu intensamente (Depoimento de Marta Luchesa²).

Ao primar pelas imagens e cenas de famílias pioneiras de Cascavel, elencamos as famílias nos depoimentos espontâneos de cenas cotidianas, marcadas pelas cenas bucólicas e períodos da colonização nos aspectos históricos.

2.2 O DOCUMENTÁRIO ENQUANTO FICÇÃO DA MEMÓRIA

É preciso concordar com os teóricos que o filme documentário é uma ficção da memória no sentido de que o personagem vai rememorar o passado e não representara com figurinos e encenações. Sim trazer as câmeras a sua impressão e história de vida, por isso as entrevistas com os pioneiros elencados.

Ciente de que não estamos construindo verdades absolutas, mas sim trazer as memórias de pioneiros que possuem seus conhecimentos e a cultura do tempo, seja, ele apreciado pela voz, depoimento de quem tem o que falar e contrapor com as fotografias existentes da sua história. “Para lembrar, mesmo que solitariamente, recorreremos à linguagem e, portanto, a uma mediação que já imprime à memória individual uma dimensão social” (LINS, 2007, p.33).

O documentário contribui para o registro do testemunho, acaba por ser matéria prima de pesquisa e pode contribuir com o não dito em livros e documentos oficiais, a exemplo da literatura de testemunho por meio de pioneiros, nesse contexto compactuando com a ideia do autor.

“As entrevistas podem ser exploratórias, mapeando o campo e colhendo ideias e informações. Com a ajuda destas, pode se definir o problema e localizar algumas das fontes para resolvê-lo” (THOMPSON, 1992, p. 254).

² Luchesa, Marta. Neta de Lídia Luchesa – *In memoriam*. (Depoimento por áudio. 22-07-2019). Profissão: Professora. Idade: 46 anos. Transcrição.

As personagens escolhidas são moradores idosos de Cascavel, as quais são pessoas anônimas à literatura convencional. Os autores personagens serão alicerces para evidenciar as histórias relembradas que irão ser incorporadas no documentário. O roteiro sendo canal de pesquisa, ou seja, de forma imparcial e objetiva realizamos, tendo a sensibilidade de deixar o entrevistado o mais a vontade possível, para que não haja cortes em seus pensamentos. Ao entrevistar deixamos o pioneiro a vontade para relatar e trazer as suas lembranças.

Para realizar as entrevistas, é preciso também cuidados, mais que necessários, para não comprometer e não intencionar a entrevista como salientado pelo autor.

[...] os depoentes narraram, livremente sobre suas vidas e suas experiências pessoais. Foram formuladas questões amplas e o próprio entrevistado organizou cronologicamente a narrativa. Também perceberam, através dos depoimentos, que é uma construção social e simbólica, a partir de um contexto e através da percepção da existência de outro (PORTELLI, 1997, p. 17).

Desta forma, para fazer uma entrevista é necessário ter postura ética deixar o entrevistado à vontade, bater um papo antes, informalmente, para depois, efetivamente gravar o entrevistado que está interessado em sua fala, em suas memórias e assim aos poucos realizar novos questionamentos, confirmando com gestos que o ouve atentamente e que quer compreender suas palavras, mas sem influenciar seu discurso:

Nos documentários, encontramos histórias ou argumentos, evocações ou descrições, que nos permitem ver o mundo de uma nova maneira. A capacidade da imagem fotográfica de reproduzir a aparência do que está diante da câmera nos compete a acreditar que a imagem seja a própria realidade e apresentada diante de nós, ao mesmo tempo em que a história, ou o argumento, apresenta uma maneira distinta de observar essa realidade (NICHOLS, 2010, p.28).

Os documentários de representação social normalmente chamaram de não ficção, esses filmes representam de forma intangível os aspectos cotidiano e histórico. Como parte da pesquisa os depoimentos dos pioneiros de Cascavel, bem como as histórias de vida desta pesquisadora fazem parte do tecer das narrativas que partem da memória e da identidade cultural de cidadãos.

2.3 O DOCUMENTÁRIO ENQUANTO NARRATIVA DA HISTÓRIA

“A vida não é a que a gente viveu e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”

Gabriel García Márquez

A maior inspiração sobre o uso da fotografia é o trabalho que realizo no Museu da Imagem e do Som há dez anos, isso gerou a produção e o conhecimento histórico ligado a história de Cascavel, as constantes entrevistas e busca desses saberes me ajudaram a entender melhor o desenvolvimento da cidade.

Com as imagens históricas contribuem para o documentário, pois as fotografias que são salteadas ao longo da pesquisa colaboram de forma visual para as narrativas dos pioneiros, assim como a lembrança, memória do passado podemos imaginar lembrar e esquecer de fatos.

Ao alicerçar as lembranças evocadas por meio da fotografia e da memória estimulada é possível concordar com o autor:

[...] todos nós guardamos fotos de nossas experiências de vida: imagens-relicário que preservam cristalizadas nossas memórias. A fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de certo momento e situação, de certa luz, de um determinado tema, absolutamente congelado contra a marcha do tempo (KOSSOY, 1999, p.137-138).

Nessa linha, a fotografia e a memória centram-se nas percepções humanas e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. A lembrança de certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas:

Estas memórias geralmente não estão monumentalizadas e nem gravadas em suportes concretos como textos, obras de arte e só se expressam quando conflitos sociais as evocam ou quando os pesquisadores que se utilizam do método biográfico ou da história oral criam as condições para que elas emergam e possam então ser registradas, analisadas e passem então a fazer parte da memória coletiva de uma dada sociedade (VON SIMSON, 2006).

Ao recorrer para a história, literatura e micro história, podemos alcançar por meio de memórias, fotografias e a oralidade, depoimentos que são verdadeiras enciclopédias de

acontecimentos, fatos que estão vivos na memória de indivíduos e como são findáveis acabam sendo desperdiçados ao longo da vida humana, no que refere ao tempo biológico.

O resgate histórico dessas informações por meio de testemunhas da história, gravadas e transcritas nos incentivam a valorizar o idoso com suas experiências de vida. Na obra *Memória de Velhos*, de Bosi, observa-se que as histórias eram reais e contribuem de forma efetiva para compor a história da cidade.

Na sua perspectiva a história de velhos decaiu a arte de contar histórias por que pode ter caído no esquecimento às experiências dos avós, no decorrer dos anos ficamos mais velhos e teremos um país com milhões de velhos, ao recorrer a memórias dos vividos é possível abarcar informações experiências, tradições que são perdidas ao longo de tempo (BOSI, 2009, p.54).

Ao valorizarmos a oralidade, percebe-se que as histórias contadas por nossos avós eram subsídios de aprendizagem e ensino para os netos e filhos. No decorrer do tempo, essa prática ficou um pouco de lado, mas aos poucos vamos resgatando o contador de histórias por meio de projetos que incentivam a criatividade, respeito, ensinamentos que podem ser aplicados aos velhos e aos professores por meio do desempenho e arte de contar histórias. É possível constatar por meio da oralidade as tradições e a identidade cultural da comunidade:

Performances marcam identidades, dobram o tempo, remodelam e adornam o corpo, e contam estórias. Performances – de arte, rituais, ou da vida cotidiana – são “comportamentos restaurados”, “comportamentos duas vezes experienciados”, ações realizadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam (SCHECHNER, 2006, p. 28).

Ressaltam-se as diversas possibilidades de trabalho, onde a partir de narrativas é possível observar uma história micro, do sujeito e “vista de baixo” dos grandes acontecimentos, que se entrelaça com o contexto maior, seja regional, nacional ou global.

Muitas áreas podem ter ricas contribuições com relatos orais, como a educacional e patrimonial, por exemplo. Essas memórias compartilhadas podem ser ponto de partida para pesquisas acadêmicas, projetos diversos e para o resgate e investigação da história de grupos e locais.

A importância de primar pela responsabilidade na construção de uma narrativa histórica dentro de um museu, por exemplo, é parte fundamental quando se visa expor a memória individual e coletiva do cotidiano, dos invisíveis e marginalizados e fazer surgir no

público visitante a certeza de que são agentes históricos também, e de que naquela narrativa está parte de si próprio, ou seja, a identificação com as memórias e a materialidade.

Figura 19: Período da colonização: Caçador e animal de estimação.



Cotidiano: a caça era uma prática comum. Morador com espingarda, adolescente, uma anta e cachorros domésticos. Década de 1950. Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Cascavel/PR.

Essa imagem demonstra um cenário cotidiano em Cascavel, o animal era de estimação, muitos não acreditam, mas causou até um comentário especial do Professor Dr. Antônio Donizete sobre a veracidade desse fato durante a qualificação do Mestrado, ele pesquisou com seu pai que disse que era normal a prática de ter esses bichinhos adotados e amansados pelos moradores.

As fotografias são imprescindíveis para a pesquisa, pois, são documentos históricos, que podem ser praticados a releitura, interpretação, investigação e fonte para a informação, nesse sentido as fotografias são artefatos da história, de um tempo, de um registro, de uma memória, sendo um pedacinho de história ou até um livro da mesma história.

Para alicerçar esta pesquisa, fundamentada na obra de Boris Kossov, *Fotografia e História*, na perspectiva de utilizar as fotografias como testemunho das narrativas históricas com base em fotografias pertencentes ao acervo do Museu da Imagem e do Som de Cascavel.

A memória coletiva e individual de pioneiros da cidade, o que ressaltamos na referente pesquisa com fotografias, muitas delas estão carentes de informações, nesse sentido faço constantemente pesquisa com pioneiros para agregar valores históricos. Diante dessa premissa em fundamentar e utilizar a fotografia como fonte histórica utiliza-se as imagens que são fundamentais para o contexto e desenvolvimento histórico, cultural, cotidiano, político, educacional.

Diante da imagem a seguir percebemos a organização dos meios de transportes na cidade, contam os pioneiros que existia duas linhas de transportes coletivos, inicialmente começou com os Ford de bigode, jipes, Kombi e as jardineiras, ônibus pequenos demonstrados na fotografia:

Figura 20: Período com Sinais de urbanização: Meios de transportes



Viação São José de José Bartnick. Trajeto Cascavel/Corbélia ao Rio Piquiri. Motorista Irineu. Ônibus Chevrolet, ano: 1950. “Eu era o cobrador do ônibus” ainda franzino compartilhou (Radialista Tony³ dos Santos - 2019). Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Cascavel/PR

Essa fotografia fez parte de uma exposição no Museu da Imagem e do Som em 2019, na oportunidade estava exposta, porém sem uma legenda, na época o pioneiro e radialista Tony dos Santos (in memoriam 2020) fez a identificação da imagem e ficou emocionado por se deparar com ele próprio. As imagens refletem o passado, e ajudam a contar histórias do tempo, os pioneiros são interlocutores e personagens reais dessa história, perpassa pelo período de urbanização da cidade ainda que nos seus primórdios.

Os pioneiros escolhidos são pessoas as quais consideramos por suas respectivas histórias e contribuições com a cidade. Diante disso, escolhemos pessoas que em suas devidas profissões, podem preencher lacunas e trazer narrativas orais sobre diversos assuntos.

O que procurava eram histórias interessantes que pudessem esclarecer dúvidas não como verdade absoluta, mas, sim informações peculiares a nossa cidade.

³ Pesquisa, Radialista Tony dos Santos, pioneiro de Cascavel (22-07-2019).

Respeitando a individualidade e suas memórias, o que tento fazer é despertar o interesse de registrar a oralidade por meio das histórias cotidianas que certamente servirão de fonte de pesquisa no futuro.

Sendo assim, buscamos conceitos e maneiras de como estudar, interpretar e conduzir a produção e estética deste documentário enquanto produção e obra fílmica literária. Na qual propomos no início dos trabalhos. Diante da grandeza e volume de informações, filtramos os temas pertinentes ao nosso interesse. Os pioneiros ligados à política, ao cotidiano, à educação, à economia, aos bairros e à forma de vivenciar de maneira singular a nossa história.

A narrativa propicia uma maneira formal de contar histórias, que pode ser aplicada ao mundo histórico e também ao imaginário. A história e a biografia, por exemplo, geralmente assumem a forma narrativa, mas de um modo não ficcional. As narrativas resolvem conflitos e estabelecem ordem (NICHOLS, 2010, p.126).

Com a história é possível trazer as narrativas por meio de lembranças do idoso, instigando e trazendo à memória aquilo que viveram, ou seja, suas recordações aliadas aos aspectos e desenvolvimento. Outra importante abordagem é a fotografia que representa um período, uma história, umas lembranças do passado utilizaram dos momentos nostálgicos da história:

A capacidade que tem as fotografias de evocar em vez de contar, de sugerir em vez de explicar, torna-as um material atraente para o historiador, o antropólogo ou o historiador da arte que pinçasse uma única fotografia de uma ampla coleção e a usasse para ter alguma relação com o contexto narrativo original da foto, com a intenção de seu criador ou com as maneiras como foi utilizada por seus destinatários originais (DYER, 2008⁴).

A literatura oral possibilita uma amálgama com a história oral, ou seja, de forma híbrida convêm despertar para que outras pesquisas possam ser elencadas em outros momentos. A história de Cascavel é carente de informações catalogadas, desse modo tenho a certeza que o documentário vem ao encontro com esse déficit de informações acerca da cidade.

⁴ Citação: DYER, Geoff. O instante contínuo, uma história particular da fotografia. Tradução: Donaldson M. Garschagen. 2008.

A memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere às suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado (VON SIMSON, 2006).

A fotografia nos remete aos antigos hábitos de ter em casa álbuns de fotos, na qual reuníamos a família para virar as páginas e recordar os momentos que estavam registrados nesses locais. Com o atual século nos deparamos com a era digital, tudo é formato não impresso, diante da correria, as fotos se tornaram acessíveis e não duradouras, pois, a mídia digital é rápida e não garante as recordações e encontros para admirar e recordar as lembranças que outrora foram esquecidas nas memórias pessoas mais experientes.

Os velhos álbuns são recordações que guardamos em casa, as fotografias são parte da nossa história, na qual guardamos, revelamos e zelamos por elas, pois, acreditamos que sem as fotografias não temos provas do que fomos ou realizamos, essa ferramenta serve para inúmeras recordações e interpretações:

A capacidade das imagens fotográficas é transmitir uma impressão tão viva da realidade, que inclui o movimento como um aspecto fundamental da vida a que a pintura e a escultura foram capazes de aludir, mas não copiar, instiga o desenrolar de duas histórias complementares: uma sobre a imagem e outra sobre o cineasta (NICHOLS, 2010, p.117).

A fotografia, para Walter Benjamin, um dos primeiros pensadores do século XX a se ocupar de uma “teoria da arte” adequada aos tempos da imagem técnica, avaliando o impacto de sua disseminação, afirmou que as massas tinham o prazer em fazer as coisas, de “ficarem mais próximas”, em uma irresistível necessidade de possuir o objeto, seja pela imagem, ou por sua reprodução.

Com ênfase sobre a produção do filme não ficcional, ou seja, os depoimentos dos pioneiros são sobre o cotidiano, sociais e de trabalho. Partindo desse viés, subsidiar o trabalho na experiência dos dez anos que separamos personagens nos quais nos identificamos com as histórias, mas acima de tudo pessoa trabalhadora, lutadoras que poderem expressar seus pensamentos, sonhos e vivências do passado:

O estudo dos gêneros, leva em consideração os traços característicos dos vários grupos cineastas e filmes. No vídeo e no filme documentário, podemos identificar seis modos de representação que funcionam como subgêneros do gênero documentário propriamente dito: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e o performático (NICHOLS, 2010, p.135).

Para dar seguimento às discussões propostas nesta dissertação, com base teórica em Silvio Da-Rin (2018) e Bill Nichols (2005), o documentário enquanto cinemas documentais, nessa ideia tentaram construir um documentário de forma híbrida, ou seja, sendo um material leve, e agradável para o espectador. Diante disso o documentário é a produção e a arte do pesquisador e orientador, tentamos evidenciar pessoas, formas, maneiras e certa leveza no que tange aos assuntos abordados, o cotidiano e a história da cidade precisava ter uma relação mútua entre os pioneiros, tratados aqui como personagens principais nesta narrativa.

2.4 CRUZAMENTOS IMAGÉTICOS DA MEMÓRIA

Neste capítulo o documentário tem a função de representar parte da realidade, no que tange os depoimentos e os cruzamentos rememorados e evidenciados em suas memórias, significativamente encontramos subsídios na fotografia, na imagem para representar, contar as histórias lembradas. Para isso trazemos o princípio das experiências cinematográficas como documentário que estejam, certamente, associados aos irmãos Lumière e nos anos de 1930, John Grierson símbolo de efervescência de um novo movimento documentarista, desenvolvido na Inglaterra. E para comprovação citamos o autor que vem contribuir em sua teoria:

Como a fotografia antes dele, o cinema foi uma revelação. As pessoas nunca tinham visto imagens tão fiéis a seus temas nem testemunhado movimento aparente que transmitisse sensação tão convincente de movimento real. Como observou o teórico do cinema Cristian Metz, na década de 1960 (NICHOLS, 2010, p.117).

Pois observa-se que o cinema é um meio de cruzamento imagético, que tem o suporte e a representação possível para que o possamos visualizar, imaginar com nosso campo visual. Também salientamos que o cineasta Moreira Salles (2007), traz o documentário como uma experiência de vida. Diante disso trago algumas partes e considerações do autor que foram apresentadas para a entrevista para a Revista:

[...] portanto toda a vez que você der play precisou ser madura, já que podemos filmar infinitamente, isso produz certa maneira... Certa anarquia, se você filma tudo, e resolve na ilha de edição... Tenho uma impressão, que a memória pode ser

apagada essa exige proteção, preservar exige proteção que a cultive, para que ela não se vá desapareça ter consciência do que está fazendo (SALLES, Revista Varanda, 2017⁵).

Por essa razão escolhemos o Cinema Documental para realização desta pesquisa, diante disso, precisamos ter certo cuidado com o que gostaríamos de apresentar e filmar como bem disse o documentarista Salles (2017) em entrevista à Revista Varanda. O documentário documental é uma modalidade que explicita a vida real dentro de uma representação ou recorte do cinema popular, em sua fala diz que Eduardo Coutinho trouxe essa ideia de fazer filme documentário com personagens sendo entrevistados. A partir disso percebemos que a vida social era retratada em seus trabalhos.

Figura 21: Período com Sinais de urbanização: Ambiente Escolar, vestimentas dos homens.



Cena do cotidiano, homens trajados com fatiotas da época. Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Cascavel/PR.

A fotografia parece encenada e retratada, demonstra que os personagens da imagem refletem pessoas abastadas, a impressão que tem que chamaram um fotógrafo para o registro. Não estão identificados. Mas sugere uma pesquisa com as famílias da época ou com pesquisadores da história de Cascavel. Essa fotografia é uma prova de um tempo e da sociedade, os rapazes passam a impressão tem influência na cidade, com isso compartilho do pensamento do autor:

⁵SALLES, João Moreira. Entrevista: O documentário e a memória - Varandas.doc. ITS Rio. Publicado em 9 de out de 2017, disponível em: <<http://bit.ly/1VUYZTV>>.

Dramatização, interpretação e intervenção social – estes são os atributos do documentário para seus fundadores. Em nenhum deles se nota o menor traço de documento ou prova. Ao contrário de um espelho que reflete a natureza e a sociedade, é como uma ferramenta para transformá-la que o documentário é assumido por aqueles que lançam as bases de sua tradição (DA-RIN, 2008, p.93).

Na perspectiva de utilizar o documentário para elaborar e gravar as entrevistas com os pioneiros pretendeu-se trabalhar de forma que o documentário pudesse nos servir de mídia para o registro da memória dos entrevistados que trouxeram suas experiências de vida agregando assim ao material produzido como afirma o autor, o documentário tem a premissa de construir metáforas, histórias revisitadas:

Em suma, os vídeos e filmes documentários falam do mundo histórico de formas elaboradas para nos comover ou persuadir. Eles tendem a repisar aqueles aspectos da experiência que se encaixam nas categorias gerais de prá sociais e relações mediadas institucionalmente: vida familiar, orientação sexual, conflitos sociais, guerra, nacionalidade, etnicidade, história etc (NICHOLS, 2010, p.114).

É interessante utilizarmos o modo participativo com as entrevistas dos pioneiros. No nosso caso vamos fazer um misto de estética para documentário documental que sejam atraentes para o público apreciador de documentários, a poética e a expressividade dos pioneiros será fundamental para ser um documentário leve para se assistir, mas repleto de informações e fotografias.

O Documentário, como sequência organizada de sons e imagens, constrói metáforas que atribuem, inferem, confirmam ou contestam valores que cercam as práticas sociais sobre as quais nós, como sociedade, continuamos divididos. Usam a retórica deliberativa, judicial e panegírica, entre outras estratégias, para persuadir-nos de sua orientação, de seu julgamento ou de um argumento em particular (NICHOLS, 2010, p.107).

O filme documentário tem a finalidade de informar, denunciar de forma que possamos imaginar contextos históricos e culturais por meio do depoimento oral e suas particularidades. Sendo assim as imagens documentais exploradas no documentário propiciam memórias e experiências do passado na fala dos personagens entrevistados. “Elas geralmente se encontram muito bem guardadas no âmago de famílias ou grupos sociais dominados nos quais são cuidadosamente passados de geração a geração” (VON SIMSON, 2006).

Os conhecimentos transmitidos por meio da oralidade e dos depoimentos são fundamentais para a pesquisa sobre a história oral, com essa premissa podemos compartilhar

alguns momentos e lembranças desses depoentes utilizadas para a pesquisa documental e testemunhal.

As narrativas são utilizadas no cinema para serem instrumento oral de comunicação e trazem à tona a história relatada por meio do depoimento do idoso, sendo assim pretendemos utilizar a linguagem, o diálogo espontâneo para registrar as histórias por meio do depoimento, lembranças e memórias:

Pode-se memorizar um discurso pela simples força de vontade ou desenvolver um “teatro da memória” para lembrar o que tem de ser dito. Esse teatro compreende a localização criativa dos componentes do discurso conforme o orador se move pelo espaço imaginado, numa ordem predeterminada, recolhendo os argumentos depositados ali (NICHOLS, 2010, p.90).

Também ancoramos os estudos de Halbwachs (2003), onde explicita a importância do testemunho e da memória na interpretação de imagens e depoimentos orais. No filme o personagem compartilha seus conhecimentos, assim simbolicamente registraram as lembranças do passado e a vivência do tempo em que era mordomo da família Salles. Diante disso, o filme documentário demonstra a importância do valor da memória, das experiências e vivências. Portanto, o personagem quando articulado ao histórico tem uma grandeza estética, alegórica e significativa.

Figura 22: Período rural: Poço e a água potável



Cena cotidiana, dois homens e um poço de água. Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Cascavel/PR.

Essa fotografia, traz o contexto ainda primitivo de retirada de água, geralmente os moradores encontravam a água por meio de uma forquilha contada pelos pioneiros,

conhecimento e saber popular. A imagem demonstra a importância dos pioneiros em se preocupar e fazer os poços manuais para água potável, elementos que mudam hábitos, preocupação com saúde.

Assim é possível estudar e compreender as experiências familiares e peculiaridades da passagem do tempo e da memória. No contexto das imagens, podemos fundamentar nas histórias de vida e dos sentidos imaginários, com fotos fornecendo um testemunho por meio de fotografias representativas.

Por outro lado, o documentário de Salles traz conceitos e momentos nostálgicos de “Santiago” em que escreve muito na máquina de escrever suas lembranças e aspirações de vida. No filme, o personagem documenta a própria história, escrita datilografada, compondo assim recordações e registros, ou seja, cria e recria o próprio testemunho. Neste caso, as narrativas orais são registradas de forma intermediária:

Quando assistimos a documentários participativos, esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente, e não por alguém que observa discretamente, reconfigura poeticamente ou monta argumentativamente esse mundo (NICHOLS, 2010, p.154).

O documentário tem a prerrogativa e a função de registrar a literatura oral e a memória de cidadãos tratados aqui como históricos. Sabe-se que o documentário não tem autor, ensaio, simulação e ou teatro no caso em questão procuramos a veracidade e a simplicidade dos depoentes e os intelectuais que participaram no início da nossa cidade, com isso fundamentalmente vamos trilhar pelo caminho do filme de Salles (2007) que retrata o seu funcionário aposentado o mordomo “Santiago”.

Nessa perspectiva tratamos o filme documentário como fonte de pesquisa, para contribuições didáticas para a educação.

“Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos nos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares” (NICHOLS, 2005, p. 47).

As entrevistas orais oportunizam o reconhecimento das fontes históricas, com essa linha de pesquisa registramos e gravamos em vídeos as entrevistas que acabam sendo “esgotáveis”, digo isso pelo tempo de vida do ser humano, pois, no mesmo tempo que nossos pioneiros se aproximam das limitações físicas e emocionais devido à idade, é de extrema

importância ouvi-los, pois, são colaboradores da história é um privilégio essa oportunidade em trabalhar com a história desses cidadãos, os fatos que os immortalizam essas memórias.

O tema proposto vem ao encontro de questionamentos acerca da história, no que tange algumas informações sobre a colonização, cotidiano, política, aspectos sociais e lacunas na literatura escrita de Cascavel, pretendendo agregar com a coleta dos depoimentos para a história, com as narrativas dos pioneiros são perceptíveis à riqueza da obra fílmica e as discussões teóricas sobre este assunto, ao incorporar e instigar novas pesquisas na área da literatura de testemunho, ao publicar esta pesquisa surgirá novos olhares para a riqueza de detalhes encontrados na memória enquanto reminiscência da história.

O filme documentário é uma classificação que vai além, que tem a intenção do registro oral dos depoimentos dos pioneiros, realizando uma mostra do que assegura como registro da memória individualizada e, ao mesmo tempo, pertencente à história de Cascavel, além das evidências, também encontradas nas fotografias históricas do acervo do Museu da Imagem e do Som de Cascavel, um registro de mais de 120 mil documentos que são parte desta pesquisa ao longo de dez anos de trabalho técnico, em que se encontram fotos que marcaram época.

Cascavel é uma cidade pujante e em pleno desenvolvimento econômico, social e cultural, com apenas 68 anos, evidenciamos diversas lacunas e falta de informações acerca de sua história, e uma maneira de contribuir e colaborar com essa deficiência documental, é as entrevistas com os moradores que pode corroborar para o conhecimento oral com quem realmente fez parte desse desenvolvimento.

Com a base populacional a cidade tem uma população estimada conforme o censo de 2018, em 324.476 pessoas, esse crescimento é notório. Com isso encontramos os pioneiros da cidade que estão com uma idade média de 80 anos. Para realizar essa pesquisa tenho no cadastro do Museu da Imagem e do Som cerca de mil e duzentas pessoas relacionadas a famílias pioneiras e filhos mais velhos que reproduzem as histórias de seus descendentes. Mas nossos objetivos são os mais idosos e coerentes nas suas histórias.

A obra fílmica produzida por meio do documentário desta pesquisa demonstra alguns aspectos e temas pesquisados, nos relatos orais com os pioneiros dos moradores do interior de São Salvador e São João do Oeste na área rural do próprio Município, a exemplo do Museu Nossa Senhora Aparecida do senhor Severino Pieczrka.

A Fotografia em questão aborda uma cena da década de 1950, demonstrando o desenvolvimento da cidade embrionária denominada Cascavel. Essas impressões têm ao observar essa imagem, não existe uma identificação oficial, a não ser a placa propaganda.

Figura 23: Período com sinais de desenvolvimento: Propaganda de hotel



Propaganda do Hotel Americano, construção do primeiro Grupo de Escola Técnica de Antônio Cid em 1956, onde hoje é o Banco do Brasil, na Avenida Brasil. Fonte: acervo do Museu da Imagem e do Som. Cascavel/PR.

A imagem demonstra aspectos de desenvolvimento econômico, a placa de divulgação mostra que a cidade tem um bom hotel Americano, que ficava na Avenida Brasil, sua construção toda em madeira, realmente hospedava os viajantes e os novos moradores.

Ao primar pela oralidade dos personagens, pioneiros que moram em Cascavel há pelo menos 60 anos, será possível engendrar enredos e vivências de seu tempo que outrora ficaram esquecidos no tempo e no espaço. Os depoimentos são ressignificações que podem ser compartilhadas com o entrevistador e registradas para as gerações futuras.

Sendo assim, a literatura de testemunho pode ser um instrumento de registro da memória individual e coletiva ao captar as lembranças e experiências do cotidiano, são formas de encontrar nas narrativas o fundamento que podemos estudar posteriormente as filmagens, ou seja, a literatura oral será agregada a literatura escrita, agregando de forma auxiliar para a história da cidade de Cascavel.

Notamos que esses momentos orais, são findáveis no caso da linguagem, os depoimentos se tornam documentos, podem ser transcritos e ajudam a elucidar lacunas da história que muitas vezes ficaram sem respostas ao longo dos anos, encontramos nos livros

a literatura escrita. Nesse contexto, o enriquecimento das narrativas orais vem ao encontro dos anseios da comunidade em saber mais sobre nossa história.

Diante do exposto, pretendemos auxiliar com esta dissertação de mestrado na esfera do conhecimento do testemunho na literatura, as narrativas testemunhais são possibilidades de apresentar relatos e questões ligadas aos moradores do interior do município.

Essa fotografia não possui uma legenda oficial, porém observa-se uma propaganda da época. O automóvel, e dois homens não identificados, também não sabem informar a localização. Mas posso sugerir que essa imagem pertence à década de 1950 assim como a Escola Técnica Rio Branco e comércio que inicio que funcionou em 1957.

Assim também, as narrativas contadas pelos pioneiros de Cascavel, serão marcadas pelas evidências e pelas memórias, sendo estimulada para ser lembrada através de indagações pertinentes ao cotidiano do cidadão histórico.

A pesquisa tem por objetivo realizar entrevistas com alguns moradores de Cascavel, aos quais serão personagens da vida cotidiana da cidade, iremos abordar a história por meio de cidadãos que moram pelo menos sessenta anos na cidade, os depoimentos são espontâneos, os oito pioneiros moradores que contribuíram ou assistiram o desenvolvimento da cidade.

3. REMINSCENCIAS, VOZES E IMAGENS DE CASCAVEL

“O perfeito conhecimento começa pela perfeita reminiscência”.

Schopenhauer

Neste capítulo, perpassamos pelas histórias das famílias aqui entrevistadas e também daquelas que não gravamos devido a pandemia causada pela Covid-19, permanecendo o levantamento de algumas histórias representadas nas pequenas biografias.

Neste contexto, propomos trazer as histórias que fizeram parte do passado desta pesquisadora, que conta algumas experiências e peripécias da juventude. Mostrando que memórias são individuais sim, porém, vivem no coletivo, como já mencionado pelos autores pesquisados. Apresento neste trabalho oito histórias destacadas na escrita e em fragmentos que vieram à memória no dia da filmagem, fazendo parte do documentário “Reminiscências”.

É interessante perceber que contar as histórias narradas no papel é muito mais fácil do que as contadas no vídeo.

Ao lembrar e contar nossas histórias, percebemos que existem fatos que marcaram uma geração, uma família, um legado ou mesmo um traço das tradições das famílias e da existência humana, cada um de nós, tanto os pioneiros quanto as histórias que conto, demonstram cenas que se identificam, pois fazem parte do contexto cotidiano, bucólico do campo.

Por fim, os aspectos simbólicos, culturais e sociais são acrescentados com imagens históricas de Cascavel, fotografias retiradas de álbuns dos participantes, bem como desta autora.

As fotografias me remetem a lembranças e histórias de vida. A foto tem o legado de transportar, mesmo que na imaginação, conseguimos ter cenas do passado, ou seja, testemunham as recordações de um determinado tempo. Por fim, as imagens históricas representam perspectivas do período da colonização da cidade, perpassam por aspectos ligados ao ciclo da madeira, tanto no que se refere aos pinheirais quanto as casas, casebres mencionados no decorrer da dissertação. As fotos também situam em um determinado espaço temporal, com isso evidenciamos a cidade de Cascavel/PR.

3.1. REMINISCÊNCIAS VISÍVEIS DO EU

Assim como os pioneiros que vieram em busca de novas perspectivas para suas famílias, no quesito buscar oportunidade de trabalho, para dar melhores condições de vida para os filhos, inúmeras famílias migraram de uma localidade para outra, a migração dentro do país, entre migrantes da região sul ocorreram em grande escala. Assim como a nossa família, meus avós, meus pais vieram em busca de terras e tratamento de saúde.

Minhas memórias são como o clima do Paraná, têm seus períodos frios, assim como o Rio Grande do Sul; elas são como as estações do ano, têm o tempo de plantio e também o tempo de colheita, tempo de florescer e de sentir a brisa suave do verão.

Reviver tudo isso despertou em mim diversos sentimentos: tristeza, alegria, saudade e superação... O que culminou em um processo de cura e uma enorme satisfação.

As partes dos momentos felizes na casa da minha madrinha Irene e Arthur Smaniotto (in memoriam) ficaram na lembrança, as histórias ruins ficaram para trás, assim como o período gelado de Lagoa Vermelha.

O que permanece são as histórias contadas aqui, que aquecem o coração, pois a cidade de Cascavel/PR me adotou como filha e guardiã da memória e da identidade cultural.

Uma das coisas que mais me orgulho é o trabalho que realizo com os moradores, os pioneiros, sobre a história e a literatura de testemunho, o Projeto Memória Viva, que registra as fontes orais para preservação das tradições e identidade de Cascavel/PR.

Os personagens deste trabalho foram escolhidos por suas histórias de vida e afinidades com o desbravamento de Cascavel, são homens e mulheres que enfrentaram inúmeras dificuldades e desafios em meio a colonização.

Na casa do pioneiro Dominginhos dos Santos, pernoitei algumas vezes para ir aos bailes, matinês, quase sempre escondida do pai. As suas filhas Marines, Marlene e Marisa são amigas e, apesar do distanciamento, nossos laços permanecem. Esta é apenas uma das histórias vivenciadas por mim.

De sul a sul: a travessia

Segui os passos dos meus avós, Teotônio e Laurentina Prado, que vieram do Rio Grande do Sul para o Paraná em meados de 1970. Meu avô veio para cá em busca de terra e uma vida melhor. Construíram seus patrimônios às margens da BR 277.

Figura 24: Avós paternos



Avós paternos da autora, Laurentina e Theotônio Leite do Prado. Foto: arquivo tia Lourdes Prado.

Esse retrato dos meus avós estão sempre presente em minha memória, lembro da casa, de cada detalhe, e principalmente esse quadro trazendo momentos únicos dos meus queridos avós com uma obra de arte, pintura a mão. Essa lembrança encontrada na casa da minha tia

Lourdes em Cascavel-Pr, marcou a infância em que conversava e ouvia as histórias mais incríveis que já ouvi, a comida saborosa, os conselhos, a integridade do meu vô Theotônio. Assim como um pioneiro eles foram exemplos de determinação, migraram do sul para o sul, bem-sucedidos, tinham uma casa de alvenaria bem grande, com várias salas, quartos e banheiros... Era casa de gente rica!

Aos sete anos, fui morar na cidade com meus padrinhos Irene e Artur Smaniotto, para estudar na Escola Bom Jesus Rainha da Paz, ainda em Lagoa Vermelha/RS. Esse foi o começo da despedida de minha cidade natal.

Figura 25: As bodas de ouro meu avô Theotônio e Laurentina.



Bodas de Ouro de Casamento dos avós paternos. Foto: arquivo pessoal da tia Lourdes Prado.

Essa fotografia demonstra o casamento como pilar da família, na época eu era muito jovem, mas tinha muito orgulho de ver o companheirismo dos meus avós, a união deles era balizada na fé, no carinho mutuo, no respeito. A herança cultural do casamento, dos valores foram essenciais para que eu construísse minha família.

Deixei parte da minha história para trás: a fazenda, os bovinos de corte e leite, os cavalos, as ovelhas, os avestruzes, uma banheira para imersão das criações e as cachoeiras, além dos estudos na Escola Rainha da Paz.

Figura 26: O gado e as lembranças



“Lembro-me dos campos e dos gados”. Iporã/PR. Foto: Silvia Prado, 2018.

Como primogênita, aos oito anos, já tinha passado por alguns momentos difíceis, que enfrentei e superei. Precisava passar por mudanças, isso gera medo, a dor era grande, pois minhas raízes eram por lá, o mais difícil era deixar os estudos, a casa da minha madrinha e o conforto.

Em 01 de novembro 1982, aos nove anos, deixei minha terra natal, Lagoa Vermelha/RS, para pisar em terra vermelha de cobras e serpentes. O lugarejo, área rural na Comunidade de Centralito, pertencia ao município de Cascavel/PR, que até hoje preserva os mesmos costumes e romantismo daquele tempo.

O Rio Grande do Sul era gelado, mas as terras paranaenses eram (e ainda são) frias, muitas vezes sombrias pelos dramas que outrora vivi.

Figura 27: O gado e as lembranças



Município de Lagoa Vermelha/RS. Foto: Sebrae RS.

As recordações da minha cidade natal, me trazem muitas recordações boas, os estudos na cidade, na casa da minha madrinha Irene, os ensinamentos que me passou. A casa em que

morava era de gente rica como já relatei sobre a casa dos avós no Paraná. Deixei o conforto, para vir em busca de tratamento para o pai. Passamos por alguns momentos difíceis de adaptação, pois, deixar o passado é romper com as raízes lançadas na nossa cidade natal.

Em Cascavel, moramos na garagem da casa de minha avó. Lembro que chovia, ficava tudo alagado e nossas vidas eram abaladas conforme as intempestivas situações que passamos por ali. Os concretos da garagem eram gelados e úmidos, nossa família ficou pouco tempo naquele lugar.

Depois construímos uma casinha no meio da mata para morarmos. Era simples, de madeira de pinheiros e árvores da propriedade dos meus avós e tios, mas ao mesmo tempo era divina e aconchegante. Até hoje sinto os aromas daquele doce lugar.

Quando a gente queria brincar, eu e meus irmãos fazíamos malabarismo entre as árvores frutíferas, dançávamos na chuva enquanto colhíamos laranjas, limas, bergamotas e muitas outras frutas.

Tem uma coisa que até hoje me alegra e me faz sentir saudades daquela época: o sabor da comida de minha avó Laurentina. Lembro-me do cheiro do feijão, da panelinha tão pequena que deixava sempre o gostinho de quero mais.

Vovó fazia as refeições e as congelava em porções bem divididas, porque éramos em muitos netos, a tradição dela eram as pequenas porções, tudo muito bom e delicioso.

Figura 28: Os avós com os netos e primos da autora



Netos e netas no casamento de Bodas de Ouro dos avós paternos. Foto: arquivo pessoal de Jucelene Prado.

Essa fotografia com os avós, primas e primos, ainda faltaram os da tia Iraci e do tio Sebastião (in memoriam), esse momento de comemoração do aniversário de casamento, bodas de ouro, achava o máximo isso, uma união matrimonial durar a idade de uma pessoa de cinquenta anos, essa era a imaginação que vinha na minha memória.

Figura 29: Comida caseira



Comida da vó no fogão à lenha. Fogão e feijão da pioneira Zuleica Cavalcanti. Foto: Silvia Prado, 2020.

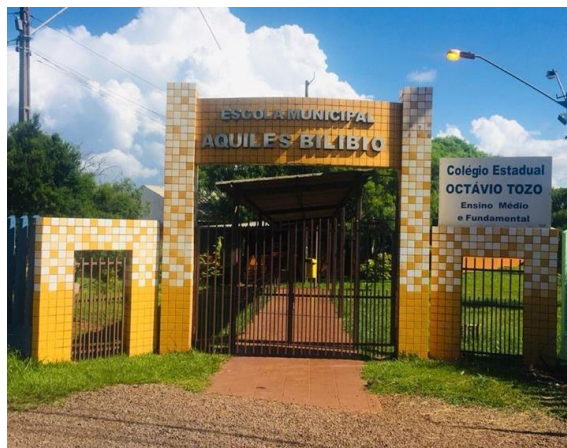
A imagem, remete ao cheirinho do feijão da minha vó, em entrevista para a prefeitura de Cascavel, acompanhei a equipe de reportagem, e tive o feliz momento de estar junto, na casa da dona Zuleica, uma pessoa incrível, que ao longo desses anos enquanto pesquisadora da oralidade dos pioneiros, pude estar com ela apreciando o tortei. Mas ao me deparar com a panelinha de feijão trouxe a cena da vó Laurentina a beira do fogão a lenha esquentando aquela comida que só ela sabia fazer.

De casa à sala de aula

Para ir à Escola Aquiles Bilibio, onde eu estudava, era perto, então eu fazia o trecho caminhando, pois localizava-se às margens da Rodovia BR277, no quilômetro 578, na Comunidade de Centralito, no Município de Cascavel-PR, área rural. A sala multisseriada com as carteiras grandes comportava alunos do primeiro ao quarto ano num espaço pequeno, onde apenas uma professora cuidava das quatro séries.

Nos intervalos, pulávamos o muro para colher amorinha, fruta doce e vermelha. As brincadeiras eram de pular corda, tábua, amarelinha, escravos de Jó, entre outras.

Figura 30: A Escola primária local onde estudava.



Escola onde estudei na infância. Foto: arquivo da escola.

Novo tempo no interior de Cascavel – Comunidade São Salvador

Como já dito, sou natural de Lagoa Vermelha/RS, meus pais são Olívio Antunes Leite do Prado (in memoriam) e Catarina Liberaci das Graças Soares do Prado. Nossa família era grande: Eu e meus irmãos, Jucelene, Eliane, Luciano e Silvane.

Com o tempo, cerca de três anos depois de chegarmos a Centralito, meu tio, Orides Prado, vendeu as terras no Rio Grande do Sul e comprou nosso sítio em São Salvador, uns 15 km da casa dos meus avós. De início achei longe, mas depois me acostumei com a distância.

Já em posse da terra, 10 alqueires no Distrito de São Salvador, era uma parte mecanizada com pinus, pinheiros e um belo pomar com peras deliciosas.

Figura 31: A casa onde morei



Casa de infância na Comunidade de São Salvador. Foto: Silvia Prado, 2020.

Nossa casa era simples, de madeira. Eu limpava com soda cáustica para as tábuas ficarem branquinhas, passei várias dificuldades, mas o trabalho na roça e a rotina de tirar leite, plantar, capinar, era parte da subsistência, tinha que semear para colher.

Em abril, nas temporadas do pinhão, eu subia nos pinheiros e tirava as pinhas, não entendo como era ágil para subir nesses imensos pinheiros sem nunca ter caído de lá de cima. Só pode ser Deus cuidando de mim.

Figura 32: Os pinheiros que escalava



Sítio da família na Comunidade de São Salvador – Cascavel/Pr. Foto: Silvia Prado, 2020.

A comunidade de São Salvador fica no interior do Município de Cascavel.

<https://mapas.guiamais.com.br/cascavel-pr/sao-salvador>

A rotina na roça era cansativa, mas no fim da tarde eu corria com meus irmãos para a cachoeira, tomava banho, brincava e recarregava as energias. Era nas águas correntes do rio e da cachoeira que encontrava a paz e a tranquilidade do campo.

As pescarias aconteciam também, mas ao invés de utilizar vara de pescar, usávamos saca de ráfia, colocávamos com a boca aberta e minhas irmãs, Eliane e Jucelene, tocavam os peixinhos para a grande pescaria.

Figura 33: Águas tranquilas



A cachoeira era o lugar de carregar as energias e tomar banho. Comunidade de São Salvador, sítio da família. Foto: Silvia Prado, 2020.

A espécie dos peixes era uma só: lambaris. Ainda pequenos, viravam nosso aperitivo, bem fritinho, era uma delícia.

Lembro-me do sabor das peras e das maçãs, dos moranguinhos que brotavam da terra, do gostinho das frutas silvestres, da uva japonesa, da guabiroba e das ameixas amarelinhas.

E o que dizer das delícias dos biscoitinhos que minha mãe fazia e escondia atrás da porta? Eram branquinhos, com glacê. Tínhamos muitas coisas gostosas para comer, mas o emocionante era achar os biscoitinhos escondidos e comer tudo.

Era engraçado porque minha mãe sabia que sumiam, mas continuava escondendo no mesmo lugar e, quando chegava visita, ela dizia: “pega as bolachinhas para o café”. A gente ria de medo, porque já tínhamos comido tudo. Pense em uma mãe brava! E o forno utilizado para assar essas delícias era feito de argila, por ela mesma, como uma verdadeira artesã.

O que dizer de São Salvador... lá vivi parte da minha vida. Encarei muitos desafios e aventuras, foi o lugar onde aprendi a lutar, perder e conquistar para me tornar o que sou hoje: uma mulher forte e lutadora.

Petiço, o cavalo, e os estudos

Figura 34: O cavalo Petiço



Encontramos um Petiço em Iporã, coincidência do destino. Foto: Luiza Vaz Magela, 2020.

O tempo foi passando, meu pai Olívio Antunes Leite do Prado (In memoriam) comprou um cavalo para que fosse nosso transporte até a escola. Realmente foi um presente inesquecível, pois antes íamos a pé. A escola era há cerca de três quilômetros e meio de casa, nossos pais achavam longe para os filhos fazerem o percurso andando.

Petiço, nome que dei para o cavalo, era pequeno e magro quando chegou. Também era manso e podíamos encilhar e cavalgar sem medo. Suas passadas eram leves e tranquilas.

Com o passar do tempo, o animal engordou e se tornou um belo cavalo, seu pelo reluzia de tão bem tratado que estava, porém, a história do cavalo manso ficou na lenda, como diz João Batista.

Petiço era medroso. A missão de ir para a escola era uma aventura, pois sofria vários tombos até chegar ao destino, já que eram quatro viagens, duas de manhã e duas à tarde, revezando as irmãs Prado na garupa.

Se passasse um carro pela estrada, ele nos derrubava e corria para o meio das plantações que tinham em volta. Aí era aquele sufoco para conseguir pegá-lo, montar novamente e ir para casa. Nessas idas e vindas foram diversos tombos. Hoje lembro e dou risada!

Bom, eu já sabia que o meu cavalo não era tranquilo como eu pensava. Certo dia, quando escurecia, o tempo estava para chover, minha mãe falou para testar um guarda-chuva. Eu estava montada no cavalo, porém ele não estava encilhado, só haviam as rédeas. Petiço estava amarrado no esteio da área. Minha mãe alcançou o guarda-chuva e quando o abri, o cavalo começou a dar pinotes tentando me derrubar porque se assustou. Ele se soltou e arrancou o pilar da casa.

Figura 35: A casa da família



Nossa casa no sítio. Foto: Silvia Prado, 2020.

Meus irmãos e minha mãe estavam assistindo a cena e pedindo para que eu jogasse o guarda-chuva para longe, mas não fiz isso porque achava que poderia ser pior, então riram de mim. Foi então que o assustado cavalo me derrubou em cima de um toco de árvore que havia sido cortada perto da nossa casa. Minhas costelas doeram muito com a queda, fiquei caída por um tempo. Depois do tombo, ainda sentido dores, demos muitas risadas e todos me perguntavam por que não joguei o guarda-chuva para longe.

As maçãs e os pêssegos de Seu Bento

No trajeto que montava a cavalo, com meu precioso Petiço, percorrendo o caminho que nos levava à escola, na companhia da minha irmã Jucelene, no período da manhã, havia uma plantação de maçãs verdes. Paramos para apanhar algumas para o lanche da escola.

Eis que, de repente, quando encostei o Petiço na macieira, fomos surpreendidas pelo Sr. Bento Tolentino, saudoso pioneiro de Cascavel. Ele se levantou no meio da plantação onde estava escondido e disse: “as maçãs estão verdes, meninas, vocês não podem pegar”. Ficamos paralisadas e seguimos viagem sem as maçãs. Tínhamos peras, caquis, pêssegos, e ameixas em casa, mas as maçãs e os pêssegos dele pareciam mais saborosos.

Contei essa passagem para o irmão de Seu Bento, o Sr. Fidelcino Tolentino, ex-prefeito de Cascavel, que riu muito e comentou: “você é parte fundamental para preservar a história da nossa cidade”.

Sinhazinha e o vestido azul

Em meados de 1989, na Escola do Campo Carlos de Carvalho, em São Salvador, onde eu estudava, era comum realizar eventos para arrecadar verba para a manutenção da escola. O concurso da vez era para eleger a Sinhazinha, disputamos o concurso eu, Fernanda e Rejane.

A disputa não era sobre quem era mais bonita, mas sim sobre quem vendia mais rifas para ser Sinhazinha – uma espécie de miss, porém sem a parte da beleza.

Lembro como se fosse hoje... Minha mãe Catarina Liberaci Soares do Prado disse para meu pai: “precisamos comprar um vestido para a Silvia, pois terá o concurso de modelo da escola”. Meu pai era muito rígido. Eu e minhas irmãs não podíamos usar saias e nem vestidos. Mas por conta do concurso, ele abriu uma exceção.

Depois de muito esforço, vendi algumas rifas. Minha mãe comprou um vestido azul para o grande dia do concurso. Enfim, chegou a hora de saber quem seria a Sinhazinha. A professora organizadora anunciou: “o terceiro lugar ficou com a Silvia, o segundo lugar com a Fernanda e o primeiro lugar ficou com a Rejane”. Não sabia como aquele dia havia mudado algo em mim. Antes de relatar as minhas histórias, eu não gostava de azul, mas não entendia o porquê. Lembrando, descobri. Eu fiquei em terceiro lugar, vestindo azul. Isso me gerou um trauma! Mas agora já estou curada (risos).

Trabalho árduo para comprar sapatinhos de verniz

Esta é uma história engraçada, pois foram dias de trabalho árduo na roça, colhendo algodão, que marcaram muito a minha vida.

Quando eu tinha uns 16 anos, junto com Jucelene e nossa amiga Sofia, fomos trabalhar para receber um dinheirinho. O trabalho consistia em colher algodão, e lá fomos nós. Trabalhamos duro e colhemos várias sacas de estopa repletas de algodão. Era bem difícil, pois eu amarrava a saca na cintura e conforme colhia, ficava mais pesado. Eu era muito franzina e quase não vencida o peso. E assim foi o dia inteiro, arrastando e colhendo os frutos branquinhos.

Não lembro se trabalhamos uma semana para receber um trocadinho, mas sei que valeu à pena. Por conta desse trabalho, consegui realizar meu sonho de ter sapatos novos, então escolhi os mais brilhosos, em verniz, um na cor preta e outro vermelho.

A estrebaria e as bolhas de sabão

Figura 36: Local de onde caí do telhado



Estrebaria de onde caí do telhado na Comunidade de São Salvador, Cascavel/PR. Foto: Silvia Prado, 2020.

Morar no sítio nos proporcionava várias aventuras. Eu gostava de brincar no telhado com bolhas de sabão. Nessa época, recordo a música de Toquinho, Aquarela: “se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel, num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu”. Assim imaginava as bolhas de sabão: voando, colorindo o céu.

Minha mãe começou a me chamar para fazer as tarefas domésticas, mas como esqueci que estava brincando sobre o telhado da estrebaria, na pressa pisei em uma telha que estalou, rachou e eu despenquei de uma altura de cerca de três metros.

Na queda senti algo quente em minhas costas. Era o estrume das vacas, pois ali era o lugar delas descansarem. De longe, minha mãe gritava: “vou te bater! O que está fazendo?”. Rapidamente me limpei e fui até ela: “mas mãe, eu caí do telhado! Não me bate, mãe!”.

Figura 37: Terras familiares



Nossa terra na Comunidade de São Salvador – Cascavel/Pr. Foto: Silvia Prado, 2020.

De São Salvador a Cascavel

As idas para a cidade eram quinzenais. Saíamos do sítio bem cedinho, com nossa Kombi branca, velha, com a lataria furada. Carregávamos queijo, leite e mel.

Mamãe vendia os produtos na rodoviária antiga, que ficava entre as ruas Rio Grande do Sul e Erechim. Lembro que ficava com a terra vermelha impregnada no rosto por conta do suor. Nossa simplicidade era tamanha que eu achava o máximo ir para a cidade.

Trabalhei e morei um tempo com Dona Felícia e Seu Oliveira, pioneiros de Cascavel, com os quais aprendi muitas tarefas de casa da cidade. Eu também entregava leite nas casas e nos prédios, locais em que precisava acessar elevadores e isso me deixavam com medo e vergonha. Dava-me um frio na barriga quando o elevador parava.

Em meados de abril, na quaresma de 1991, meus pais venderam nosso paraíso para morar na cidade. Papai trocou as terras por duas casas no Bairro Universitário, e ali constituí rápido minha família.

Foi então que a menina do sítio se casou com o sonhador e romântico Geraldo Magela, que me conquistou com poesias, flores e lanches da cidade. Como um piscar de olhos, em 1992, agraciada com a maternidade com o filho Geovane Marcelo do Prado Souza, e quatro anos depois, do segundo filho, Giuliano Magela do Prado Souza.

4. ESCRITURAS E PROCESSOS: LINHAS, ANOTAÇÕES E MAPAS

Neste processo de pesquisa, tivemos que alterar alguns roteiros e propostas iniciais que iríamos percorrer, precisando adaptar as filmagens e o desenvolvimento do documentário. Indispensáveis e necessários os cuidados com a nossa saúde, pois a pandemia estava alastrando a doença.

As entrevistas com os pioneiros e as histórias que conto ao longo da produção do filme documentário, fizeram parte da pesquisa.

As gravações dos cenários, sítios, chácaras de famílias propiciaram a construção e desenvolvimento da proposta do trabalho e assim abriram suas porteiras para que pudéssemos registrar, relembrar e gravar as cenas necessárias para os arquivos desta pesquisa.

Nessa perspectiva, os encaminhamentos e trabalhos foram realizados com muita dedicação, graças as percepções do filho e da nora nessa face de captura de imagens, cenários, momentos e movimentos para conseguir produzir um documentário.

Os lugares visitados, filmados retratam as cenas do passado, os prados, cachoeiras, estradas, campos levam a imaginação do tempo de infância, tudo muito simbólico, mas de um exímio valor.

A tarefa não foi fácil, as limitações do tempo, do clima, das restrições da Covid... Mas tudo isso nos permitiu o crescimento profissional e intelectual.

Os resultados desses momentos são elencados no decorrer do diário de bordo. O tempo todo registrando as memórias do processo e o desenvolvimento da escrita nas marcas e testemunhos vividos nas viagens, entrevistas, surpresas, consciências encontradas no caminho da arte e do saber popular.

4.1 DIÁRIO DE BORDO

O diário tem como proposta relatar dia a dia as produções, a pesquisa com os pioneiros, as histórias que conto para a produção do documentário: *Reminiscências: Vozes e Imagens de Cascavel-Pr*. Os roteiros para entrevistas foram elaborados no momento da entrevista com o entrevistado, abordando aspectos cotidianos e impressões vivenciadas pelos protagonistas dessa produção documental.

Março, 2020

No mês de março de 2020, havia programado uma semana de folga do trabalho para realizar todas as entrevistas com os pioneiros, o que não deu certo devido a uma reunião

convocada pelo Secretário de Cultura e Esportes de Cascavel, Ricardo Bulgarelli. O motivo eram as restrições e mudanças de hábitos devido a pandemia causada pela Covid-19, pois a crise instaurada mundialmente chegara a Cascavel. Então, de forma sensata, desmarquei as entrevistas com os pioneiros e aguardei repensando em como fazer as filmagens com os idosos, já que são do grupo de risco da doença.

Mas os dias se passaram e, com os cuidados e o isolamento social, veio a restrição das saídas para realizar as gravações, principalmente por se tratar de contato com idosos. Mas não foi só isso que parou. Foram suspensos eventos, programações, atividades de todos os tipos, só se falava em álcool em gel, em ficar em casa e em tomar todos os cuidados que são exigidos durante a pandemia. Eu e os demais da equipe de trabalho servimos por teletrabalho e ficamos, ainda, de folga por alguns dias.

Confesso que fiquei um pouco assustada, mas tive que me adaptar em relação ao documentário, reelaborar e substituir alguns personagens, pioneiros que, em geral, não ia conseguir gravar. Busquei outra solução: utilizar o que tinha gravado ao longo desses dez anos de trabalho, juntamente com a Secretaria de Cultura e Esportes de Cascavel, na direção do Museu da Imagem e do Som, para que a idealização do projeto de registro da oralidade por meio de depoimentos pudesse ocorrer.

Sendo assim, segui com o que tinha realizado pelo Museu da Imagem e do Som e as entrevistas que não consegui fazer devido as restrições, participando assim com uma breve biografia: Família Brasília da Cruz, Antônio Stoker e Rosi Macanhão por exemplo, tiveram suas narrativas silenciadas pela pandemia, suas histórias ficaram registradas nas breves biografias, faltando assim o depoimento para o documentário.

Somente dois pioneiros aceitaram a realização da entrevista e então pude gravar. Foram eles: Maria Aparecida Indígena do Brasil e Eraldo Vilaca.

19 de março de 2020

Já no dia 19 de março de 2020, junto com minha nora, Luiza Vaz Magela, que estava prestando auxilia com as gravações, dei continuidade às filmagens das minhas histórias e dos pioneiros para o documentário, cumprindo com todas as restrições que estavam em vigência no momento. Com muito cuidado, consegui as duas entrevistas então ligaram para os pioneiros e agendei a primeira às 14h, com Maria Aparecida Indígena do Brasil, que nos

recebeu com álcool em gel e distância de segurança, por se tratar de cuidados pertinentes com idosos.

No dia, o tempo estava fechando para chuva, então gravamos dentro de casa, pois ventava muito. A ideia inicial era fazer tudo ao ar livre, mas tive que mudar os roteiros, personagens e utilizar também o que já tinha gravado anteriormente. Ainda no mesmo dia, fomos até a casa de Eraldo Ribeiro Vilaca e conseguimos gravar ao ar livre, pois o tempo estabilizou um pouco, mas logo fomos embora, não passamos de uma hora em cada casa.

05 de abril de 2020

Já no dia 05 de abril de 2020, um domingo, ainda enfrentando as dificuldades causadas pela pandemia da Covid-19, em isolamento social, precisamos sair com máscaras e tomar cuidado para realizar as filmagens para complementar as memórias das minhas histórias.

Mesmo no momento difícil para sair de casa, o trabalho precisava continuar. No WhatsApp, conversei com minha irmã, Silvane Prado, para poder ir em um sítio de uma amiga dela para que eu pudesse gravar algumas cenas montando à cavalo, pois eram parte da história em questão. Então, Silvane me passou o contato da amiga, Leia, que prontamente ofereceu o espaço, pois conhecia minha infância e tinha a informação que eu estava trabalhando com as histórias do sítio.

Nesse dia, já havíamos combinado que minha nora, Luiza, e meu filho, Giuliano Magela, fariam as filmagens, fotografias e edição do documentário. Com autorização, fomos para o local e, chegando na propriedade da família, nos perguntaram qual cavalo eu gostaria de utilizar nas imagens.

Então, eu disse que podia ser “aquele do meio, parecido com meu cavalo petição”. Buscamos o animal, que estava pastando, e Leni Cavagnolli, responsável pela propriedade em questão, o encilhou para mim. Confesso que foi emocionante, pois 20 anos depois eu iria cavalgar. No momento em que montei, passou um filme na minha cabeça. Senti várias emoções, foi muito bom, e meu filho e nora realizaram as gravações.

Muito atenciosa, ao final, Leni ainda passou o documento do cavalo para registro. Então agradei a família e viemos embora.

Figura 38: Documento do cavalo de raça.



PRETTY RUBY CAT

P147706

Chave do certificado de registro: C.B29D.F922.BD24.303B

Documento do Cavalo de Leni Cavagnolli. Foto: Silvia Prado, 2020.

Figura 39: De volta à montaria



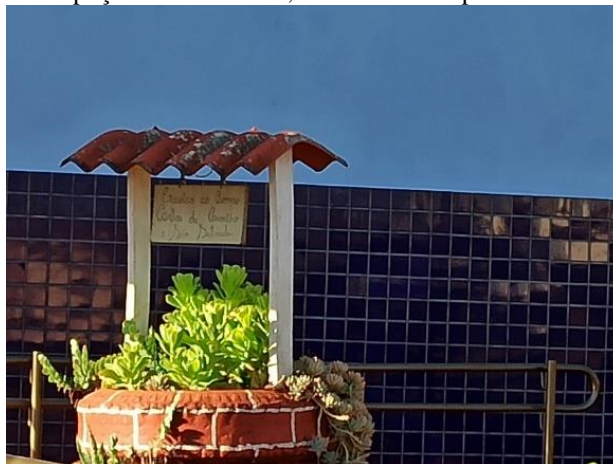
Após 29 anos, volto à montar. Na foto, Leni e Silvia Prado. Foto: Luiza Vaz Magela, 2020.

Em outro encontro, retornei à comunidade de São Salvador, que também passei 29 anos sem pisar naquelas estradas e no sítio em que morava. Eu e minha equipe, meu filho e nora, fomos até lá com certo medo, pois tinha rigoroso controle devido à pandemia, como barreiras sanitárias na saída do município. Mas fomos tomando os devidos cuidados, pois era necessário. Dirigimos pela BR 277 a caminho da estrada que me levava à infância. No trajeto, cruzando por carros que davam muitos sinais com luzes, com o coração acelerado, até pensamos em dar meia volta e desistir daquele momento, mas não o fizemos, prosseguimos. Os avisos dados pelos outros motoristas eram devido a um acidente no caminho do nosso destino.

Ao chegar no destino, Distrito de São Salvador, fomos direto na Escola do Campo Carlos de Carvalho, onde revivi cenas na imaginação. Lá, eu deixava o cavalo amarrado para estudar. Olhando em volta, reconheci a antiga quadra de esportes e o campinho de futebol onde jogava bola com as amigas. De repente, me deparei com uma cena que vivi: jovens montando à cavalo e laçando um boi, que era mecânico, puxado por uma moto. As coisas no sítio são simples, mas geram criatividade e felicidade, o que foi muito bom.

A escola está linda e bem cuidada, conta com ar condicionado nas salas e foi reformada recentemente. Procurei o nome da escola e o encontrei apenas no poço, que dizia: Escola de Campo Carlos de Carvalho.

Figura 40: O poço da escola rural, Escola do Campo Carlos de Carvalho.



Identificação da Escola no poço Distrito de São Salvador área rural de Cascavel-Pr. Foto: Silvia Prado, 2020.

Seguimos pelas estradas de terra que não mudaram em nada e fizemos o trajeto de carro, momento em que fui contando para meu filho e nora das brigas que tive na infância em meio à soja, das maçãs, peras, nozes e outras frutas que comia por ali. Parecia que o tempo havia congelado, pouca coisa mudou, as propriedades trocaram de donos, mas as estradinhas se mantiveram. Passamos pelas terras das famílias da época e, ao chegar no portão do sítio que era de minha família, fiquei paralisada e mais lembranças vieram à mente: a cachoeira, a roça, os pinos e a cerquinha branca.

No dia anterior à visita, eu não tinha conseguido contato com o atual dono do sítio, Seu Domingos Stanga, que é conhecido da família, mas o chamei, ele veio até o portão e expliquei porque estava ali. Ele nos convidou para entrar e ficar à vontade.

Fiquei muito feliz ao ver a casa de madeira que fez parte da minha infância, a varanda, as estribarias, as instalações de criações de porcos, o gado, os arames farpados, as pedras, os pinheiros e a cachoeira. Sim, essa era a melhor parte, um lugar de descanso que permaneceu quase tudo da mesma forma que era, exceto pela escassez da água. A cachoeira estava quase seca devido aos vários açudes feitos pelos moradores que compraram e dividiram a propriedade em várias chácaras menores.

Os dez alqueires da antiga propriedade de minha família estavam reduzidos a pouco menos de três. Conversei com o filho de Seu Domingos, que nos acompanhou pelos lugares antes vividos por mim. Foi um tempo inesquecível, de afeto, aconchego, dores e lembranças naquele lugar. Gravamos imagens do rio, do campo, dos pinheiros e de vários animais.

20 de abril de 2020

No feriado de Tiradentes, 21 de abril de 2020, uma terça-feira, eu, meu filho e minha nora, retornaram ao sítio em São Salvador para fazer um ensaio fotográfico de meu outro filho, Geovane Prado, que queria visitar o local. Chegamos lá já era tarde, às 16h, e novamente fomos recepcionados pelo querido anfitrião, Domingos Stanga, e seu filho, Dago Stanga.

A recordação da minha casa, as memórias afetivas desse lugar ainda permanece nas minhas lembranças, o sítio que era de nossa propriedade, esse momento foi maravilhoso, perceber que mesmo vinte oito anos, ela permanece lá, na área rural parece que as mudanças são mais lentas, a preservação da casa, mesmo que mudou de uns 300 metros do local original, a madeira, o estilo, as janelas eram as mesmas. Somente a alvenaria e o porão deram a base e sustentação para a estrutura antiga da casa de infância.

Figura 41: Minha casa de infância na Comunidade de São Salvador



Casa em que morei na infância, em que hoje reside a família Stanga. Foto: Silvia Prado, 2020.

A casa da minha infância estava lá, era como se estivesse parado o tempo, as memórias foram reavivadas no momento que pisei nas terras que era de nossa propriedade.

E lá fomos, gravamos mais algumas imagens para cobrir as histórias entre as árvores, a entrada e o portão. Saímos de lá às 18h30min, já estava anoitecendo, lanchamos no carro mesmo e viemos embora. A ideia era fazer um piquenique, mas não deu tempo. Agradecemos aos proprietários e voltamos. Que lugar lindo, foi maravilhoso estar ali, mostrar para meus filhos a terra que outrora vivi. Eles gostaram muito do lugar, foi muito gratificante tudo isso, essas memórias são extraordinárias.

Figura 42: Meus filhos conhecendo o sítio em que vivi



Eu e meus filhos Geovane e Giuliano. Foto: Silvia Prado, 2020.

16 de abril de 2020

Na quinta-feira, dia 16 de abril de 2020, resolvemos gravar em vídeo as histórias, pois nos áudios faltavam fotografias e imagens para cobrir a edição do documentário, então tirei folga do trabalho para realizar isso, já que estava em teletrabalho.

Liguei para uma amiga, Fátima Lemos, e pedi autorização para gravar as passagens das histórias no sítio dela, que fica próximo de minha casa, na Rua Rio da Paz. Eu e meus ajudantes fomos até lá aproximadamente 16h. Conseguimos fazer as gravações das histórias em meio a açudes e campos, tendo patinhos e um cavalo de fundo.

Eu também quis gravar uma história na árvore, momento este que me causou muitas dores depois das gravações, acabei tendo uma crise de enxaqueca, as vistas ficaram embaçadas e eu acho que foi de forte emoção. Vasculhar o passado e reviver tudo causa alegrias, tristezas e provoca sentimentos variados, assim como as quatro estações do ano.

Em meio a isso, as orientações com o professor Acir Dias, que ocorreram de forma on-line, foram preciosas para as coordenadas do trabalho, já que precisávamos acelerar a produção, edição, revisão nos textos e todas as etapas que precisaram ser retomadas para a finalização da obra e do documentário.

01 de maio de 2020

Viajei para a cidade de Iporã/PR, aproveitando o feriado de 1º de maio, e fiquei hospedada na casa dos pais da minha nora Luiza. Precisava de mais imagens para cobrir as histórias, então, à tarde, fomos na chácara da família Udenal, na companhia de Cleusa, Luciana, Giuliano e Luiza.

Luiza e Giuliano capturaram imagens do pé de amora, das estradas e das plantações, depois do forno feito de barro e tijolos, muito parecido com o feito pela minha mãe, aquele que usávamos para assar pães, broas e biscoitinhos... delícias do tempo.

Conversamos e vimos que seria preciso encontrar um cavalo parecido com o meu petiço, então Luciana, mãe de minha nora, disse: “vamos até a chácara do Seu Chapecó, lá tem mangueira, cavalos e gado, podemos ir lá”.

Chegando à divisa de terras dos Udenal, Luiza conversou com o filho do proprietário conhecido como Chapecó, e disse que podíamos ir lá, que tinham três cavalos, mas que eram ariscos. Então o Seu Chapecó nos acompanhou até as criações, pegou feno para chamar os cavalos e disse: “vem, Petiço”. Na hora que escutei o nome fiquei assustada. Todos nós olhamos surpresos por causa do nome do cavalo.

Então Luiza perguntou ao homem quem era o Petiço e descobrimos que era um dos cavalos, o menor dos três, na mesma cor e mesmo jeitinho do meu petiço. Eu estava diante dele, fiz uma verdadeira viagem no tempo naquele momento. Ao registramos, fotografamos, segurei o animal para o corte da crina, tirei os carrapichos da crina e ali ficamos um tempo. Saí dali impressionada, que coincidência! Então continuamos as filmagens das estradas de terra e voltamos.

26 de maio de 2020

No dia 26 de maio de 2020, ainda em meio a pandemia, liguei para o músico Elvis Claro, artista que se destaca em suas composições ao som de piano, e pedi a ele se havia a possibilidade de autorizar para que eu pudesse utilizar uma ou mais músicas autorais no trabalho. Expliquei que meu trabalho faz parte do Mestrado em Letras, Unioeste, que além de trazer pioneiros de Cascavel, incluímos algumas histórias de minha infância, as quais se entrelaçam ou cruzam com a história da cidade, e ele autorizou.

Agradeço imensamente ao meu amigo Elvis Claro é Pianista e Compositor, sua música permeou toda melodia durante as narrativas dos pioneiros e as histórias que conto, fazendo uma interação entre as notas doces tocadas por Elvis cedeu graciosamente quatro músicas de composição autoral para serem utilizadas, das quais escolhi duas. As histórias coincidem, é de superação, no caso do Elvis, um artista que batalhou e venceu vários desafios, por isso também o escolhi. Suas canções contribuem ao som das notas musicais, embalam as narrativas orais deste documentário, tanto dos pioneiros quanto das histórias contadas por mim.

Por fim, as inúmeras leituras orientações, recordações, histórias e imaginações fizeram parte dos sentimentos encontrados em tantas memórias dos pioneiros e das minhas histórias da área rural que foram mescladas com as histórias dos personagens escolhidos para atuar como atores no documentário “Reminiscências: Vozes e Imagens de Cascavel –PR.”.

Figura 43: As orientações com o mestre



Meu querido Professor orientador, Dr. Acir Dias da Silva e orientanda na TV Imago – UNIOESTE.
Foto: Silvia Prado, 2020.

As orientações foram fundamentais para que ocorresse essa pesquisa, o pedido do professor em incluir as minhas histórias, causaram no começo um certo frio na barriga, mas fui superando e aos poucos crescendo e Deus foi curando alguns traumas de infância.

Os desafios em contar e gravar também não foram tarefa fácil, em frente à câmera, aos poucos realizamos as gravações desta pesquisadora, pois as histórias dos pioneiros já era fonte de pesquisa há uma década, mas superado isso, o bom que cada um de nós somos seres únicos, cada um tem as suas percepções, limites e crescimento intelectual gerado no decorrer do processo de estudos.

Assim represento o momento que registrei uma *selfie* da orientação, ainda na TV Imago na Universidade do Oeste do Paraná. Aquele estúdio já me traz lembranças e histórias edificantes para a pesquisa do mestrado.

Foram incontáveis orientações presenciais e depois orientações virtuais que contribuíram para a finalização da pesquisa e da produção do documentário.

Minha nora, Luiza Vaz Magela, iniciou o processo de montagem, fiz alguns apontamentos e um cronograma do que poderia ter um direcionamento, mas ela com sua criatividade disse: “Vou ler suas histórias, sogra, e vou fazer a linha do vídeo, depois você acrescenta e tira o que for preciso”.

Neste conceito, Luiza fez o projeto inicial do documentário e eu dava palpites, acrescentando os depoimentos dos pioneiros e fotos selecionadas. Aos poucos, tomou forma de documentário. É um processo muito trabalhoso, mas recompensador, não somos profissionais documentaristas, roteiristas, mas concretizamos o desafio com muito zelo.

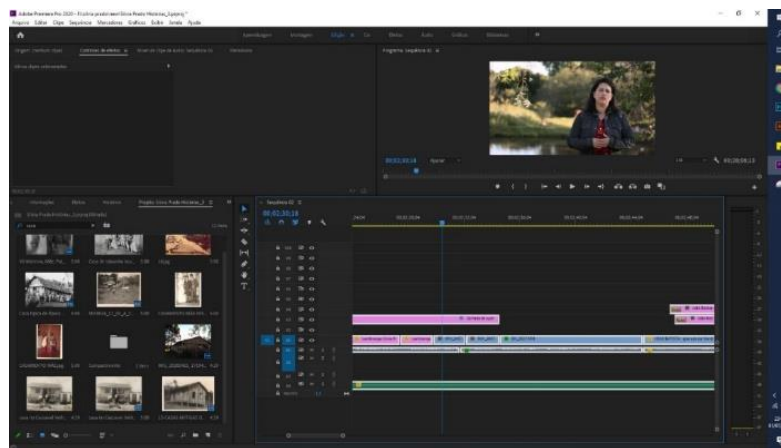
No dia 23 de julho de 2020, em uma nova orientação para finalizar o vídeo, foi sugerido uma poesia para fechar o filme, assim como outras observações no contexto da dissertação. Fiquei imaginando e não pensei duas vezes em fazer.

Então, pedi a meu esposo a criação e inspiração de uma poesia que completasse a pesquisa e, conseqüentemente, o documentário. Então tive a grata surpresa de no mesmo dia, receber a letra dele, um poeta que idealizou conforme observado essa trajetória do mestrado. A poesia ficou linda, me emocionei e não conseguia gravar o áudio, na hora precisava ser a música tocada pelo compositor e pianista Elvis Claro.

Consegui gravar no outro dia uma ideia do que seria essa finalização com a poesia, ao fundo, o piano com a música “Abelhinha e Elvis”, que me disse: “Silvia, essa letra fiz para minha filha, ‘Abelinha’, não me refiro a abelha e sim ao apelido dela, tem tudo a ver com infância, memórias e as histórias”.

No dia 02 de julho, as edições do filme continuaram, separei novamente fotografias e detalhes que iríamos mudar, trocar e acrescentar o documentário em questão. Com o auxílio da tecnologia e as mídias disponíveis, começamos as considerações, trocas e edições. Meu filho, Giuliano, muito paciente, foi alterando camadas e mais camadas do documentário, eu não imaginava o trabalho dos bastidores para produzir isso.

Figura 44: O documentário sendo editado



Durante a madrugada, meu filho Giuliano fazia as correções do vídeo documentário.
Foto: Giuliano Magela, 2020.

As edições e montagens do documentário, foram inúmeras vezes que tentava organizar os roteiros e como nasceria o filme, com as sugestões do filho e da nora conseguimos construir um documentário longa metragem, cheio de emoções, arte, poesia e histórias reais contadas por pioneiros e por mim, as histórias se cruzaram e se complementaram.

4.2. BREVES BIOGRAFIAS

As histórias e biografias escritas neste trabalho fazem parte da história de vida dos pioneiros para tal investigação, e a elaboração das entrevistas com moradores que estiveram anônimos à história oficial, suas histórias fazem parte da cultura imaterial da história e do desenvolvimento de Cascavel, que se dará por meio das abordagens em relatos desses cidadãos, das memórias e das lembranças do cotidiano que são reveladas pelos *insights* dos fragmentos vivenciados.

Os personagens selecionados são autores da vida real e trarão suas histórias e impressões acerca do passado, as razões que os levaram escolher Cascavel para morar. Nessa perspectiva, sabemos que dar a oportunidade de contar, mesmo que de forma sutil em micro biografias, servem para mostrar o valor imensurável do cotidiano vivenciado por cada um deles. Sendo assim, contribuíram para pesquisas futuras sobre nossos antepassados.

As percepções memorialistas ajudam a trazer fatos da história de Cascavel, que demonstram que os pioneiros tiveram papel preponderante no desenvolvimento da cidade ao trazerem uma história coletiva. Mesmo que os relatos contados estejam fragmentados, é possível compreender o valor histórico desta pesquisa.

Podendo assim registrar, por meio da literatura oral, o complemento para a literatura escrita. A intensão é ouvir as particularidades, costumes e cotidiano no berço de suas histórias. Os pioneiros abordados são trabalhadores, agricultores, costureiras, comerciantes, autônomos e donas de casa que, em suas histórias, tiveram momentos de lutas e conquistas.

As terras paranaenses atraíram muitas famílias que vieram pelos mais diversos motivos e situações. As histórias mencionadas abarcam homens e mulheres que vieram entre as décadas de 1930 e a emancipação política da cidade, que ocorrera em 14 de novembro de 1951. Muitos relatos se referem às idas e vindas a Foz do Iguaçu, porque a cidade de Cascavel era Distrito da mesma.

Os estudos sobre a literatura oral dos moradores anciãos se assemelham ao reduto do pioneiro, como afirma Bosi (2003). “Se o local do encontro for à casa do depoente, estaremos mergulhados na sua atmosfera familiar e beneficiados pela sua hospitalidade”. Este é o formato escolhido para a elaboração do trabalho.

Os roteiros e assuntos a serem abordados, conforme cada personagem, com palavras-chave por famílias. Por ter laços de amizade com os entrevistados, fica mais fácil bater um papo sobre as histórias correlacionadas à cidade. Daremos voz aos moradores que moram na área rural, como distritos, e também de áreas urbanas, que compartilham suas lembranças.

Ao mencionar Michael Pollak, Ecléa Bosi e Mauricie Halbachs, os quais abordam a memória, o esquecimento e o silêncio dos moradores, cada um tem sua relevância no contexto histórico de estudos da memória coletiva, individual e social. Observa-se que existem apagamentos da história desses moradores, ou seja, fatos que não são ditos, outros são esquecidos e outros ainda que são apagados, para não gerar dor, constrangimentos e ou polêmicas.

O processo de colonização de Cascavel teve inúmeros conflitos de terra, encontramos personagens que trazem consigo uma bagagem cultural imensurável e que não foram retratados perante a história oficial. As histórias reais de famílias que deixaram de falar por não estarem envolvidas na política ou no bloco de organização da cidade.

A literatura de testemunho permite que registremos estes momentos expressados pelas lembranças do passado. Sendo assim, o objetivo de contar suas histórias e escrever suas pequenas biografias de forma sistemática, valorizando suas histórias e memórias registradas em depoimentos para o registro fílmico.

Diante disso, pretendemos trazer uma mostra do que será possível estudar durante o mestrado, finalizando com o documentário com estes personagens reais da nossa história e o misto de histórias vivenciadas por mim neste período, que moram em Cascavel, minha história também cruza com a desses moradores.

A fronteira entre o dizível e o indizível, confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (POLLAK, 1989, p.8).

Assim, acreditamos que os testemunhos dessas pessoas propiciam as informações relevantes ao contexto histórico do município de Cascavel –PR, destaque para a pesquisa in lócus, com visitas, entrevistas, registros fotográficos, fotos antigas, diálogo com as famílias e mostrando-lhes a importância do resgate dessas memórias, como forma de preservação do patrimônio histórico e cultural da região onde estão estabelecidos.

Nesta percepção de angariar histórias reais dos nossos entrevistados, e elaborando suas biografias de forma que possamos deixar o registro para a literatura, história e memória das gerações futuras. Em concordância com os pensamentos do autor: partindo das histórias reais, que preconiza:

“Essas características de todas as histórias de vida sugerem que estas últimas devem ser consideradas como instrumentos da identidade, e não apenas como relatos fatuais. Por definição reconstrução a posteriori, a história de vida em geral tentou estabelecer certa coerência por meio de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada”. (POLLAK 1989, p.13).

Sabendo que a memória e a identidade dos moradores refletem no comportamento da cidade, pois as constantes transformações são perceptíveis no cotidiano e nas histórias políticas, sociais de trabalho, cultura e identidade cultural. É por meio do depoimento que traçamos alguns assuntos a serem abordados pelos pioneiros, este são denominados de personagens reais da literatura oral e testemunhos de um passado não muito distante. Parafraseando a autora:

A memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade onde se insere” (BOSI, 2003, p.69).

A pesquisa produzida de maneira espontânea para deixar os pioneiros tranquilos. A conversa será roteirizada por meio de palavras-chave e bate papo com o idoso, selecionando algumas histórias que serão investigadas para o trabalho final, o documentário.

De maneira fragmentada, traremos as histórias de vida, profissionais, desafios, conquistas e marcas do tempo destes personagens.

João Batista, 89 anos

Figura 45: Pioneiro João Batista



Seu João Batista aos 89 anos. Foto: Silvia Prado, 2020.

O personagem tem uma memória incrível. Lúcido e bem-humorado, gosta de contar histórias que viveu na antiga Vila de Cascavel. Nascido em 01 de janeiro de 1931, na cidade de Taió/SC, chegou a Cascavel em 01 de Janeiro de 1938, um menino na época.

Junto com o patriarca, veio de carroça desde Porto União da Vitória/SC, enfrentando 26 dias na estrada barrenta e nos carreiros abertos à foice e machado. Passando pela cidade de Laranjeiras/PR, devido a Revolução de 1924, não haviam pontes de lá para cá, e só não desistiram da mudança porque não tinha mais como voltar.

No caminho, os mosquitos borrachudos picavam tanto que parecia que tinha “doença ruim”. Junto com outra família, primos da mãe, Jorge Stocker e Helena Wichelicoski, vieram em duas carroças com os filhos João e Augusto Batista.

Inicialmente, moraram na área rural de Colônia Esperança, lugarejo distante da então promissora cidade de Cascavel/PR, tempo em que não havia nada, tudo era sertão, os

incontáveis pinheirais, as terras devolutas e os muitos animais silvestres para caça. Sua profissão, assim como da família, era ligada à roça, à agricultura.

O pai, José Maria Batista, conhecido por “Marico”, montou um pequeno boteco no Embrião, lugarejo que atualmente é o Bairro Cascavel Velho. A ponte de passagem entre tropeiros, moradores e militares era o lugar que tinha o rio mais próximo, por isso era escolhido para pouso e rota de passagem dos viajantes.

A cidade de Cascavel, para a família, era a única esperança, pois queriam conquistar nova vida com as terras férteis do sul. O meio de transporte era a carroça da família, que ia até a cidade de Foz do Iguaçu, pois Cascavel era um Distrito no período de 1932 a 1951. A família seguia viagem para vender charque de porco, erva mate, farinha de milho e galinha, que iam ao sexto atrás da carroça, e levavam seis dias para chegar ao destino e seis para voltar para casa. A rota passava por dentro do Parque Nacional, a chamada Estrada Velha.

Seu João Batista lembra que havia muitas travessias de rios até chegar em Foz do Iguaçu, passavam por dentro dos mesmos porque as pontes caíam. Com o longo trajeto, era necessário descansar e pernoitar, e faziam duas fogueiras devido a quantidade de onças em meio à mata.

Para o trajeto, compravam sal, açúcar e querosene, o dinheiro quase não existia, tudo era trocado. Para preservar o alimento era preciso fritar a carne de porco e colocar em uma lata com banha, e aos poucos esquentava o alimento para comer. Não havia geladeira. O sabor, segundo o pioneiro, é muito bom.

O charque de suínos era vendido em Foz do Iguaçu, colocado em uma caixa grande de madeira com sal como se fosse bacalhau. Com o dinheiro da venda, a família comprava querosene para o lampião e insumos para o dia a dia. Depois, retornavam para Cascavel.

João Batista só aprendeu as quatro operações matemáticas, os estudos foram poucos porque viajava com o pai para as vendas. A matemática básica foi aprendida com o professor Sandálio dos Santos, em 1939, quando ia a pé até o Grupo Escolar, Fundado em 1932 por pioneiros atualmente Colégio Estadual Eleodoro Ébano Pereira.

O pioneiro, remanescente da primeira geração de colonizadores, esbanja orgulhoso em morar na cidade há mais de 80 anos.

A casa da família de João Batista era feita de madeira lascada, de três metros, tiradas da mata. O pinheiro, riqueza natural que aos poucos ia se transformando em moradia, deixava tudo rústico. O chão era de terra batida, no fogo, o caldeirão de feijão cozinhando. As casas

eram feitas todas no mesmo tamanho: 6x9m, não eram cobertas por mata-juntas e as frestas davam a percepção do que se passava do lado de fora. O frio e o vento entravam direto no interior da moradia.

Em 1939, a família construiu uma casa de madeira no Bairro Cascavel Velho, local de passagem dos antigos moradores que vinham para Cascavel. Possuíam também um pequeno armazém lá, local de ponto de encontro de tropeiros.

O pioneiro conta que cortava pinheiro para tirar mel e desprezava a madeira, pois o foco era a matéria-prima dos favos das abelhas. O mel silvestre era vendido no antigo mercado da família Mufatto, onde levava a mercadoria e recebia um vale compras como pagamento.

As memórias do pai são de muito respeito. Seu Marico era agricultor e comerciante, abriu a mata no facão, foice e serrote para iniciar o Bairro Cascavel Velho. João também lembra que o comentário, na época, era que o nome da cidade se dá ao fato de que os tropeiros pernoitavam pelo Bairro Cascavel Velho e ouviam guizos de cobra. Procurando, encontram uma ninhada próximo ao Rio Cascavel, então, segundo a história, o nome da cidade ficou como Cascavel.

O senhor João Batista conta que havia muito jagunço, que matavam para os mandantes terem mais terras. Muita gente morreu dessa forma, pois os jagunços andavam armados até os dentes, mas conviviam com a população normalmente.

As terras da família Batista foram compradas por intermédio do Senhor Alfredo Pasqual Ruaro, eram 25 alqueires do administrador da colonizadora Pinho & Terra, escritório que vendia e fornecia a documentação da propriedade. Quem ajudou na época foi o amigo e promotor Dr. Odilon Damaso Correia Reinhardt, que também fora prefeito de Cascavel.

Na época, Seu Sandálio era tudo na cidade: policial, juiz de paz, professor, etc. Fazia de tudo. Mas também havia um único soldado, Samuel, que cuidava da “cadeiona”. Ele era o primeiro policial que cuidava dos presos, e ao deixar a cadeia sozinha para ir almoçar, aconteceu um episódio pitoresco e curioso: o filho de um preso levou um machado e despregou as tábuas da cadeia para o pai fugir. A cadeia era na Rua Paraná, onde hoje fica o Sindicato Patronal.

Os partidos políticos da época o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) partido político brasileiro, opositores da ditadura militar brasileira, e os governistas da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), os candidatos a prefeito eram José Neves Formighieri, Tarquínio Joslim dos Santos

e Ramiro Siqueira. Tarquínio perdeu as eleições pelo voto dele mesmo, pois esqueceu de votar.

As posses das terras eram abertas no olho e perto de nascentes de água. “Aqui é meu”, diziam, e todos se respeitavam. Mais tarde foi que veio a fundação e o jaguncismo, que por causa da madeira mataram muita gente em Cascavel-PR.

O Bairro Cascavel Velho foi escolhido pela família por ser perto do Rio Cascavel, era propício para a criação. No Marco Zero da cidade, hoje Praça do Migrante, era um local que ninguém queria, pois havia muita taquara e cobras. A Praça do Migrante foi construída em homenagem às frentes migratórias que vieram para Cascavel, o monumento localizado no Patrimônio Velho, local em que foram construídas as primeiras casas, comércios, prefeitura, cadeia, armazéns, etc.

Na década de 1940, João ia a pé para a escola, o Primeiro Grupo Escolar, que ficava no Patrimônio Velho, na Avenida Brasil, perto do Marco Zero. O pagamento dos professores vinha de Curitiba num aviãozinho militar, tipo teco-teco. A pista para pouso ficava perto de onde hoje está a prefeitura.

No avião que vinha do exército, era trazida a penicilina em ampola. O líquido era mantido no gelo e o povo dizia que curava até defunto.

Figura 46: Pioneiro João Batista



Família Batista em frente à casa, com a charrete. Década de 1950. Acervo do Museu da Imagem e do Som.

O pioneiro diz: “Esta cidade se tornou uma Babilônia e uma metrópole, eu não acredito que Cascavel cresceu tanto em apenas 68 anos, logo alcançará a capital Curitiba. Eu fico devendo obrigação para a senhora: essas histórias vão ficar para meus filhos e netos”, (João Batista, 2020).

Brasília Cruz, 74, e Lionides Cruz, 81 anos

Figura 47: Pioneiros Brasília e Lionides



Brasília, conhecida por “Zila”, e Lionides Cruz. Foto: Silvia Prado, 2020.

A família de Brasília, ou Zila, como é mais conhecida, veio de Campo Largo para Cascavel na década de 1950. Vieram a mãe Maria Onória Ferreira Lopes, e o pai Domingos Ferreira Lopes, com as filhas Terezinha e Brasília. Seu nome e apelido são uma homenagem ao avô materno, Brasília.

Com o intuito inicial de trabalhar e morar em Virmont, onde viveram por apenas dois anos, saíram em sete pessoas com três cavalos para a promissora terra de Cascavel, mais especificamente no ponto de encontro dos tropeiros, moradores antigos do Bairro Cascavel Velho. Zila lembra que construíram a casa com madeiras retiradas das terras requeridas para posse de propriedade. O marido fez o poço de água para uso doméstico.

A pioneira Brasília, conta que o pai resolveu se mudar para Cascavel para trabalhar nos serviços braçais, pois tinha poucos estudos. Naquele tempo, mesmo a cidade não sendo tão conhecida, a família se mudou e conquistou emprego na serraria do Bairro Cascavel Velho.

Seu Lionides compartilha do seu conhecimento vivenciado, que utilizava uma forquilha de pessegueiro (técnica popular utilizada desde o antigo Egito) e caminhava pelo terreno. Assim que a forquilha dobrasse para baixo, demonstrava que ali tinha água. Dona Zila conta que no Rio Cascavel, onde hoje é o Lago Municipal, havia uma olaria do senhor Vadeco e outra do senhor Pacheco.

O Pioneiro Lionides viera morar no Bairro Cascavel Velho antes da esposa, em 1942, vindo de Porto União/SC.

O namoro dos dois foi rápido. A data do casamento foi marcada, mas não tinha o registro. O pai e a mãe não dormiam, ficavam cuidando, mas em um descuido Zila fugiu com o namorado. Chegando na casa do sogro, o mesmo alertou e disse “se arranquem daqui que vão apanhar do pai dela”. Dito e feito: o pai de Zila chegou com um facão atrás do casal, que foi para a Pedreira Municipal, tentaram se esconder, mas não deu certo. Foram então ao bar do senhor Marico, pai de João Batista, que aconselhou o casal a enfrentar o sogro e casar. O registro foi feito no Cartório Mion, que ainda era de madeira, e o casamento foi no Cascavel Velho, na Igreja São José.

Lionides Cruz, nascido em 23 de maio de 1939, chegou a Cascavel nos primórdios da cidade, em 1942. Originalmente, veio de Campo Largo/PR. É morador do Bairro Cascavel Velho desde 1946. A casa antiga ainda existe, o senhor Lionides ajudou no parto da maioria dos filhos, mantinha o resguardo de 7 dias e somente ele tinha acesso ao quarto. Fazia as refeições, cuidava da esposa e do filho, e somente após completar uma semana saíam do resguardo para os outros os familiares e amigos conhecerem a criança. Naquele tempo não havia recursos.

Brasília Cruz, nascida em 10 de março de 1946, chegou a Cascavel no dia do seu aniversário, em 10 de março de 1956, com apenas 10 anos. Sofreu muito na época, lembra que estava descalça, vieram caminhando e chegou aqui com seus pés cheios de bolhas, por isso não esqueceu o dia da chegada a Cascavel.

Dona Zila conta que fretavam a carroça do sogro, juntavam as mulheres e compravam na Copal, e as mulheres voltavam a pé. Conta que pagavam com vale o conhecido boró, uma espécie de dinheiro. A bodega tinha de tudo. A Copal ficava na Avenida Brasil.

A carroça vinha cheia de alimentos básicos, compravam somente o necessário. Lembra do antigo cemitério que ficava no antigo Badotti.

Lionides, aos 24 anos, veio para ter uma aventura, trabalhou muito, em várias profissões, e já casados, na olaria, faziam valetas no atual lago municipal. O trabalho braçal era de muita luta. Chegou a experimentar o comércio, mas levou inúmeros calotes, então fazia o que aparecia, trabalhava para o sustento da família.

Figura 48: Casa no bairro Cascavel Velho



Casa construída pela família de Lionides e Brasília, com os filhos, no Bairro Cascavel Velho. Ainda perdura no mesmo local. Foto: arquivo pessoal.

Comercializavam o nó do pinho que encontravam, havia muito, e com a chuva ficavam aparentes. Recolhiam, queimavam e vendiam como carvão para churrasco.

Seu Lionides conta que trabalhou na extinta Thermas Internacional de Cascavel. Durou pouco tempo, era localizada na Comunidade de São Salvador, Distrito de Cascavel. Ele lembra que era um local maravilhoso, com águas quentes, medicinais, muito frequentado pelas famílias. Os investimentos do proprietário foram altos, mas não prosperou, pois, o dono do local veio a falecer em 1994. Lionides conta que havia um poço com 1.200 metros, que encontrou água quente. Era vigia no local, que tinha até teleférico. Mas isso ficou só na memória.

Naquele tempo ganhavam pouco. Era preciso costurar muito, Zila aprendeu a costurar os metros de fazenda de tecidos, fazia na máquina da sogra. Comprou os tecidos e fez vestidos, deu o primeiro. Lionides comprou 10 metros de tecido de chita para a esposa. Com esse pano, fez um camisa, uma calça, um vestido e aprendeu para poder fazer roupas para as crianças. As roupas ficavam todas iguais, pois os tecidos eram comprados em grande quantidade, não existia luxo, era só o necessário. Zila também costurava para os peões das olarias e das serrarias, que só utilizavam camisa branca.

Para a casa, tudo era feito à mão, no improvisado. Os lençóis eram de bolsa, se juntavam 4 sacas e costurava. O colchão era de palha, os travesseiros de pena ou macela. Para a capa do colchão, utilizava 8 sacas costuradas e desfiadas com a palha dentro. As dificuldades eram enormes, o alimento era o que tinha plantado, o pilão era usado para descascar o arroz, a farinha para a broa, o fogão era caipira, de barro com um ferro encima.

O pai de Zila abriu uma parte da BR 277, do Posto Cataratas até o Viaduto Carelli. Na época, foi à foice e serra, as lenhas encontradas eram cortadas em forma de toras e depois vendidas.

Domingos dos Santos, 84 anos

Figura 49: Pioneiro Domingos dos Santos



Pioneiro Domingos dos Santos, aos 84 anos. Foto: Raquel Schandeski 2020.

Domingos Manuel dos Santos, nascido em 25 de outubro de 1935, veio de Taio Grande, no Rio Grande do Sul, para Cascavel, em 1944, com apenas 17 anos. Agricultor e carpinteiro trabalhavam com tábuas e abertura de poços. Encontrava água com forquilhas de pessegueiro e fazia o poço para as famílias pioneiras.

Sempre trabalhou, desde pequeno. Para chegar a tão esperada terra de Cascavel e fixar residência em São Salvador, Distrito do município, enfrentou 35 dias de carroça.

Casado com Delurdes Aguiar dos Santos, a qual sua família viera de Pinhalzinho do Sul, também de carroça, passou por longos dias de viagem: 45 no total.

A promessa era que as terras do sul, em Cascavel, eram boas, com muito mato. Então se deslocaram para morar em Guarapuava, mas não gostaram e continuaram para o destino inicial, que era Cascavel, especificamente no interior, num lugar inesquecível que atualmente é um parque, na Ponte Molhada (lugar em que a ponte passa por dentro do rio, que leva o nome de seu pai).

Na época, o falecido pai veio com seis filhos, sem nada, teve que dar a carroça por um pedacinho de terra. Inicialmente, moraram perto da Ponte Molhada, depois próximo ao autódromo. Dominginhos lembra que era Cascavel Velho e Encruzilhada os nomes dos locais, José Marico era o antigo que dava pouso para os pioneiros que vinham a Cascavel, a

estrada velha era na área militar, aberta pelas pessoas. Quando completou 18 anos, cuidava das estradas cortando barrancos, roçando, era região de pinheiros e madeiras de lei e aos poucos concentrou os grandes madeireiros, entre elas a Industrial Madeireira do Governador do Estado Moises Lupião, administrado por Galafassi.

As muitas serrarias eram avistadas de longe, o pinheiro era a maior fonte de riqueza, era muita madeira. Algumas serrarias eram: São Domingos, São Francisco, Cruz Grande Industrial Madeireira e as da Linha Scanagatta.

Para a professora Lourdes a pesquisa trouxe a história de sua família na qual compartilha no momento das contribuições sobre a família polonesa na qual conta, as memórias cruzadas são perceptíveis durante esse trabalho compartilha as suas memórias:

“Que em Cruz Grande era um ponto de paragem de viajantes que faziam o trajeto Laranjeiras do Sul- Foz do Iguaçu. Durante a viagem faziam paragens em propriedades com pastagem e espaços reservados para os cavalos ou para tropas de bois que faziam o trajeto. Cruz Grande também foi um marco na guerra do Paraguai, ali encontravam-se muitos vestígios da guerra. A denominação Cruz Grande deve-se a uma grande cruz, de um antigo cemitério, à beira da estrada, hoje, BR 277, onde foram enterrados soldados mortos em batalha. Ao lado do cemitério foi construída uma escola, onde estudavam crianças e jovens vindos de diversas localidades da região oeste do Paraná”. (Professora Dr. Lourdes Kamirski. 2020).

As terras não tinham documentação. Os donos das terras eram os madeireiros e o governo, que tinha 45 mil alqueires que iam de Catanduvas a Santa Tereza do Oeste. Cascavel era terreno do Estado. Os moradores tiveram a fiscalização, precisava morar em cima da terra para as requerer, fazia o pedido e pagava baratinho. Os grileiros e jagunços eram muitos e tiravam muita terra dos outros, conseguiam por meio político e à força. A família de Dominginhos tinha 14 alqueires e teve que dividir as terras, tirou documentação e pagou, ficando com metade, pois precisava morar nas terras para conseguir a propriedade.

Os comércios eram precários, precisava buscar tudo em Foz do Iguaçu, roupas, munição, etc. A família Munhak fazia as viagens de carroça, transitavam pela picada Benjamim, que ligava o Distrito de Cascavel a Foz do Iguaçu, onde tinha muita onça pelo caminho.

A plantação era composta por feijão, milho e arroz, tudo era produzido em casa, cada proprietário fazia o seu, debulhava o milho para fazer o fubá. Depois, plantavam o trigo para produzir a farinha no moinho Tradição.

“Sou morador desde 1944 da região de Cascavel, viajei muito, mas foi aqui que escolhi para viver, terra boa no interior do Paraná”, afirma Dominginhos.

Para fazer um moinho, Dominginhos precisou tirar 8 mil tabuinhas dos pinheiros. Escolhia os pinheiros mais grossos e os cortava com machado e foice. Tirou as 8 mil tabuinhas para juntar dinheiro para casar. “Eu que comprei as roupas para o casamento, comprei até a roupa para a noiva, naquele tempo era difícil achar uma mulher para casar”. O então jovem se casou com a jovem Lourdes.

Os primeiros policiais do local eram Salvador Soares e Sandálio dos Santos, que também fazia documentos no cartório. Este último era delegado e escrivão, e o que dizia era lei. Eram nomeados pelo estado. Quem tinha poder e dinheiro ia a Curitiba para agilizar.

Dominginhos cita Nhô Jeca, Seu João Silvério de Oliveira, que foi o fundador de Cascavel e subprefeito. Ele tinha uma bodega na Avenida Brasil. Os primeiros comércios começaram, como os Bartinik, que eram criadores de abelha, os Catani, seu João Batista, entre outros.

Dominginhos participou de muitos comícios, foi de caminhão até a cidade de Corbélia. Resolveu voltar a pé de Corbélia para a comunidade de São Salvador, sofreu bastante, mas era destemido, mesmo com as onças vinha caminhando pelas matas.

Como fazia poços, tudo na picareta, fez um na praça Wilson Joffre para o primeiro hospital de Cascavel, pertencente ao Dr. Wilson Joffre.

Antônio Stocker Miranda, 98 anos (in memoriam)

Figura 50: Pioneiro Antônio Miranda



De origem alemã, o senhorzinho ainda se arrisca a capinar no fim da tarde, mesmo com a idade avançada. Foto: arquivo da família, 2019.

Antônio Stocker Miranda é morador de Centralito desde 1930. Com a voz trêmula, conta as histórias do tempo em que existiam poucos recursos no interior do Paraná. A família veio em busca de oportunidade, de adquirir terras para o plantio de milho, mandioca e a criação de suínos.

Os moradores da Comunidade Rural de Centralito próximo a Cascavel-Pr, ajudavam muito um ao outro, eram unidos. Na década de 1940, moravam em Cascavel os paraguaios, os índios já haviam ido para Nova Laranjeiras e alguns para Toledo e Foz do Iguaçu.

A subsistência era a erva mate, o nó de pinho, o carvão e a agricultura. Em 1934, começaram com a criação de porcos e também com a safra, vendiam muito para a região toda. Em 1948, começaram as serrarias, no local do assentamento, onde tinha pinheiro, o Governador Lupion implantou a Industrial Madeireira. Os comércios eram muito fracos, a erva mate era vendida de carroça.

Nas serrarias, no começo de Cascavel, no Bairro Cascavel Velho, morreu muita gente porque os jagunços dizimavam os moradores. Lembra que tinha pouca coisa, poucos recursos, as serrarias tocadas por gaúchos e catarinenses que contribuíram muito para o desenvolvimento do local.

A caça era comum: antas e cateto viravam charque. Fervia os chás e botavam casca de alho, faziam garrafas para curar as doenças, tinha os benzedores que eram muito bons, faziam os temperos e vendiam o litro de remédio para curar. Era assim que curavam as doenças na época.

O acesso a Cascavel surgiu pelas picadas e precárias estradinhas abertas na foice, serrote e enxadas. Só mais tarde surgiu a BR 277, que era percorrida por carroças e cavalos.

Seu Toninho Stoker, como é conhecido, conta que o sogro teve uma pedra na vista e o médico ficava só em Guarapuava. Tinha que tirar, nem em Foz do Iguaçu não havia recurso.

Cascavel teve outros nomes, como Encruzilhada dos Gomes, Aparecida dos Portos, mas não prosperaram, ficou Cascavel devido à grande quantidade de cobras encontradas nas terras.

Eduviges Nojekóski Nhepes, 90 anos

Figura 51: Pioneira Eduviges Nhepes



Dona Eduviges Nojekóski Nhepes. Foto: Silvia Prado, 2020.

Contribuição da Professora Lourdes, que ao longo da leitura se deparou com sua tia – avó dona Eduvirges, realmente as histórias se cruzam e se encontram. O interessante desde a banca de qualificação foi um elo de conexão entre as histórias, lembranças e memórias da professora Lourdes. Como é interessante as histórias se cruzam e se complementam, contribuições: “Seus pais chegaram na denominada “quarta fase de imigração da Polônia para o Brasil (1908-1912). Desembarcaram no Porto de Itajaí, Santa Catarina, daí vieram de carroça até Curitiba, depois, Ponta Grossa, Guarapuava e Cascavel”. (Professora Dr.Lourdes Kamirski. 2020).

Nascida em 20 de março de 1930, Dona Eduviges chegou em Cascavel em 01 de novembro de 1946, casou-se com Estanislau Nhepes, que viera morar aqui em 1952 e faleceu em 2003.

Seus filhos, Eferino, Zeno, Zelio, Adalto, Eloi e Anilton, vieram para Cascavel com a mãe, que passou por muitas batalhas e enfrentou a vida e as dificuldades com muito esforço e trabalho. Os filhos sofreram junto com a mulher.

Inicialmente, moraram no Bairro Cascavel Velho, em uma casa alugada que pertencia ao Seu Marico. Naquela época, o marido tinha saúde frágil, sofria de asma, mas ainda trabalhava no botequim da família. Dona Eduviges trabalhou em muitos lugares, na lavoura, na lavanderia, na zeladoria, com vendas e plantava de tudo. Os alimentos eram criolos, plantados em terras cedidas pela família Wolochen. Tinham muitos amigos que ajudavam, os vizinhos eram parceiros.

Com o tempo, juntaram um dinheiro e compraram um terreno na Avenida Barão do Rio Branco. A casa continuava sendo de madeira, viveu 47 anos no mesmo endereço, na Rua Visconde de Guarapuava.

Dona Eduviges trabalhava limpando escritórios, eram 4 por dia, fazia comida para os filhos e deixava tudo pronto. Depois do trabalho, chegava em casa e passava um paninho nos filhos, colocava todos na bacia e dava o banho, pois não tinha chuveiro. As dificuldades foram grandes.

O tempo foi passando e o trabalho aumentando. Lavava roupa para fora, costurava perto da Praça do Migrante e fazia roupas para os colonos, com tecidos xadrez. Tudo o que fez foi para o sustento dos filhos, pois não tinha estudos, tudo aconteceu devido a necessidade. Ela ainda lembra com carinho da dona Lídia Luchesa, da casa de comércio, Copal.

Ernestina Friedrich, 85 anos

Figura 52: Pioneira Ernestina Friedrich



Dona Ernestina Friedrich, descendente de alemães. Foto: Silvia Prado, 2020.

Nascida em 4 de janeiro de 1935, Ernestina Friedrich veio para Cascavel aos 17 anos em março de 1952, onde se estabeleceu com uma família de amigos. Casou-se cedo, aos 18

anos, com Waldemar Friedrich. O marido já conhecia o lugarejo, veio para trabalhar nas medições de terras para as serrarias.

A jovem fazia diárias nas casas de comércio e para moradores de posses, tinha a filial do comércio ao lado da loja O Doidão, na esquina. Trabalhava limpando escritórios e casas. O marido trabalhava como motorista, levando madeira de Cascavel para Brasília e outros estados. Ernestina viajava muito com o marido para conhecer outras cidades.

Como tinha espírito de liderança, dona Ernestina gostava de trabalhar com campanhas políticas porque achava divertido. Era sofrido, mas se garantia como bom cabo eleitoral, ia a muitos comícios e lembra que os votos eram no papelzinho.

As histórias são fortes. O que mais lhe chamava atenção eram as mortes. Não passava uma semana sem que morresse ou matassem uma pessoa, as disputas de terras eram sempre a motivação. Como morava perto da Rua Paraná, esquina com a Rua Pernambuco, via o povo gritando que tinha mais um morto. Pegava as crianças e ia para casa. Os jagunços vinham de fora, era uma terra violenta.

O lazer era pouco, uma vez o cantor Teixeira veio a Cascavel e, no dia de seu show, pouco mais de 10 pessoas compareceram. O artista ficou decepcionado, não queria cantar, mas acabou dando uma colher de chá: tocou três músicas e foi embora.

Dona Ernestina gostava de cozinhar, ajudava nos jantares e encontros políticos, entregava santinhos de candidatos, gostava do agito da política. Como era cabo eleitoral, conheceu os bastidores das campanhas e a maioria dos ex-prefeitos de Cascavel. O seu conhecimento ajudava os candidatos a ganhar as eleições. Não estudou nada, afirma ter sido orientação divina.

Severino Pieczarka, 75 anos

Figura 53: Pioneiro Severino Pieczarka



Severino Pieczarka, descendente de polonês. Foto: Silvia Prado, 2020.

Nascido em 16 de maio de 1945, Severino Pieczarka tinha Cascavel como destino certo. Deixou as terras catarinenses de Major Viera para ver de perto o futuro promissor que ouvira falar sobre Cascavel. Chegando à promissora cidade, ainda um sertão, em 1 de janeiro de 1946, pode escolher um lugar melhor para viver. A viagem de Santa Catarina para cá durou 27 dias, sendo 7 de descanso.

Seus pais tinham a intenção de trabalhar e plantar em terras produtivas. Agricultor e morador de São João do Oeste, Distrito de Cascavel, com o tempo montou um museu para preservar a história de sua família, com ferramentas do tempo da colonização e a carroça da viagem de seus pais até Cascavel. Denominou o lugar como “Museu Nossa Senhora Aparecida” - Severino Pieczarka, faz atendimento de Escolas e a comunidade frequenta para conhecer a história principalmente os objetos, peças agrícolas o mais interessante é ver tudo funcionando. Faz a demonstração para o visitante, também disponibilizou uma página nas redes sociais.

Na década de 1950, as carroças eram emplacadas, pagava-se impostos e aplicavam-se multas. A ideia era ter o museu para conservar a carroça da família, em que Severino andou com apenas 11 meses de vida. Queria preservar a história e inaugurou o Museu Nossa Senhora Aparecida, em São João do Oeste.

O local com certeza faz a diferença nessa geração. A preocupação com as histórias e as memórias de sua família podem ser aprendidas e compartilhadas com os outros.

Rosi Macanhão, 75 anos

Figura 54: Pioneira Rosi Macanhão



Rosi Macanhão, filha de pioneiros que enfrentaram dificuldades e trabalharam muito para conquistar seus negócios. Foto: Silvia Prado, 2020.

Para a pioneira e comerciante, Rosi Macanhão é nascida em 14 de julho de 1945 e chegou a Cascavel em 01 de janeiro de 1951, ano de emancipação política do município. O então jovem ajudava o pai no comércio da família. Depois que casou, trabalhava em casa.

De uma memória formidável, Rosi conta inúmeras histórias sobre as dificuldades da família na embrionária cidade, pois haviam apenas 12 casas que ficavam na Avenida Brasil. Na época, era BR 35, depois, BR 277, e anos depois, Avenida Brasil. O início de tudo começou na Rua 7 de Setembro, era o antigo patrimônio velho, nas proximidades da Praça Getúlio Vargas e do Marco Zero.

A família veio a Cascavel para melhorar financeiramente. Originários da colônia de Piraquara, local de terra infértil. Rosi lembra que tinha apenas um estradão com terra, de Curitiba a Foz do Iguaçu, e não tinha nada lá, começou com a Igreja Santo Antônio e poucas famílias, como a dos Galafassi.

O Bairro Cancelli, primeiro da área urbana de Cascavel, era perto da Industrial Madeireira, local em que seu pai trabalhava, assim como os tios.

Rosi estudou no Primeiro Grupo Escolar, atual Colégio Eleodoro, e não fez faculdade porque se casou. O Grupo Escolar era pertinho da Casa de Comercio, Copal, propriedade do senhor Itacir Luchesa, da dona Lídia, que era uma mulher muito elegante e ajudava na administração do comércio. Depois, Rosi estudou no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Os desfiles cívicos eram marcados pelo patriotismo, todos gostavam de desfilar. Pelo Colégio Eleodoro, o uniforme era listradinho de azul, e no Wilson Joffre, a saia era azul e blusinha branca, das normalistas.

Depois, em primeiro de abril de 1961, abriram a mercearia com o pai. Quando casou, abriu uma panificadora. Tinha três coisas que Rosi odiava vender: o fumo em corda, a banha

e a querosene. Tudo era anotado na cadernetinha e valia a palavra dos fregueses, que voltavam para pagar.

Em Cascavel havia muitas casas noturnas, mulheres conhecidas como meninas alegres. Rosi tinha medo das meninas, que roubavam jovens para levar para a casa delas, e acreditava que se saísse à noite, seria raptada. Os pais diziam para se cuidar. Tinha medo de passar na antiga delegacia, onde hoje é o Centro Cultural, por causa dos presos.

“Amo morar em Cascavel, quem bebeu água de Cascavel, volta para beber novamente” Rosi Macanhão.

Maria Aparecida Indígena do Brasil, 72 anos

Figura 55: Pioneira Maria Aparecida Indígena do Brasil



Maria Aparecida Indígena do Brasil, filha do agrimensor Paulo Indígena do Brasil. Foto: Silvia Prado, 2020.

A pioneira Maria Aparecida Indígena do Brasil é formada em Cultura Geral e Técnica em Contabilidade, em 1970. Já a mãe, Irene Cavalcanti, trabalhava no clube de mães na Igreja Santo Antônio, era bordadeira e professora.

A família, originária de Jaguapitã, no interior do Paraná, veio de caminhão com a mãe e os 6 filhos, pois o pai já residia em Cascavel desde a década de 1950, quando dividiram as terras.

Cascavel recebeu algumas etnias, na maioria eram de origem polonesa, italiana, alemã, ucraniana, mas poucos negros.

A residência da família, desde a chegada a Cascavel, foi na Rua Rio Grande do Sul. Na época, ficava próximo do segundo cemitério, onde hoje se encontra o desativado Moinho

Badotti. A casa ficava no alto, o lugar também era conhecido como Vila Sapo, pois havia muitas nascentes e era úmido.

Ao chegarem ao vilarejo de Cascavel, em 1951, se instalaram nas proximidades do antigo moinho Corbélia, depois o desativado Badotti.

Ao lado, ficava o segundo cemitério, o primeiro era no autódromo e o terceiro localizado nas proximidades da Rua Carlos Gomes, atualmente o Cemitério Central. Os mortos eram enterrados com pertences e dentes de ouro, o que eram chamariz para furtos.

As brincadeiras da época eram futebol, ao lado do terreno tinha um campo onde também faziam festas de São João com direito a fogueira, milho assado e pinhão, tocavam músicas e também realizavam carnaval.

Dona Maria lembra que, em casa, podia tudo, só não podiam ir para a casa dos outros, então o pai e a mãe deixavam fazer as festas em casa, ao alcance dos olhos acompanhavam tudo.

A abertura da Avenida Brasil custou a desapropriação de parte do terreno da família. Como o pai era agrimensor, fazia as medições de terras, ganhou do estado um cartório em Cornélio Procópio, mas não quis porque tinha que fazer documentação não original. Era um homem muito correto e por medir as terras era perseguido por políticos.

As condições na qual chegaram a Cascavel eram muito humildes, vieram para conquistar nova vida, mas por serem negros e descendentes de índios, passaram muitas adversidades.

A família comprou uma área de 800m², depois perdeu 300 metros na Rua Rio Grande do Sul e no alargamento da Avenida Brasil. Um morador, Muritti, ficou no meio da rua com sua casa, porque a prefeitura não queria pagar a indenização que ele queria. O pai de Maria teve que aceitar a parte perdida por instalação de água para não ficar desabrigado.

Figura 56: Família Indígena do Brasil



Família Indígena do Brasil, 1966. Foto: arquivo pessoal.

Figura 57: Desfile Cívico



Desfile de 7 de Setembro. Escola Normal Carola Moreira, 1965. Foto: arquivo pessoal.

Sofreram inúmeros preconceitos por serem negros, quase não frequentavam as festas, faziam em sua própria casa as comemorações, pois nos lugares sofriam pela cor da pele.

A história que Maria mais se orgulha é a do livro Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa: a herança cultural está no livro, de muitas leituras, Maria fala com emoção dos ancestrais seus avós, que estão com o nome na Literatura Brasileira, especificamente no livro citado. O avô foi cangaceiro e sofreu perseguições, não foi diferente com seus pais e filhos, pois pobres e negros, sofreram o preconceito na pele.

O sobrenome Indígena do Brasil foi criado pelo bisavô, mas o sobrenome original da família é Mankuca e Cavalcanti. Índio por parte da avó, deu o nome para homenagear a indígena, que ficou registado na família.

Figura 58: Maria recebe o diploma



Cascavel, 12 de dezembro de 1970. Momento em que Maria Aparecida Indígena do Brasil recebe o diploma da faculdade. Foto: arquivo pessoal família Indígena do Brasil.

Maria lembra a inauguração da primeira escola, com autoridades e lideranças políticas. Irene Ricler era a Diretora do Grupo Escolar na Escola Carola Moreira, que ficava atrás do primeiro Grupo Escolar. Os irmãos lembram-se da primeira professora, Anita Adames, hoje com 87 anos. Anita não estudou nada para ser professora, foi nomeada pelo exército e só depois fez curso para lecionar.

Eraldo Ribeiro Vilaca, 81 anos

Figura 59: Pioneiro Eraldo Vilaca



Eraldo Ribeiro Vilaca. Foto: Silvia Prado, 2020.

Conhecido como “Padrinho”, Eraldo Ribeiro Vilaca é nascido em 03 de agosto de 1939. Chegou a Cascavel em 1951, é casado com Iraci Vilaca, nascida em 27 de novembro de 1938, que também chegou nos primórdios da cidade, em 1955. Proveniente de Guarapuava, Eraldo já foi agricultor, construtor, árbitro de futebol, músico, compositor e violeiro.

Seus pais, Euvídio Ferreira Vilaca e Alexandrina Maria Vilaca, vieram para Cascavel em junho de 1948, da cidade de Cândói/PR. O pai era agricultor e a mãe doméstica. Muito inteligente, o pai parecia um advogado, mesmo com pouco estudo. Ao todo, o casal teve 7 filhos, sendo 5 homens e 3 mulheres. O pai era safrista, trabalhava com criação de suínos. Instalou-se no primeiro Bairro Cancelli em Cascavel.

Quando chegou, tinha 11 anos. Aos 15, foi morar no sítio, trabalhava na roça, no plantio de milho, feijão, mandioca, arroz e batata, além de engordar suínos.

Casou-se, na Igreja Matriz, com a Iraci Castilho, com quem teve 4 filhos homens, Ederaldo, Ednilson, Alexandre e Evandro Vilaca.

Padrinho gosta de cantar, tocar e compor letras para suas canções. Diz “que sua inspiração vem de Deus, é um dom”, Eraldo Vilaca.

Figura 60: Dupla Sertaneja Laudo & Laudinho



Show no Estúdio RC, antigo Cine Coliseu, que ficava na Avenida Brasil, nas proximidades da Caixa Econômica Federal. A dupla Laudo & Laudinho, depois mudaram para Nito (Eraldo) e Neto (Francisco Vilaca), em 1956. Foto: arquivo pessoal do pioneiro.

Figura 61: Rádio Cidade



Programa da Rádio Cidade, Valores da Nossa Terra, com José Carlos Rodrigues, conhecido por Buscapé. Foto: arquivo pessoal Família Vilaca.

Figura 62: Casamento regularizado



O casal Iraci Castilho e Eraldo Vilaca, regulamentaram o casamento em 1999. Os filhos: Ederaldo, Edenilson, Alexandre e Evandro. Foto: arquivo pessoal família Vilaca.

A família Vilaca abriu à foice e no machado a Avenida Carlos Gomes, na década de 1950. Iniciaram a abertura e o caminho para passagem a pé, a cavalo e de carroça. O trajeto era do início da Carlos Gomes, hoje Drogaria Raia, até o Viaduto da Carelli, depois alongou-se até Bom Retiro, caminho ligado pela Rua Rio da Paz. Posteriormente, na primeira gestão do Prefeito José Neves Formighieri (1952-1956), solicitou os maquinários da prefeitura para abrir a Avenida Carlos Gomes.

A frustração foi grande, pois, achavam que a rua teria o nome de seu pai, mas não aconteceu. O local se chamaria Euvídio Ferreira Vilaca.

Convidado pelo presidente da Liga Almir Martinês, seu Eraldo apitava em jogos de futebol de campo, salão e suíço. Fez curso na Federação e ganhava para as escalas de

trabalho. Foi nos campos que ganhou o apelido de Padrinho, por seu sobrinho, que ficava chamando o padrinho e o apelido pegou. Muitos não o conhecem por Eraldo.

Além disso, Eraldo também trabalhou na Guarda Urbana de Cascavel, a qual sente muito orgulho em ter participado.

Figura 63: Preocupação com a segurança Guarda Urbana



Guarda Urbana em 2 de agosto de 1967, localizada na Rua Duque de Caxias, em frente ao atual Centro Cultural Gilberto Mayer. Da esquerda para a direita: Sargento Valdemar, Eraldo Vilaca, Francisco Vilaca, e Sargento Luiz. A Guarda Urbana função era o treinamento de policiais. (Arquivo da família Eraldo Vilaca).

Essa fotografia da família, demonstra a organização urbana no quesito segurança, homens com seus uniformes.

Nas entrevistas com os pioneiros escolhidos para esta pesquisa tivemos que mudar a sistemática do trabalho para as entrevistas, pois os personagens escolhidos estavam no grupo de risco por serem idosos, então realizamos uma adaptação devido a pandemia causada pelo novo coronavírus (Covid-19), portanto, os roteiros foram mais gerais para as família, pois precisei utilizar depoimentos concedidos enquanto pesquisadora do Museu da Imagem e do Som de Cascavel, em que idealizei o projeto Memória Viva, que tem por objetivo gravar, sem distinção, pioneiros que vieram para Cascavel, bem como colher depoimentos sobre suas histórias de vidas e seus aspectos cotidianos em meio ao crescimento da cidade.

Sobre os roteiros: por que veio para Cascavel, quais as profissões, conquistas e dificuldades encontradas em uma cidade em seu início de desenvolvimento. Sabendo que todos tiveram momentos de lutas por terras, foi de melhorar as condições de vidas.

As personagens são pessoas aguerridas.

Durante a pesquisa, precisamos fazer adaptações para utilizar o acervo no qual tinha feito ao longo dessa jornada, os depoimentos são inéditos, por esta razão, utilizamos nesta pesquisa. Conseguimos realizar só duas entrevistas para este projeto. Outras três famílias ficaram somente com a escrita em breves biografias, pois a pandemia não permitiu com que fizéssemos as gravações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CARTOGRAFIAS DO TEMPO EM FRAGMENTOS

Esta pesquisa teve como proposta trazer abordagens bibliográficas com teóricos que retratam valores da memória, do testemunho, da fotografia e dos documentaristas que trazem reflexões e abordagens acerca do tema em questão.

Conforme desenvolvido, percebe-se que as narrativas deixam explícito o que é possível ficar livre no sentido de trazer as múltiplas linguagens e interdisciplinaridade com as artes, trazendo histórias, lembranças

Os autores aqui citados destacam a importância da oralidade, das memórias, das reminiscências do passado. Sendo que cada um defende seu ponto de vista, o autor Câmara Cascudo demonstra a preocupação com a oralidade, com a cultura das tradições e os povos. Parafraçando o escritor Cascudo, no decorrer da leitura, fica o registro: “Os velhos têm o dom de iluminar a saudade” (Câmara Cascudo, 1984). Com isso, valorizar, ouvir e registrar as histórias dos pioneiros ou dos nossos avós nos permite entender certas culturas e tradições só encontradas na oralidade.

Para Eclea Bosi (1994) afirma que deixou um legado, é sem dúvida uma das inspirações para este projeto de registrar a oralidade das personagens ou cidadãos menos conhecidos em suas cidades, até mesmo anônimos, como a escritora menciona, as “memórias de velhos” são importantes para dar significados para a história social.

Nesta percepção de trilhar as questões de memória individual e coletiva de Maurice Halbwachs, apontando direcionamentos que permitem expressar a memória na individualidade e no coletivo. Temos nossas heranças culturais, mas estamos inseridos no coletivo.

E para o pesquisador e professor João Carlos Tedesco (2001), evidencia as narrativas e as histórias dos anciões em seus depoimentos e despertar da cultura e tradições nas

entrevistas em sua obra *Memória e Cultura*. Esse expoente trabalho, desperta a curiosidade das famílias ao trazer as narrativas dos idosos, trazendo a preservação do contexto cultural e histórico.

Outro autor que traz uma grande influência na pesquisa é Boris Kossoy, em seu livro *História & Fotografia*, em que é possível fazer uma linha do tempo com os assuntos e a importância da imagem para revelar o testemunho. As fotografias são fundamentais para contarmos e propiciarmos as marcas do tempo. Tudo isso é um conjunto que permite trazer a memória, mesmo que com lágrimas, decepções e conquistas, lembranças que podem despertar a curiosidade da história de Cascavel, contada por personagens não midiáticos e simples como são, dignos de serem ouvidos e darem voz ao conhecimento popular.

Com as referências ao cineasta João Moreira Salles, com seu personagem Santiago, fez contribuições importantes. Também percebi que me aconteceu assim como João Moreira, que levou um tempo para retomar o trabalho com as filmagens de Santiago, anos mais tarde. Mas no caso do autor, já não havia mais como fazer, pois, seu personagem já havia falecido.

Para Eduardo Coutinho buscava em seus personagens pessoas anônimas que são comuns às histórias. Em outros casos, trouxe personagens de forma performática, encenando seus depoimentos com atrizes, como demonstrado no filme *Jogo de Cena*.

Também menciono a jovem cineasta Petra Costa, seu trabalho traz o documentário perspicaz sobre a política no Brasil, foi a primeira pessoa a mostrar cenas reais da decadência política no filme documental *Democracia em Vertigem*.

Mas nem tudo fora como planejado, a pandemia causada pela Covid-19 se alastrou por todo o mundo e chegou ao Brasil, ao Paraná e a Cascavel. Precisamos alterar o modo de entrevistar, tiveram 3 personagens que não havia entrevistado pelo projeto idealizado por mim, denominado “Memória Viva no Município de Cascavel desde 2009”.

Passamos por algumas frustrações em não poder gravar todos os pioneiros que estavam relacionados a esta pesquisa, foi preciso adaptar tudo devido a pandemia da Covid-19, bem como reaproveitar as entrevistas concedidas da minha infância na área rural de Cascavel –PR, enquanto pesquisadora desenvolvo um trabalho de relevância histórica para o Município de Cascavel, por meio dos pioneiros, por meio do Museu da Imagem e do Som de Cascavel/PR.

De fato, ocorreram mudanças no roteiro desta pesquisa, as histórias narradas da infância fizeram parte do documentário *Reminiscências: Vozes e Imagens de Cascavel-PR*.

Podendo ser acessado no link disponibilizado nas referências no canal do Youtube. O fato ocorreu para demonstrar o cruzamento de histórias de vida, que ao longo do trabalho realizado pude identificar famílias da área rural que protagonizaram suas vivências compartilhadas para o referido documento tecido ao longo da pesquisa do mestrado.

No decorrer do cronograma, somente duas entrevistas foram registradas: a da família de Eraldo Ribeiro Vilaca e de Maria Aparecida Indígena do Brasil.

Em decorrência das alterações do roteiro do documentário, reinventamos o olhar e os caminhos para que pudéssemos chegar a finalizar a dissertação e a elaboração da criação do documentário em questão. Por essa razão, para alguns pioneiros, ficaram registrados apenas as memórias escritas e não faladas.

Estas são famílias que participaram e presenciaram o desenvolvimento e a colonização da cidade, sem exceção, as histórias relatadas são memórias coletivas do tempo, da vida de cada pioneiro, as informações culturais são pertinentes a cada um que puder apreciar ou se identificar com as lembranças trazidas neste trabalho.

É uma pequena amostra do que podemos encontrar ao valorizar e ouvir um idoso, mesmo que seja fragmentado nessas memórias.

Trazendo histórias da pesquisadora, enquanto preservadora dos depoimentos e da literatura testemunhal, com narrativas e vídeos dos moradores mais antigos da cidade de Cascavel/PR, foi uma tentativa de registrar e rememorar os fatos por meio de contadores de causos e percepções de memórias vividas em seus cotidianos, sendo assim, compartilham conhecimento, tradições e culturas de cada geração. Tais aspectos abordaram histórias, testemunhos e memórias vivenciadas pelos pioneiros, sendo registradas para corroborar com aspectos históricos e culturais, contribuem para o conhecimento popular, assim torna possível o conhecimento científico, histórico e coletivo.

O documentário produzido tem como fio condutor as entrevistas dos pioneiros, utilizando a estética de João Moreira Sales e Eduardo Coutinho em entrevistas com seus personagens. Ora Sales traz seu objeto de pesquisa, o senhor Santiago, como expressão da sua história, e conduz o entrevistado, pois traduzem um pouco no depoimento as histórias de infância ao participar e estar junto nas histórias contadas pelos pioneiros, trazendo assim as minhas histórias como contadora das próprias reminiscências.

Como foco desta narrativa e pesquisa perpassa pela história oral testemunhal, percebe-se que o importante é o registro desses depoimentos para futuros documentários, de valor histórico, manter os vídeos com essas narrativas orais.

Dos pioneiros, são famílias que perseveraram em um lugar distante de sua terra natal, assim como existe todo o momento de adaptação, lutas e conquistas, as famílias entrevistadas aqui trouxeram algumas marcas do tempo, o que realmente passaram e lutaram para a sobrevivência.

Em linhas gerais, esta pesquisa e obra sobre personagens cascavelenses instiga novos pesquisadores acerca do tema. A memória como fio condutor das histórias e narrativas abordando aspectos históricos e culturais. As cenas do campo, as histórias das pessoas simples.

A pesquisa teve o objetivo alcançado, estudar personagens da história de Cascavel-PR, que ficaram à margem do tempo e do espaço. São histórias de vida pouco ilustradas nas literaturas existentes de nossa cidade. O fato de trazermos idosos que passam o conhecimento adquirido de geração em geração, de família para família.

As entrevistas, roteiros e personagens foram evidenciados pelas perguntas simples. Porque vieram para Cascavel? Cada um teve uma motivação, mas o que se percebeu foi que todos vieram para a cidade para uma nova vida, conquistas, um futuro que almejaram em terras paranaenses, em especial aqui no Oeste do Paraná.

A obra fílmica produzida para esta pesquisa teve vários desdobramentos e adaptações que precisaram ser feitas. Neste contexto, a personagem tida como fio condutor desta obra, Silvia Prado, que em meio aos pioneiros, contei as histórias da infância e adolescência, nem todas foram gravadas, mas as demais estão elencadas no decorrer da dissertação e se entrelaçaram com as histórias dos pioneiros. As cenas bucólicas são perolas para este documentário.

O resultado do documentário poderá ser inspiração para outros pesquisadores. O que marca este material é a simplicidade do campo, da roça, do sítio. A obra final teve um desdobramento cultural que nunca imaginei.

De repente, o trabalho foi crescendo e foram aparecendo cenas, histórias, emoções, lembranças jamais vividas. A produção de um documentário traz diversos sentimentos, de choro, alegria, cura da alma e o despertar para novas criações literárias.

O processo é criativo, fazer uma pesquisa como esta trouxe o valor imensurável de nossas trajetórias, sejam quais forem. Todos têm histórias edificantes que podem ser contadas por meio de escritos, relatos e depoimentos.

Por fim, a pesquisa do mestrado possibilitou externar histórias de vidas de famílias pioneiras, além das histórias da minha infância.

O documentário faz parte desta obra, na qual retrata representações e reminiscências do passado, contadas por pioneiros da cidade, tendo como fio da história as narrativas da autora do trabalho.

Neste interim, a obra fílmica disponibilizada em capítulos na Netflix, tentando imaginar como poderia fazer a produção do documentário, se não poderia entrevistar os pioneiros, tendo que cuidar do grupo de risco, e entrevistá-los seria um risco eminente. Por fim, com a série *Anne Com E*, encantadora série canadense, fica perceptível os enfrentamentos, frustrações e alegrias.

O mais interessante foi perceber narrativas por meio de histórias fazem parte da obra fílmica, as cenas bucólicas da personagem me fizeram recordar de muitas lembranças e histórias que ficaram marcadas na infância desde o Rio Grande do Sul até a vinda para o Paraná. Por fim, cada texto, cada abordagem contribuíra ricamente para que pudesse desenvolver a criticidade e o amadurecimento durante a pesquisa, e com isso, abordar o cotidiano das famílias em questão. A intenção foi demonstrar o valor da simplicidade, das histórias de vida e as lembranças contadas por meio de depoimentos espontâneos.

Os filmes retratam a infância, a paisagem e as histórias de vida, me deparei com obras valiosas que puderam contribuir, mesmo que de forma diferente da abordagem dos personagens da série canadense *Anne Com E*, baseada no livro de 1908, *Anne de Green Gables*, de Lucy Maud Montgomery, e adaptada pela escritora e produtora vencedora do Emmy, Moira Walley-Beckett, como fica evidente que a literatura e o filme ilustram as histórias vivenciadas de uma jovem que inspira e instiga a criação e a múltipla arte do documentário produzido durante esta pesquisa.

A ideia de contar e entrelaçar as histórias dos pioneiros com as minhas foram preponderantes para que fosse possível demonstrar, em pequenos versos, poesias e a linguagem que só as narrativas e as histórias podem proporcionar. Diante disso, a pesquisa segue, não paramos por aqui, cada um em sua história, suas memórias que devem ser registradas, memoriadas e representadas, dignas de valor imensurável.

Por fim, ao longo dos estudos, no momento da produção, precisamos nos adaptar e mudar parte do que gostaríamos, pois, a pandemia deste século jamais foi imaginada quando iniciamos esta obra. Jamais imaginamos que íamos passar por esta crise, que não poderíamos chegar perto das pessoas, que deveríamos permanecer a uma distância exigida por lei, utilizarem álcool em gel, máscaras e respeitar o distanciamento social.

Tudo isso gerou algumas frustrações, pois estar junto, ler, escrever, pesquisar e produzir um documentário que tem o idoso como baluarte da memória, ficou mais difícil, o distanciamento social para com os idosos nos impediu de chegar e ouvir novas histórias para serem registradas em vídeos, para que pudéssemos contar os feitos ao longo do tempo e para as gerações futuras.

Ao finalizar a obra fílmica, a poesia discorre do tempo e da memória que tenho quando saía para entrevistar os pioneiros, as lembranças e a pureza da poesia fecham o documentário, que tem a trilha sonora autoral do músico de Cascavel, pianista e compositor Elvis Claro, que me fez a cedência voluntária do material, que recebi como presente para este trabalho de pesquisa que teve brilhantes e doces notas musicais tocadas nas mãos talentosas deste artista cascavelense.

Por fim a produção do filme documentário final desta pesquisa pode ser encontrado pelo título: “Reminiscência: Vozes e Imagens de Cascavel-Pr”, podendo ser acessado no canal do YouTube Silvia Prado, assim como o link nas referências.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

ARAÚJO, Mayara Regina Pereira Dau. **Jogos combinatórios em Julio Cortázar: da arte da memória e do cinema**. 2018. 223 f. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2018. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/handle/tede/3871>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

BAGGIO. Eduardo Tulio. **Filme documentário**. Disponível em <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/4610/1/Eduardo%20Tulio%20Baggio.pdf>>. Acesso em: 12 de agosto de 2019.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (Res) Sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade, Lembranças de Velhos**. 3ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória, Ensaios de Psicologia Social**. 2ªed.São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.

CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 44 ed, reorganizada pelo autor. Duas Cidades. Ouro sobre Azul: São Paulo. Rio de Janeiro, 2004.

CANTARELA, Roberta. *Images and memories in Cat on a Hot Tin Roof*. 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2011. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/handle/tede/2527>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

CARVALHO, Taísa. *Traces and voices of Sylvia Plath: reminiscences and memories*. 2013. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2013. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/handle/tede/2353>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

COSTA, Tati Lourenço da. **Palimpsestos fotográficos**: imagens, lembranças e identificações em narrativas de memória por pessoas idosas. Londrina, Paraná, 2006-2008. Universidade de Santa Catarina mestrado em História. Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina. Ano de publicação: 2010. Disponível em <<http://www.tede.udesc.br/bitstream/tede/2604/1/Tati1.pdf>>. Acesso em: 8 de agosto de 2019.

COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco (orgs). **Literatura Comparada**; textos fundadores. 2 ed. Rio de Janeiro, Rocco, 2011.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido - Tradição e Transformação do Documentário**. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.

Dicionário de termos literários. Disponível em <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literatura-oral/>>. Acessado em: 12 de agosto de 2019.

DYER, Geoff. **O instante contínuo**: uma história particular da fotografia. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.

FEITOSA, André Fonseca. **O Documentário Enquanto Fonte Histórica**: Possibilidades e Problemáticas. Artigo. Disponível em

<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371307904_ARQUIVO_ARTIGOANPUHDocumentariocomofontehistorica2013.pdf>.

FÉLIX, Loiva O. Política, memória e esquecimento. In: TEDESCO, João Carlos. **Usos de Memórias**. Passo Fundo: Ediupf, 2002.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: Possibilidade e Procedimentos**. Edições Associação Humanitas. 2ª ed. São Paulo. 2006.

GOMES, Marcilene Pöpper. **Memórias e vida escolar: relatos de formação de professoras da educação infantil Brusque/SC – Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC**. Mestrado em Educação e Cultura (2006). Disponível em <<http://tede.udesc.br/tede/tede/2410>>. Acesso em: 23 de junho de 2019.

HACKING, Juliet. **Tudo sobre fotografia**. Ed. Atualizada. Sextante. 2018.

HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. São Paulo: Editora Centauro, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Shaffter. São Paulo: Vértice, 2013.

IBGE. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/cascavel/panorama>>.

KHOURY, Dra. Yara Aun (PUC/SP). ALMEIDA, Dr. Paulo Roberto de (UFU/MG). Artigo. **História Oral e Memórias Entrevista com Alessandro Portelli** - Universidade La Sapienza, de Roma/Itália. Disponível em <<file:///C:/Users/Acer/Downloads/27504-Texto%20do%20artigo-108229-1-10-20140827.pdf.8>>. Acesso em: 8 de agosto de 2019.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão, et. al. – 5. ed. – Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2003.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Literatura oral. Disponível em <http://www.uesc.br/icer/artigos/literatura_oral.pdf>. Acessado em: 12 de agosto de 2019. Artigo.

LUMMERTZ, Frank Cardoso. **A roça da estância: memória e experiência de trabalhadores rurais nos aparados da Serra, 1940-1986**. Mestrado em História. Universidade do Estado de Santa Catarina 2014.

MACIEL, Maria Esther. **A memória das coisas – Ensaios de literatura, cinema e artes plásticas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

MENDES, Bruno. **Memória, Testemunho e Escrita da História nos Arquivos da Ditadura Militar Brasileira**. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/21502/0>>.

MORAES, Olga Rodrigues de. **Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento: O Exemplo do Centro de Memória da Unicamp**. Disponível em <<http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/vonsimson.html>>.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed. Trad. Mônica Saddy Martins. Campinas: Papirus, 2012.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

____. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo, dez 1993. In: _____. Les lieux de mémoire. I La République, Paris, Gallimard, 1984. pp. XVIII-XLII.

PEDROLO, Fabiana Maceno Domingos. **Faces e interfaces do cinema de poesia – A insustentável leveza do ser e a forma lírica de narrar à liberdade**. 2018. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2018. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/handle/tede/3573>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

PENAFRIA, Manuela. **O Filme Documentário: História, Identidade, Tecnologia**. Edições Cosmos. Lisboa, 1999.

PIMENTEL, Danieli dos Santos. **A Literatura Oral na Amazônia: Roteiros Teórico Metodológicos**. 2017. Disponível em: <<https://slidex.tips/download/a-literatura-oral-na-amazonia-roteiros-teorico-metodologicos-danieli-dos-santos>>. Acesso em: 8 ago. 2019.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. 1989.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Projeto História, São Paulo, n. 15, 1997.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo cinema documentário**. São Paulo: Senac, 2008.

____: **O que é Documentário?** Campinas: UNICAMP. 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Trad. Alain François ET al. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

ROUILLÉ, A. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. Tradução: Constança Egrejas. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2009.

SANTOS, Caio Floriano dos. **A enchente em Itajaí (SC): relatos, percepções e memórias**. V.1.. UDESC. Universidade do Estado de Santa Catarina. 2010. Disponível em <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/866/caio_floriano_dos_santos.pdf>. Acesso em 23 de junho de 2019.

SPERANÇA, Alceu A. **Cascavel, a História**. Cascavel: Editora Gráfica Positiva, 2007.

SCHÜTZ, Karla Simone Willemann. **Lembranças revisitadas: o laboratório de história oral da UFSC e as entrevistas de Simão Willemann - memória e história oral em Santa Catarina (1975-2013)**. Disponível em <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/2025/karla_simone_willemann_schutz.pdf>. Acesso em: 23 de julho de 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o real. In: ____, org. **História, memória, literatura**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento**. Disponível em <https://www.academia.edu/13030591/Memoria_cultura_e_poder_na_sociedade_do_esquecimento_-_Olga_Rodrigues_de_Moraes_von_SIMSON>. Acesso em: 12 ago. 2019.

SIRINO, Salete Paulina Machado. **The reality materialization on the literary and filmic works S. Bernardo, Vidas Secas e Memórias do Cárcere**. 2014. 172 f. Tese (Doutorado em Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2014. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/handle/tede/2357>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

____: **Sobre Fotografia, Ensaios**. Companhia das Letras. 1997. Disponível em <<http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2016/09/Sobre-fotografia-Susan-Sontag.pdf>>. Acessado em 12 de agosto de 2019.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma História Crítica do Fotjornalismo Ocidental**. Ed. Grifos. Letras Contemporâneas. 2000.

TEDESCO, João Carlos. **Memória e Cultura: o coletivo, o individual, a oralidade e o fragmento de memórias de nonos**. Porto Alegre: Est Edições. 2001.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

SALLES, João Moreira. **Varandas.doc**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Pf1SZbBc3cI>>. Acesso em: 13 de agosto. ITS Rio. Publicado em 9 de out de 2017.

BATISTA, João. Projeto Memória Viva – Impressões, Avant filmes, Vander Colombo, Fábio Novelli, entrevista concedida a Silvia M. S. do Prado. Museu da Imagem e do Som Secretaria de Cultura e Esportes. 2019.

BRASIL, Maria Aparecida Indígena Do. Entrevista concedida a Silvia M. S. do Prado e Luiza Vaz Magela. Cascavel – Paraná. 2020.

FRIEDRICH, Ernestina. Projeto Memória Viva Itinerante Entrevista concedida a Silvia M. S. do Prado. Museu da Imagem e do Som. Secretaria de Cultura e Esportes. Cascavel – Paraná. 2017.

NEPHES, Eduvirges Nojekovski. Projeto Memória Viva Itinerante. Entrevista concedida a Silvia M. S. do Prado. Museu da Imagem e do Som. Secretaria de Cultura e Esportes. Cascavel - Paraná. 2017.

PIECZARKA, Severino. Projeto Memória Viva Itinerante. Entrevista concedida a Silvia M. S. do Prado. Museu da Imagem e do Som Secretaria de Cultura e Esportes. 2017.

SANTOS, Domingos Manoel Dos. Projeto Memória Viva Itinerante, entrevista concedida a Silvia M. S. do Prado. Museu da Imagem e do Som Secretaria de Cultura e Esportes. Cascavel - Paraná. 2019.

VILACA, Eraldo Ribeiro. Entrevista concedida para Silvia Prado e Luiza Vaz Magela. 2020.

Reminiscências: Vozes e Imagens de Cascavel-PR. Produção de Silvia Maria Soares do Prado. Paraná. 2020. Vídeo (31'35). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=r9VYWSLoYuA&feature=youtu.be>

Trilhas sonoras disponibilizadas pelo Compositor e Pianista Elvis Claro. Música: “Rígel”; “Hope”; ”Lost”; “Little Bee” (Abelhinha). Disponível em:
<<https://www.elvisclaro.com.br/>>.

Poesia para o fechamento do documentário: Reminiscências: Vozes e Imagens denominada “Memórias” do autor Geraldo Magela de Souza.

Arquivos fotográficos: Silvia M. S. do Prado; Maria de Lourdes do Prado; Jucelene das Graças Soares do Prado; Raquel Schandeski; Salete Bramatti; e álbum das famílias entrevistadas.